



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE-UFRN
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)**

ANTÔNIO SÉRGIO AMORIM SANTOS

**LETRAMENTO LITERÁRIO COM ALUNOS 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL:
UM ESTUDO A PARTIR DA LEITURA DE CONTOS DE TERROR**

**TERESINA – PI
2025**

ANTÔNIO SÉRGIO AMORIM SANTOS

**LETRAMENTO LITERÁRIO COM ALUNOS 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL:
UM ESTUDO A PARTIR DA LEITURA DE CONTOS DE TERROR**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Estadual do Piauí– UESPI, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Luciano Ferreira da Silva

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Linguagens e Letramentos

LINHA DE PESQUISA: Estudos Literários

**TERESINA – PI
2025**

ÂNTONIO SÉRGIO AMORIM SANTOS

**LETRAMENTO LITERÁRIO COM ALUNOS 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL:
UM ESTUDO A PARTIR DA LEITURA DE CONTOS DE TERROR**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Linguagens e Letramento.

LINHA DE PESQUISA: Estudos Literários

ORIENTADORA: Prof. Dr. Luciano Ferreira da Silva

Aprovada em: ____ / ____ / 2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luciano Ferreira da Silva (Orientador)
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Profa. Dra. Marcia Edlene Mauriz Lima
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Profa. Dra. Raquel da Silva Lopes
Universidade Federal do Pará (UFPA)

S237I Santos, Antônio Sérgio Amorim.

Letramento literário com alunos do 7º ano do ensino fundamental
: um estudo a partir da leitura de contos de terror / Antônio
Sérgio Amorim Santos. - 2025.
120f.: il.

Dissertação (mestrado) - Programa de Mestrado Profissional em Letras -
PROFLETRAS, Universidade Estadual do Piauí, 2025.

"Orientador: Prof. Dr. Luciano Ferreira da Silva". "Área de
Concentração: Linguagens e Letramentos". "Linha de Pesquisa:
Estudos Literários".

1. Literatura. 2. Letramento Literário. 3. Formação de Leitores. I. Silva,
Luciano Ferreira da . II. Título.

CDD 418.4

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (Todorov, 2007)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo dom da vida, pela oportunidade de cursar o mestrado profissional que era um sonho desde a graduação. Agradeço por Ele estar ao meu lado sempre, principalmente nas viagens de Esperantina a Teresina.

Agradecer a minha família, principalmente minha mãe, Lindalva Maria, que é o amor mais puro que há na face da terra. Ao meu pai e sua esposa que sempre me acolheram na sua casa com carinho e cuidado.

Agradecer ao meu orientador, Prof. Dr. Luciano Ferreira da Silva, por compartilhar comigo sua experiência e conhecimento acadêmico nessa longa caminhada que é o mestrado.

Agradecer à Capes, à Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN por ofertar essa formação que é importantíssima para os professores da educação básica.

À Universidade Estadual do Piauí-UESPI, à qual tive o prazer de retornar como mestrando, em nome da professora e coordenadora Dra. Lucirene da Silva Carvalho.

Aos componentes da banca de qualificação, Profa. Dra. Marcia Edlene Mauriz Lima (UESPI), Profa. Dra. Raquel da Silva Lopes (UFPA) pelas valiosas dicas e contribuições para este trabalho.

Aos professores do Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS, que contribuíram para que eu retornasse à sala de aula com significativas contribuições e novas perspectivas sobre o ensino da língua e da literatura.

À escola em que eu realizei minha pesquisa e aos alunos que foram essenciais nesse processo de troca e construção do conhecimento.

Aos amigos da turma 9 do PROFLETRAS por compartilharem experiências, conhecimentos, angústias e muitas alegrias durante esses dois anos de curso; em especial, às minhas amigas Andressa Ramos e Francymara Carvalho pelos nossos trabalhos em grupo e nossas risadas durante o intervalo das aulas.

Enfim, a todos os envolvidos direta e indiretamente na realização desse sonho, obrigado a todos!

RESUMO

O trabalho com o texto literário na sala de aula deve visar à formação crítica, humana e intelectual dos alunos, entretanto o professor, muitas vezes, não aborda a literatura na escola como deveria ser por uma série de fatores; quando ela é trabalhada, não consegue atingir o seu objetivo. Diante dessa problemática, este trabalho dissertativo tem como objetivo analisar como a leitura de contos de terror pode contribuir com o letramento literário com vista a desenvolver o gosto pela leitura em alunos do 7º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Esperantina-PI, contribuindo, dessa forma, para o letramento literário e a formação do leitor. A metodologia utilizada na pesquisa consistiu em uma pesquisa bibliográfica e a realização de oficinas de leitura inspiradas na Sequência Básica de Cosson (2009). Para a sua realização, este trabalho contou com o referencial teórico sobre letramento, letramento literário e leitura e formação do leitor, destacando os seguintes pesquisadores: Cosson (2014), Cosson (2020) sobre letramento literário; Soares (2004), Soares (2020), Kleiman (2008) sobre letramento; Zilberman (2003), Solé (1996) sobre leitura; Todorov (2012), Candido (2004), entre outros. As reflexões propostas por essas teorias possibilitaram a construção de uma proposta metodológica para aplicar durante as semanas em que a pesquisa foi desenvolvida com os alunos. Espera-se que o resultado desta pesquisa contribua de forma positiva para o meio acadêmico e que a proposta de intervenção, adaptada à realidade de cada sala de aula, possa ajudar no letramento literário e consequentemente na formação de leitores.

Palavras-chave: Literatura; Letramento Literário; Formação de Leitores.

ABSTRACT

Working with literary texts in the classroom should aim at the critical, human and intellectual formation of students. However, teachers often do not approach literature in school as they should, due to a series of factors. When it is worked on, it fails to achieve its objective. Given this problem, this dissertation aims to analyze how reading horror stories can contribute to literary literacy with a view to developing a taste for reading in 7th grade elementary school students at a public school in the municipality of Esperantina-PI, thus contributing to literary literacy and reader formation. The methodology used in the research consisted of bibliographical research and reading workshops inspired by Cosson's Basic Sequence (2009). To carry it out, this work relied on the theoretical framework on literacy, literary literacy and reading and reader formation, highlighting the following researchers: Cosson (2014), Cosson (2020) on literary literacy; Soares (2004), Soares (2020), Kleiman (2008) on literacy; Zilberman (2003), Solé (1996) on reading; Todorov (2012), Candido (2004), among others. The reflections proposed by these theories made it possible to construct a methodological proposal to be applied during the weeks in which the research was developed with the students. It is expected that the result of this research will contribute positively to the academic environment and that the intervention proposal, adapted to the reality of each classroom, can help in literary literacy and consequently in the formation of readers.

Keywords: Literature; Literary Literacy; Reader Formation.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Perfil do leitor que está estudando e que não está.....	27
Gráfico 2: Como começou o interesse pela leitura?.....	28
Gráfico 3: Desempenho do Brasil em leitura.....	47
Gráfico 4: Você gosta de ler textos literários (ficcionais)?.....	71
Gráfico 5: Quantos livros você leu aproximadamente?.....	72
Gráfico 6: Qual gênero literário você prefere?.....	73
Gráfico 7: Em quais circunstâncias você costuma ler?.....	74
Gráfico 8: Quais atividades lhe agradam após a leitura do texto literário?.....	76
Gráfico 9: Você gosta de história de terror e mistério?.....	77
Gráfico 10: Como você teve contato com elas?.....	78
Gráfico 11: Você costuma ler os livros indicados pela escola?.....	78

LISTA DE TABELAS

<u>Tabela 1: Gêneros que costuma ler por escolaridade.....</u>	29
<u>Tabela 2: Planejamento do círculo de leitura.....</u>	48
<u>Tabela 3: Quantidade de turmas e alunos.....</u>	59
<u>Tabela 4: Detalhamento das oficinas.....</u>	65
<u>Tabela 5: Quiz sobre o conto.....</u>	82

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 LETRAMENTO: definições e concepções.....	15
2.1 Letramento Literário e a Formação do leitor.....	22
2.2 Letramento Literário no espaço escolar.....	34
3 LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO NA ESCOLA: um destaque para o conto... 41	
3.1 Leitura do Conto na Escola.....	45
3.2 As narrativas de terror e algumas considerações.....	52
4 METODOLOGIA.....	55
4.1 Caracterização da pesquisa: abordagem, objetivos e procedimentos.....	56
4.2 Campo e sujeitos da pesquisa.....	58
4.2.1 Caracterização da pesquisa.....	61
4.2.2 Apresentação do <i>corpus</i> da pesquisa.....	61
4.2.3 Instrumento de coleta de dados.....	62
4.2.4 Procedimentos para coleta de dados.....	64
5 ANÁLISE DOS DADOS.....	69
5. 1 Perfil do leitor.....	70
5.2 Análise dos Dados das Oficinas.....	79
6 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS.....	105
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOBRE LEITURA LITERÁRIA	110
ANEXO A – DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR.....	112
ANEXO B – TERMO DE COSSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	113
ANEXO C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	116
ANEXO D – PARECER DO CONSELHO DE ÉTICA.....	118

1 INTRODUÇÃO

Quando se fala no processo de formação escolar do aluno, cabe à escola o papel principal de formar leitores competentes que possam utilizar a língua em práticas sociais do dia a dia, ou seja, nos diferentes contextos de interação. Na sociedade letrada em que se vive, é importante o uso da leitura, seja no ambiente escolar, no trabalho, nas relações com as outras pessoas e no ambiente virtual que não pode ser deixado de lado no contexto contemporâneo em que a sociedade vive.

Ademais, a escola é responsável nesse processo citado anteriormente, ou seja, para que ela cumpra seu papel, é importante que o letramento literário faça parte das práticas nas aulas de língua portuguesa corriqueiramente. Dessa maneira, entende-se que a leitura do texto literário é importante não só pela questão da formação de leitores, formação crítica e intelectual, que aguça a criatividade, dentre outros benefícios.

Assim, a literatura tem o poder de aproximar o mundo real da ficção, esse diálogo pode contribuir com vários aspectos da vida dos alunos. Muitas vezes a escola aborda o texto literário de forma errônea, ou seja, como pretexto para responder atividades puramente pedagógicas, e o prazer pela leitura é deixado de lado. Nesse sentido, o ocorre o inverso daquilo que se pretendia, a leitura do texto literário é vista como algo ruim e não desperta o interesse dos alunos.

Diante dessa problemática, optou-se por desenvolver uma pesquisa com o tema **LETRAMENTO LITERÁRIA COM ALUNOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO A PARTIR DA LEITURA DE CONTOS DE TERROR**. A ideia de trabalhar o gênero conto, em particular o de terror, deu-se pelo fato de o professor ter algumas experiências exitosas em sala de aula com o gênero textual em destaque. Percebeu-se o interesse dos alunos pelas leituras, tanto individual quanto coletiva na sala de aula, de alguns contos que foram propostos.

A escolha desse tema se deu também pelo fato de deparar-me com os problemas de aprendizagem que os alunos enfrentam no contexto escolar e uma forma de superar essa problemática é a formação de leitores. O letramento literário é uma proposta de ensino da literatura na escola que visa à construção de sentidos do texto literário e como também a formação de um sujeito leitor por meio da linguagem literária.

Entende-se que o incentivo à leitura do texto literário pode contribuir para que os alunos tomem o gosto pela leitura e façam com que ela se torne presente na vida deles. Além de aguçar a criatividade, ela abre portas para o conhecimento não só da língua portuguesa, mas também de outras disciplinas do contexto escolar. O texto literário pode proporcionar experiências vividas pelos personagens das narrativas, desenvolver o senso crítico, dentre outras contribuições para os alunos do ensino fundamental.

Diante das dificuldades, em relação à aprendizagem dos alunos, mencionadas anteriormente, estabeleceu-se a seguinte questão norteadora: como o suspense de contos de terror pode gerar possíveis paixões do leitor por esse gênero? De que modo o conto pode contribuir com o processo de letramento literário contínuo na vida leitora desses alunos do ensino fundamental?

Esse questionamento levou à construção da seguinte hipótese em relação à pesquisa: o trabalho com a leitura de contos de terror desperta nos alunos do 7º ano do ensino fundamental uma postura mais ativa diante do texto, já que eles são os principais agentes nesse processo, contribuindo assim para o letramento literário deles ao longo do processo escolar e do percurso da sua própria vida.

A relevância do tema da presente pesquisa está na contribuição acadêmica e social, já que essa abordagem é de interesse de vários professores que se deparam com as mesmas aflições em relação ao trabalho com o texto literário. O letramento literário é uma corrente de pesquisa que proporciona uma nova abordagem de trabalho com a literatura que envolve e desperta nos alunos o gosto pela leitura de forma significativa, o mais importante nesse processo, ele não se restringe apenas à escola.

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar como a leitura de contos de terror pode contribuir com o letramento literário com vista a desenvolver o gosto pela leitura em alunos do 7º ano do ensino fundamental contribuindo, dessa forma, para o letramento literário e a formação do leitor.

Para atingir o objetivo geral do trabalho, definiram-se cinco objetivos específicos, dentre eles: realizar um estudo teórico sobre letramento literário, dando ênfase nos contos de terror; descrever o suspense que subjaz nos contos de terror; apontar as dificuldades que os alunos apresentam na leitura e compreensão do texto literário; aplicar oficinas destinadas à leitura e à discussão dos contos de terror e, por fim, apresentar uma proposta de intervenção, com ênfase nos contos de terror,

que privilegiem a formação leitora dos alunos, contribuindo para o processo de letramento literário deles.

Como referencial teórico utilizou-se os estudos de Cosson (2014), Cosson (2020) sobre letramento literário; Soares (2004), Soares (2020), Kleiman (2008) sobre letramento; Zilberman (2003), Solé (1996) sobre leitura; Todorov (2012), Candido (2004) sobre a função da literatura, dentre outros teóricos, para melhor discutir a temática em destaque.

A presente pesquisa está estruturada em seis capítulos. Os três primeiros capítulos trazem as discussões teóricas que embasaram o desenvolvimento da pesquisa e estão estruturados dessa maneira: o primeiro capítulo foi reservado à introdução; o segundo aborda as discussões e concepção de letramento; o terceiro traz os aportes teóricos de letramento literário e suas contribuições para a formação do leitor.

O quarto capítulo é destinado à metodologia da dissertação, delimitando o campo de pesquisa, a caracterização, o *corpus* e os instrumentos de coleta de dados. O quinto capítulo apresenta a análise dos dados coletados pelo pesquisador e o sexto capítulo apresenta a proposta de intervenção do trabalho com ênfase nos contos de terror para uma turma de sétimo ano do ensino fundamental da zona rural de Esperantina-PI.

2 LETRAMENTO: definições e concepções

No contexto altamente globalizado onde os alunos estão inseridos, é importante evitar fazer leituras superficiais dos textos. Eles precisam ir além, é essencial que estejam preparados para diversos níveis de letramento. Recorre-se a alguns estudiosos do assunto para esclarecer esse termo, pois há vários pensamentos sobre a temática que requer melhor entendimento acerca do assunto.

Dessa forma, para o desenvolvimento desse trabalho fez-se necessário um estudo sobre as definições e concepções do termo de forma mais ampla, para em seguida, debruçar-se sobre os postulados do letramento literário e suas implicações para formação do leitor do texto literário. Essas discussões estão divididas em dois subtópicos.

Todos falam da importância da leitura na vida das pessoas e dos benefícios que ela traz para quem ler. Aquele que lê adquire novos conhecimentos, desperta a curiosidade, desenvolve-se criticamente, possui a facilidade de se expressar melhor, consegue escrever bem e adquire sempre novos conhecimentos.

Por outro lado, no contexto no qual os jovens vivem atualmente, o celular, notebook e outros aparatos midiáticos passam a ocupar maior parte do tempo das pessoas, principalmente dos adolescentes. Esses aparelhos acabam se tornando vilões, quando na verdade poderiam ser aliados no processo de ensino-aprendizagem.

Essas podem motivá-los para prática da leitura principalmente entre os alunos da educação básica, pois esses suportes acabam se tornando algo atrativo entre eles. O conto de terror, gênero em destaque neste estudo, dialoga com diversos outros gêneros os quais estão presentes nestes suportes eletrônicos como: séries, filmes, animações, jogos virtuais, novelas, dentre outros. O importante nesse processo é tornar a tecnologia uma aliada, para poder despertar nos alunos o interesse pelo texto literário, por meio desse diálogo intertextual.

Entretanto, um dos maiores desafios é estimular nos alunos o gosto pelo texto literário e conseqüentemente formar leitores. Atualmente, percebe-se que esses jovens passam a maior parte do tempo no telefone celular, na televisão, notebook, entre outros aparelhos tecnológicos e a leitura acaba ficando em segundo plano para eles.

Para compreender com mais profundidade a contribuição do letramento literário para formação do leitor, procurou-se, em primeiro lugar, adentrar nas suas concepções e suas contribuições para a sociedade e para o ensino. A língua tem a capacidade de possibilitar a interação das pessoas nos mais diversos contextos do dia a dia.

Ler é construir sentidos a partir da interação entre leitor, texto e autor. Não se leem apenas as informações expressas, mas também as sugeridas, os implícitos, a situação em que se produz o texto: tudo isso contribui para a compreensão leitora. A leitura passa a ser “desvendar mistérios” e, para isso, é preciso ensinar aos alunos essa habilidade, essa interação, esse trabalho. Compreende-se a leitura como uma atividade linguística, social e cognitiva, ela exige muito trabalho, e é por meio do exercício da leitura que o aluno aprenderá a ler.

Para ensinar a ler, é preciso conhecer o desenvolvimento do processo leitor. Vale lembrar que, assim como um texto deve ser entendido em sua totalidade, a leitura não é feita por partes. Não se entendem primeiro as palavras e depois as frases. Ao contrário, palavras e frases são entendidas no contexto e no cotexto.

Cotexto são as relações linguísticas do texto. Segundo Guimarães (2014, p. 22), são os fatores linguísticos os quais entram em jogo na compreensão. O contexto inclui todas as pistas linguísticas que estão em um enunciado ou em torno dele como, por exemplo, nas frases seguintes, nas anteriores, no título, nas legendas e nas notas.

Assim, quando se tomam os substantivos do texto, desenvolve-se no aluno uma habilidade cotextual, ou seja, ele perceberá que o uso dos sinônimos está contribuindo para que ele retome uma palavra do próprio texto, não só da realidade extraverbal. De acordo com Guimarães (2014, p. 122), o autor de um texto precisa levar em consideração o contexto em que seu texto circulará, por sua vez, quem o lê deve prestar atenção nos elementos linguísticos e extralinguísticos, a fim de atribuir sentido coerente ao texto, dentro das possibilidades abertas por seu autor.

Durante anos, o estudo do texto ficou restrito ao seu cotexto, isto é, o texto era trabalhado a partir de suas sequências verbais e suas combinações. Acreditava-se que por meio das relações linguísticas, o aluno chegaria à interpretação adequada.

Na maior parte das vezes, a dificuldade de leitura reside na falta de estratégias, de procedimentos os quais mostrem ao aluno como considerar cotexto e

contexto. O professor precisa explicitar suas tarefas cognitivas e de identificação social durante o ato de ler para o aluno perceber que, para a construção do sentido, são realizadas algumas atividades cognitivas e sociais.

Acatar a concepção de texto como construção cultural implica agregar à prática da leitura ações para o aluno estabelecer relações entre linguagens, textos e contextos, de tal forma que ele não seja visto/lido como um produto isolado. Deve-se agregar à concepção dele a concepção de gênero textual, que traz incorporada a dimensão cultural e política da linguagem.

Devido à polissemia do termo letramento, um conceito múltiplo e sofre alteração com as pesquisas, é importante trazê-los no presente trabalho. Alguns autores discutem letramento e descrevem-no como fenômeno e processo.

Street (2014) afirma que essa descrição vem desde os anos de 1980 e os diferentes conceitos e as diferentes implicações da metodologia não eram estudados com mais profundidade. O autor destaca:

A etnografia por si só não é uma solução mágica para o “problema” de investigar o letramento: sem clareza teórica, a investigação empírica do letramento apenas reproduzirá nossos próprios preconceitos, qualquer que seja o sentido que atribuímos a “etnografia”. (Street, 2014, p. 66)

Nessa perspectiva, o estudo do letramento só se torna relevante quando estudado como um conjunto de práticas sociais em que as pessoas estão envolvidas em diversos contextos de interação no dia a dia. O termo por si só não dará conta de explicar esse fenômeno com maior profundidade.

Assumem vasta importância, nessa conjuntura, os pensamentos de Soares (2020), para quem letramento é um conceito complexo e diversificado, pois são diversas e diferentes práticas sociais as quais envolvem a escrita em diferentes contextos, por exemplo, na família, no trabalho, na igreja, nas mídias impressas ou digitais, em grupos sociais com diferentes valores e comportamentos de interação.

O letramento vai muito além da codificação ou decodificação de letras ou palavras. É fazer uso significativo e social das práticas de leitura e escrita, em diversos contextos sociais em que os estudantes estão inseridos, seja na escola, em casa, nas relações pessoais, entre outros contextos. É importante destacar:

(...) o sentido que tem letramento, palavra que criamos traduzindo “ao pé da letra” o inglês *literacy*: letra-, do latim *littera*, e o sufixo -mento que denota o resultado de uma ação (como, por exemplo, em

ferimento, resultado da ação de ferir). Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (Soares, 2004, p.18)

Percebe-se que o termo vai muito além de saber ler e escrever, ele faz parte das práticas sociais das pessoas diariamente. A escola tem um papel importante nesse processo, é nela que os alunos entrarão em contatos com diversos níveis de aprendizagem durante todo o período escolar. Nessa perspectiva, é importante trazer o conceito de “eventos de letramento”, segundo Street (2014), são os momentos que a escrita é fundamental para interação dos sujeitos, e também em seus processos interpretativos.

Ainda de acordo com Soares (2004), a escola é a principal responsável por garantir as práticas de letramento na sociedade contemporânea, altamente globalizada, em que vivemos. Por outro lado, o sistema escolar é incapaz de oferecer uma escolarização de forma universal, isso reflete em altos índices de analfabetismo.

O termo letramento está relacionado a diversas práticas sociais das pessoas e faz parte da cultura da sociedade. Ademais, a autora defende que:

Quando o foco se desloca para a dimensão social, o letramento é visto como um fenômeno cultural, um conjunto de atividades sociais que envolvem a língua escrita, e de exigências sociais de uso de língua escrita. Na maioria das definições atuais de letramento, uma ou outra dessas duas dimensões é priorizada: põe-se ênfase ou nas habilidades individuais de ler e escrever, ou nos usos, funções e propósitos da língua escrita em contexto social. (Soares, 2004, p.66)

Nesse sentido, o letramento faz parte da vida das pessoas nos mais diversos contextos de interação: em casa, no trabalho, entre outros; mas a escola é o lugar mais importante e responsável por promovê-lo. Os alunos chegam à escola com o objetivo de ler e escrever lá nas séries iniciais. A partir do momento que eles adquirem essas habilidades, passam a utilizá-las ao longo de suas vidas como práticas sociais no dia a dia.

De acordo com Soares (2004), socialmente e culturalmente, a pessoa letrada não é a mesma quando era analfabeta. Ela está inserida em práticas sociais, culturais, ela muda a sua relação com o outro, muda a sua forma de viver em sociedade.

O letramento é um processo o qual aluno vai adquirir ao longo da vida escolar. Nessa perspectiva, Soares (2004) defende que a escola deve fazer

avaliações e medições progressivas dos níveis de letramento dos alunos. Ela é a instituição à qual sociedade delega a responsabilidade das gerações adquirirem habilidades, conhecimentos, valores e especificidades essenciais para a formação de qualquer cidadão.

Nessa mesma direção, Kleiman (2008) converge nos seguintes aspectos: quando o caracteriza como o conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico, em determinados contextos de interação e comunicação. Ele extrapola as barreiras do código escrito aprendido nas instituições formais de ensino e se encarrega de colocar os indivíduos nas práticas sociais que fazem uso dessa escrita nas diversas práticas sociais cotidianas.

Quando essas pessoas passam a ter domínio do sistema de escrita e apropriam-se dessa tecnologia, o processo de letramento pode ser ampliado e outros níveis podem ser construídos.

Outro aspecto importante: Kleiman (2008) destaca a concepção do modelo ideológico de letramento e define que essas práticas são determinadas pelo contexto social, pois buscam questionar a relativização daquilo considerado universalmente confiável, pois tem sua origem numa instituição de prestígio nos grupos de cultura letrada. Esse modelo leva em conta as diferenças e a pluralidade da sociedade, o modelo visa ainda à formação crítica quando voltado às concepções pedagógicas de ensino.

É importante destacar também: aquelas crianças as quais têm o contato desde cedo com as práticas que envolvem a escrita, maior é a probabilidade dessas duas modalidades da língua se desenvolverem ao mesmo tempo. Terzi (2008) destaca que ao mesmo tempo em que essas crianças começam a falar, elas começam a aprender as funções e os usos da língua escrita. Dessa forma, possivelmente essa criança se torne uma possível leitora e produtora de texto não alfabetizada, entretanto, já com algumas concepções letradas.

Ainda segundo a autora, em relação a crianças de meios iletrados ou pouco letrados, elas já têm um domínio razoável da linguagem oral, ainda que as competências comunicativas delas possam variar dependendo da classe social ou grupo social ao qual eles pertencem. Por exemplo, uma criança que tem contato com a leitura em casa pela influência dos pais se sobressai melhor na escola se comparada ao aluno que não possui as mesmas oportunidades em casa.

Percebe-se a importância do ambiente familiar quando é permeado de eventos de letramento os quais possam impactar positivamente na vida dessas crianças. O contato desde cedo com livros infantis, a discussão oral dos mais variados tipos de textos é uma forma de desenvolver a capacidade de produção de textos escritos.

Em busca de respostas sobre as concepções da teoria estudada, retoma-se a discussão empreendida por Street (2014), que classifica dentro do quadro teórico, dois modelos de letramento: o modelo autônomo e modelo ideológico. O primeiro modelo, denominado de autônomo pelo autor, baseia-se na capacidade individual de leitura e escrita, é imposto como modelo único de letramento e deve ser apreendido de forma homogênea por todos. A leitura e, principalmente, a escrita não deve ser considerada pelo contexto social.

Em relação ao segundo modelo, proposto por Street (2014), denominado de ideológico, é mais cauteloso em relação a grandes narrativas. Ele se concentra nas práticas de leitura e escrita consideradas plurais, leva em conta não só as questões culturais, mas também as posições ideológicas e as relações de poder que estão associadas a esse modelo de letramento.

Continuando as discussões sobre a temática em destaque, no artigo *Conceitos de letramento(s) na Base Nacional Comum Curricular do ensino fundamental*, publicado na Revista da Abralin, o trabalho consultado apresenta um recorte de uma pesquisa que analisa a BNCC à luz do tema letramento e seus correlatos. Mafra; Semechechem, Mello (2022) destacam que o documento normativo concebe a linguagem na perspectiva enunciativo-discursiva. Foram encontradas nove referências ao termo letramento no documento, dentre eles: práticas diversificadas de letramento, letramento, eventos de letramento, letramento de letra, multiletramento, novos letramentos e letramento digital.

Ainda segundo Mafra; Semechechem, Mello (2022), cabe uma discussão mais aprofundada do termo e dos conceitos de letramento na BNCC, visto que as habilidades do Componente Língua Portuguesa têm como objetivo desenvolvimento do(s) letramento(s). Essas habilidades estão relacionadas ao objetivo de conhecimento e de aprendizagem.

O documento possui um caráter prescritivo que os currículos das mais diversas escolas do país podem ter como referência para elaborarem seus currículos de forma a contribuir com a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos,

logo a BNCC precisa ser estudada de forma crítica por professores e pelos profissionais que estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

É preciso destacar a importância da Base Nacional Comum Curricular dá ao advento tecnológico na sociedade, ele impacta diretamente nos diversos setores da sociedade e na escola não é diferente. A Base defende que a escola possibilite aos alunos apropriar-se das linguagens e tecnologias digitais e tornem-se aptos a usar de forma crítica e reflexiva nas práticas sociais.

O uso dessas ferramentas possibilita que os alunos interajam entre si, despertem o interesse deles, já que é algo atrativo e eles estão em contato diariamente no contexto digital. Dessa forma, todo esse processo possibilita um melhor desenvolvimento intelectual com o auxílio da escola.

É importante conceber a ascensão do avanço tecnológico, a diversidade cultural, a multimodalidade e a multisssemiose sem associar à questão do letramento que se juntando a todos esses aspectos surge um novo termo chamado multiletramentos. Todos esses aspectos estão relacionados a linguagem humana e tornam a língua dinâmica e em constante evolução.

De acordo com Rojo (2012), o termo surgiu pela primeira vez por volta de 1996. Um manifesto resultante de um colóquio do Grupo de Nova Londres, um grupo de pesquisadores reunidos em Londres que publicaram um manifesto com o nome *A Pedagogy of Multiliteracies-Designing Social Futures* (“Uma pedagogia dos multiletramentos-desenhando futuros sociais”).

Rojo (2012, p. 13) enfatiza o termo letramentos e aponta para dois aspectos da sociedade: a multiplicidade e variedade de práticas letradas valorizadas ou não na sociedade, o multiletramento aponta para dois tipos de multiplicidade presentes na contemporaneidade: é a multiplicidade cultural e a multiplicidade semiótica dos textos que servem para comunicação e informação.

Ainda conforme Rojo (2012, p. 23), os multiletramentos possuem características importantes que estão relacionadas à sociedade contemporânea. Dentre elas:

- (a) Eles são interativos; mais que isso, colaborativos;
- (b) Eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]);

- (c) Eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagem, modos, mídias e culturas).

Nessa perspectiva, atualmente, é impossível conceber a prática do ensino-aprendizagem sem o uso das tecnologias, em muitas escolas proíbe-se o uso de aparelhos tecnológicos que podem ser um aliado do professor e até mesmo para estimular o gosto pela leitura, já que esses alunos estão imersos no mundo digital. O tópico a seguir abordará um tipo de letramento específico que é definido como letramento literário, tema central da presente pesquisa, e o seu papel de formar leitores.

2.1 Letramento Literário e a Formação do Leitor

O texto literário possui uma grande importância não só para a sociedade em geral, como também é indispensável no ambiente escolar. Ao explorar o imaginário, como a fantasia, ele tem uma relação bem próxima da realidade das pessoas, ou seja, realidade e ficção são separadas por uma linha tênue. Aristóteles (2008) em *Poética* defende essa proximidade entre o texto ficcional e a realidade:

O historiador e o poeta não diferem pelo facto de um escrever em prosa e o outro em verso (se tivéssemos posto em verso a obra de Heródoto, com verso ou sem verso ela não perderia absolutamente o seu carácter de História). (p. 53)

Além da proximidade com a realidade, a chamada verossimilhança, a literatura pode proporcionar uma série de impactos positivos na aprendizagem escolar, como também desenvolver a criticidade dos alunos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais, documento criado para orientar os professores na prática pedagógica do cotidiano escolar, já defendiam o papel do texto literário no contexto escolar:

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua. (Brasil, 1998, p. 26)

Além do caráter formal que o texto literário possui, deve-se levar em conta seu aspecto estético, a sensação despertada no leitor, vai muito além da forma, ou

seja, características ligadas à estrutura. É imprescindível levar em consideração seu caráter estético, as ideias e o aspecto social. Ele precisa levar em consideração a produção de sentido e a interação de forma crítica e reflexiva.

Machado (2012, p. 61) afirma que a literatura permite que vivamos outras vidas além da nossa, porém não significa o escapismo ou fuga da realidade. Ela representa a oportunidade de uma experiência humana, única e insubstituível. Implica uma imersão profunda na relação com outras pessoas, porque nos faz compreender as diferenças existentes entre as pessoas e perceber que há semelhança entre elas, apesar das diversidades em todos os aspectos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais enfatizam:

[...] sabe selecionar, dentre os vários textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a suas necessidades, conseguindo estabelecer estratégias adequadas para abordar tais textos. O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos (BRASIL, 1998, p. 70).

Corroborando com as ideias do documento citado, é interessante mostrar para os alunos do ensino fundamental que a literatura é uma forma de conhecer outros mundos por meio da leitura, conhecer personagens com os quais muitas vezes nos vemos refletidos. Nessa mesma direção, Lajolo (2001, p. 9) converge afirmando: “A literatura fala de vários mundos: alguns parecidíssimos com o nosso, onde, por exemplo, tem gente que morre de fome nas ruas, e de mundos muito diferentes, onde vivem espíritos, anjos, energias e demônios.”.

O texto literário é um gênero indispensável no contexto escolar, entretanto ele fica em segundo plano por falta de planejamento, falta de estrutura como biblioteca na escola, falta de acervo, muitas vezes também, alguns professores não são leitores desse tipo de gênero, dentre outros problemas.

A promoção dele na escola é bastante complexa e requer a socialização de todos que estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Outro aspecto importante é a definição do termo literatura para os alunos e também para muitos professores os quais ainda não têm esse conceito bem formulado.

A definição do termo é bastante plurissignificativa, há muitas respostas, por isso é importante que o trabalho traga algumas definições sobre ele. Para Lajolo

(2001, p. 25), a pergunta é complexa, porque justamente há várias definições, o conceito vai variar com o tempo, cada grupo social tem uma resposta, uma definição. Nessa mesma direção Jobim (2010, p. 109), no artigo *O Ensino de Literatura*, converge com a autora quando trata da definição muito ampla, designando o universo escrito, aspectos culturais, expresso numa variedade de gêneros e obras.

O tipo de linguagem empregada, as intenções do escritor, os temas, os assuntos que a obra aborda, o efeito da leitura para quem lê, ou seja, todos esses aspectos podem definir se o texto é literário ou não. Vale destacar a palavra literatura possui uma relação próxima com a escrita. Lajolo esclarece a origem da palavra na forma latina:

A forma latina *litteratura*, por sua vez, deriva-se de outra palavra igualmente latina: *littera*, que significa letra, isto é, sinal gráfico que representa, por escrito, um som da fala. O parentesco letra/literatura prossegue e se estreita em português em expressões como cursos de letras, academias de letras e belas-letras. Já se delineia aí uma relação estreita entre literatura e escrita. (Lajolo, 2001, p. 29)

De acordo com a pesquisadora, a palavra literatura está intimamente ligada à escrita, justamente pela sua origem no latim, entretanto o conceito extrapola o texto escrito e vai além. Linguagem literária, representação artística, abusa das figuras de linguagem, como as metáforas, por exemplo, para construção de novos significados e contribuir para o prazer estético do leitor de acordo com as emoções e experiências de cada um.

De acordo com Lajolo (2001, p.30), o conceito de literatura na contemporaneidade, em muitas situações, afasta-se das formas fixas e cristalizadas, das manifestações de altos saberes, de linguagens e sentimentos elevados. A autora destaca que o rompimento não é total nem definitivo. Pode variar de acordo com os leitores, há aqueles que preferem formas fixas como os sonetos. A literatura pode ainda ser entendida como uma situação da linguagem é usada de forma especial e sugere o arbitrário da significação, a fragilidade da aliança entre o ser e o nome. Nessa perspectiva vale destacar: a literatura pode se manifestar em diferentes gêneros literários e nas mais variadas culturas:

(...) todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais

complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.
(Candido, 2004, p.174)

Diante do exposto é impossível não reconhecer o caráter plurissignificativo do conceito de literatura. Além do seu caráter ficcional, histórico, entre outros. Vale destacar o seu caráter humanizador e transformador em algumas situações.

Nessa mesma direção, Candido (2004, p. 174) defende ainda que não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sono, provavelmente não há equilíbrio social sem a literatura. Desse modo, ela é um fator indispensável para a humanização, possui a mesma importância de instituições sociais como a educação familiar, grupal ou escolar.

Não há como negar a importância do texto literário na escola, por isso que ela é a instituição que tem a incumbência de promover tal prática. “A escola é a instituição que há mais tempo e com maior eficiência vem cumprindo o papel de avalista e definidora do que é literatura” (Lajolo, 2001, p.19).

O trabalho com o texto literário faz-se necessário não só para promover o processo de ensino-aprendizagem, como também contribuir para formação crítica e humanitária, pois “desenvolve em nós a quota de humildade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” (Candido, 2004, p. 180).

A literatura possui esse caráter, porque faz com que as pessoas vivenciem experiências novas ou mesmo outras bem próximas da realidade das personagens. “Ao ler o texto, o leitor entra nesse jogo, pondo de lado sua realidade momentânea, e passa a viver, imaginativamente, todas as vicissitudes das personagens da ficção.” (Lajolo, 2011, p14).

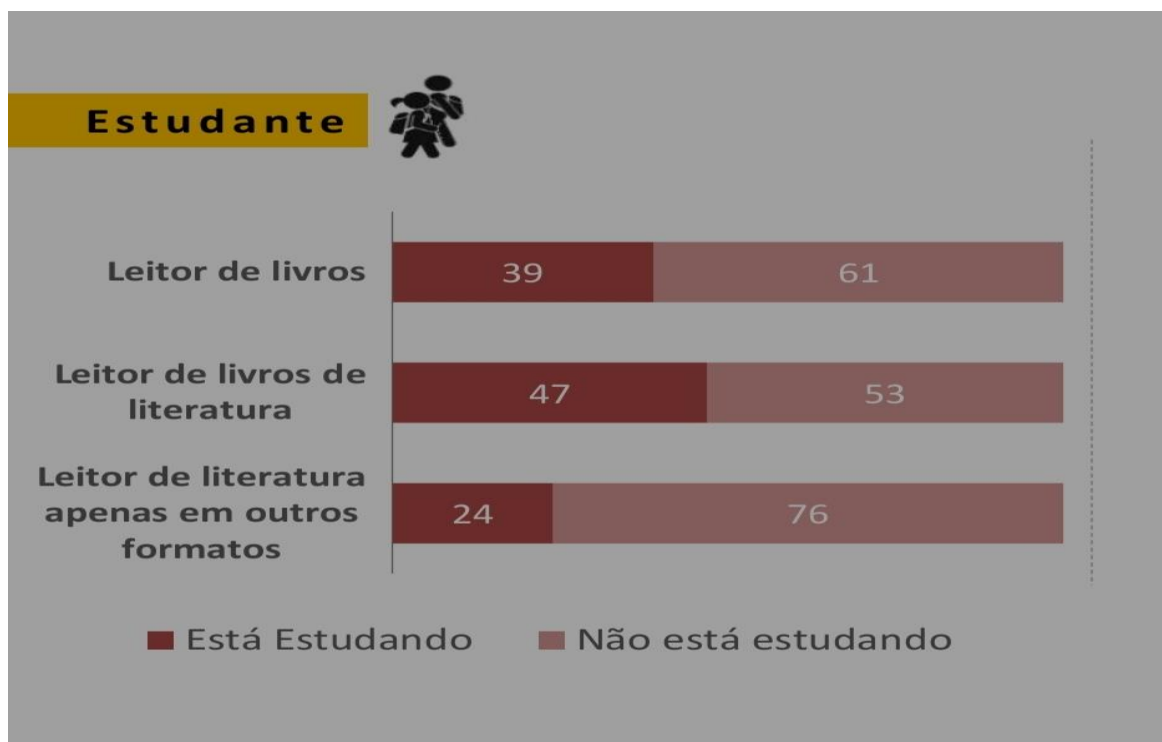
Nessa mesma direção, Aguiar e Bordini (1993, p.14) afirmam que a linguagem literária extrai aspectos sociais, históricos e políticos que são representações da existência do homem. Não é o fato em si que importa, mas a maneira como o homem vê e sente esse fato. Ele pode se identificar com outros homens de tempos e lugares distintos. O texto literário não é apenas uma criação verbal, mas também uma espécie de “tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado pelo autor” (Aguiar e Bordini, 1993, p. 14).

Entretanto, o ensino de literatura parece estanque, ele está direcionado apenas às atividades pedagógicas, às avaliações tanto dentro da escola quanto

avaliações externas pautadas em descritores ou às habilidades que não possuem um propósito reflexivo em relação ao texto literário.

A 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro em parceria com o Itaú Cultural, entrevistou oito mil pessoas de todo o país, incluindo a leitura por capitais, a pesquisa aprofundou o conhecimento sobre o leitor de literatura. O gráfico abaixo traz alguns dados que a pesquisa coletou.

Gráfico 1. Perfil do leitor que está estudando e o que não está estudando.



Fonte: Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 5ª Edição, 2019.

A leitura do gráfico 1 permite perceber que o percentual maior de leitores de livros de literatura está entre os entrevistados que não estão estudando, cerca de 53%, em relação aos entrevistados os quais estão estudando, o número é 47% dos entrevistados. Analisando os leitores de literatura em outros formatos, percebe-se os entrevistados que não estão estudando é de 76% em relação aos 24% que estão estudando.

Pode-se inferir, a partir da leitura do gráfico, que mesmo fora da escola, as pessoas continuam lendo, embora não seja o livro físico de literatura, isso mostra a escola com papel importante nesse processo de formar leitores. Com a expansão do acesso à Internet, tornou-se mais comum a leitura em suportes digitais. A pesquisa

mostrou outro dado preocupante comparando à pesquisa da 4ª Edição da Pesquisa Retratos, realizada no ano de 2015, apontou: 56% têm o hábito de leitura, entretanto a 5ª Edição mostrou que o percentual caiu para 52% dos brasileiros, ou seja, cerca de 4,6 milhões de leitores. O gráfico abaixo mostra outro aspecto interessante da pesquisa:

Gráfico 2. Como começou o interesse pela literatura



Fonte: Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 5ª Edição, 2019.

Ainda sobre a pesquisa, os entrevistados foram perguntados como começou o interesse pela literatura, a grande parte deles afirmou que foram influenciados pela escola e pelos professores. Essa constatação confirma a importância do professor nesse processo. O gráfico revela que 52% dos entrevistados, mais da metade, passaram a se interessar pela literatura por causa de indicação da escola ou de um professor ou professora. 50% passaram a se interessar porque viram filmes baseados em livros; logo em seguida, 41% por influência de amigos.

Outro levantamento importante que a pesquisa fez com os entrevistados foi em relação ao gênero preferido dessas pessoas; foi investigado o aspecto da escolaridade nos níveis: ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio e superior. A tabela a seguir mostra quais os gêneros apontados na pesquisa.

Tabela 1. Gêneros que costuma ler por escolaridade

GÊNEROS QUE COSTUMA LER por Escolaridade		ESCOLARIDADE				(%)
	2019	TOTAL	Fundamental I (1ª a 4ª série ou 1º ao 5º ano)	Fundamental II (5ª a 8ª série ou 6º ao 9º ano)	Ensino Médio (1º ao 3º ano)	Superior
Base: Leitores		4270	739	870	1473	1188
Bíblia	35		42	32	37	30
Contos	22		25	21	23	20
Religiosos	22		14	17	25	30
Romance	22		7	16	27	33
Didáticos, ou seja, livros utilizados nas matérias do seu curso	16		12	11	14	28
Poesia	16		11	20	16	16
Infantis	14		26	11	10	13
História, Economia, Política, Filosofia ou Ciências Sociais	13		4	7	12	28
História em quadrinhos, Gibis ou RPG	11		13	12	8	14
Ciências	10		10	10	9	13
Técnicos ou universitários, para formação profissional	10		1	2	9	28
Culinária, Artesanato, "Como Fazer"	9		3	7	12	16
Biografias	9		4	7	10	15
Artes	8		11	9	6	8
Autoajuda	8		1	3	12	17
Saúde e Dietas	8		4	5	9	14
Juvenis	5		3	7	4	7
Educação ou pedagogia	5		2	2	3	13
Línguas (como inglês, espanhol, etc.)	4		2	3	4	9
Viagens e esportes	4		3	2	4	7
Enciclopédias e dicionários	4		1	3	3	7
Direito	3		1	2	2	9
Esoterismo ou ocultismo	2		0	0	2	4
Não sabe/Não respondeu	1		3	1	1	0
MÉDIA DE GÊNEROS POR ENTREVISTADO		4,1	3,2	3,4	4,1	5,7

Fonte: Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 5ª Edição, 2019.

Algumas informações são importantes na tabela acima para a discussão. A Bíblia, na pesquisa anterior também consta essa preferência, é o livro que mais costumam ler em todos os níveis educacionais. No ensino fundamental I, 42% apontaram-na como preferência; no ensino fundamental II, esse percentual cai para 32%. Logo em seguida, aparece o gênero conto com 25% no fundamental I e 21% no fundamental II. Na quarta colocação aparecem os romances com 7% no fundamental I e 16% no fundamental II, ou seja, um percentual bem abaixo do gênero conto.

Entretanto, como o gênero romance requer um leitor mais bem preparado e com uma bagagem de leitura maior, provavelmente, essa seja a razão do baixo percentual, já que é um gênero mais denso em relação ao conteúdo e à forma. Alguns entrevistados mencionaram alguns autores que despertam o interesse pela leitura, alguns da literatura brasileira como Machado de Assis encabeçando lista, Monteiro Lobato, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes e José de Alencar.

É preciso que o professor procure trazer para a sala de aula gêneros literários que despertem o interesse dos alunos e estejam relacionados com a realidade em que eles se encontram; saber as preferências deles de leitura na hora da escolha do material para o trabalho na escola e fora dela. Em relação a isso, Aguiar e Bordini (1993, p. 16) asseveram que a escola não cria um vínculo entre a cultura grupal ou de classe e textos os quais serão explorados nela, o aluno não se reconhece nessas obras, porque a realidade delas não lhe diz respeito.

Aguiar e Bordini (1993, p. 19) asseveram ainda que o professor quando está comprometido com uma proposta de transformar a educação, ele encontra no material literário proposta para atingir seus objetivos na sala de aula. Investir na formação significa multiplicar a experiência literária dos alunos, ou seja, o papel da escola é decisivo nesse processo de formar leitores.

Propor aos alunos do ensino fundamental esse trabalho com o texto literário é prazeroso, mas não é uma tarefa fácil e requer tempo, uma vez que é um trabalho complexo e deve ser encarado como um processo. O professor como mediador nesse processo, além ser um leitor ativo, deve passar durante sua formação acadêmica por repertório teórico-metodológico bem consolidado e que seja útil no seu exercício como professor da educação básica.

Sobre isso, Jobim (2010, p. 110) afirma que os alunos de graduação precisam do domínio de conhecimento histórico e teórico necessário para explorar os textos literários e relacioná-los com outros tipos de textos e com os contextos onde estão inseridos. Desse modo, eles podem relacionar os textos literários do passado com os problemas e as concepções da época em que foram produzidos quanto relacionar com os textos do presente.

O estudioso afirma ainda que é relevante que o graduando tenha contato, em seu período de formação, com possibilidades de compreender, comparar e analisar criticamente textos literários, para que esses aspectos impactem tanto no seu cotidiano comunicativo quanto na sua produção escrita. Desse modo, é importante que esses graduandos, no exercício na sala de aula, possam cumprir seu papel de multiplicadores, influenciando novos leitores e produtores de texto.

No capítulo anterior, tratou-se do letramento numa perspectiva mais ampla; aqui neste será abordado de uma forma mais específica a qual está relacionada à exploração do texto literário na sala de aula.

Em resgate ao que foi analisado anteriormente, a escola é a principal instituição responsável por formar leitores e também despertar o interesse pela literatura, entretanto, isso está longe de ser uma prática comum no contexto escolar. Além das dificuldades já mencionadas, outro aspecto deve ser levado em consideração: muitos acham, até mesmo dentro do espaço escolar, que a literatura não precisa ser ensinada, ou seja, ela não é objeto de conhecimento. É importante enfatizar:

Para esses, a literatura é apenas um verniz burguês de um tempo passado, que já deveria ter sido abolido das escolas, eles não sabem, mas pensam que não precisam aprender literatura, porque já conhecem e dominam tudo o que lhes interessa. Essa postura arrogante com relação ao saber literário leva a literatura a ser tratada como apêndice da disciplina Língua Portuguesa, quer pela sobreposição à simples leitura no ensino fundamental, quer pela redução da literatura à história literária no ensino médio. (Cosson, 2014, p.10)

É importante pontuar que o autor, na obra em destaque, não vai abordar apenas aspectos teóricos em relação ao trato do texto literário e às problemáticas do ensino de literatura na escola. O pesquisador traz um estudo realizado em parceria com outros professores universitários, alunos que são bolsistas e professores da educação básica, ou seja, um estudo resultado das práticas do trabalho com a literatura a partir de experiências de trabalhos acadêmicos realizados na educação básica.

Muitos professores da educação básica encontram dificuldades em relação a como explorar o texto literário e acabam contribuindo para uma situação em que “O esvaziamento do ensino de literatura se acentua, portanto, não só pelo pequeno domínio do conhecimento literário do professor, mas também pela falta de propostas metodológicas que o embase.” (Aguiar e Bordini 1993, p. 34).

Porém, não é só a questão da leitura literária que é uma problemática a ser superada no ensino fundamental, mas também a leitura de uma forma geral. Isso é comprovado nas avaliações externas promovidas pelo Ministério da Educação-MEC. Os últimos resultados do Índice da Educação Básica (IDEB 2021), criado para medir a qualidade da educação pública e privada, mostraram que o percentual variou pouco em relação aos resultados do ano de 2019 e esses resultados estão longe do ideal. Nos anos iniciais do ensino fundamental menor, o resultado anterior era 5,9 e o mais recente apontou 5,8. Em relação aos números do ensino fundamental maior, a variação foi de 4,9 para 5,1 em 2021.

Vale destacar o percentual de variação entre os anos mencionados não foi significativo. Nos anos finais, uma alta de 0,3, entretanto essa alta pode mostrar que não condiz com a realidade do período, porque foi o período da pandemia da Covid-19 na qual os alunos ficaram fora da escola, em regime de aula remota; com a volta do regime presencial, percebeu-se um atraso significativo na aprendizagem deles.

A abordagem da leitura do texto literário deve ser uma prática constante; mas o que se vê é que, muitas vezes, a escola faz esse trabalho apenas em datas comemorativas, como o Dia do Livro, ou mesmo elabora projetos de leitura pontuais e não há uma continuidade, eles são executados apenas para melhorar índices de avaliações externas as quais avaliam o desempenho dos alunos. Lima (2010) esclarece que o gosto pela leitura literária não é espontâneo, muito menos as pessoas nascem com ele, ou seja, não é inato e está subordinada a um contexto sociocultural e psicopedagógico fundamentais para formação do leitor proficiente e crítico.

Outra questão a ser abordada é a atribuição do papel de formar leitores na escola. No senso comum, esse papel fica a cargo apenas do professor de Língua Portuguesa, enquanto outras disciplinas não o assumem, sendo que nesse processo é muito importante a relação entre as disciplinas. É indiscutível que o professor da língua materna possui formação específica e está mais bem preparado para o trabalho com aspectos literários. Lima (2010, p. 59) defende o aspecto da interdisciplinaridade para compreender e interpretar o texto literário, pois áreas do conhecimento como a História, a Sociologia, a Estética, a Linguística dialogam com o texto literário.

À luz dessa problemática, vários fatores corroboram para agravar a dificuldade de promoção da literatura, dentre eles, a falta de livros paradidáticos, os alunos não gostam de ler, acham a atividade entediante, às vezes, consideram a linguagem difícil, pois é explorado o sentido conotativo dos textos, dentre outros empecilhos que dificultam a prática do professor.

A escola, lugar que deveria promovê-la, acaba colocando barreiras no processo de formar leitores do texto literário e o próprio contexto tecnológico cada vez mais moderno acaba sendo mais atrativo para os jovens. Compagnon (2009, p. 89) ressalta isso quando afirma: “Pois o espaço da literatura tornou-se mais escasso em nossa sociedade há uma geração: na escola, onde os textos didáticos corroem,

ou já devoraram (...); nos lazeres, onde a aceleração digital fragmenta o tempo disponível para o livro.” (p.21).

Além do incentivo à leitura, por que se faz necessária a promoção do letramento literário? Lima (2010, p. 59) assevera que além do prazer estético, relacionado à questão dos sentidos e das percepções, a literatura é um exercício cognitivo e intelectual. Ela questiona a vida e o homem por meio de metáforas, principalmente no texto poético, porque nele o signo linguístico foge do sentido literal. Outro aspecto importante está relacionado ao processo de comunicação uma vez que deve haver um código comum obrigatório entre os interlocutores, na Literatura, ele é quase nulo, o sentido metafórico é sempre presente. Em síntese, a linguagem literária é constantemente marcada pela plurissignificação, diferentemente de um texto informativo.

É importante trazer para as discussões do trabalho algumas concepções de alguns pesquisadores acerca do conceito de letramento literário, já que se trata de uma teoria bem recente e ainda há poucas discussões sobre ela. Cosson (2020, p. 171) aponta o surgimento do termo, na década de 1990, cunhado pela pesquisadora Graça Paulino, com o objetivo de tratar de um tipo específico de letramento e sua inserção no contexto escolar.

De acordo com Cosson (2020, p. 173), a teoria em destaque não é exclusivamente empregada por pesquisadores brasileiros. Na Inglaterra, o termo é conhecido *literacy literacy* cujos estudos estão voltados para o ensino de leitura, da literatura e do inglês como língua materna. Na Austrália, o termo é empregado para defender que a aprendizagem da leitura não pode ser dissociada do ler para aprender, o letramento literário é concebido como a aquisição de estruturas da literatura como ramo da leitura.

Ainda segundo o autor, a expressão é usada atualmente nos estudos que se preocupam com a renovação curricular do ensino de língua e o destaque é dado à Literatura no contexto escolar.

Aqui no Brasil, o termo logo ganhou a academia graças à pesquisadora e aos membros do Grupo de Pesquisa do Letramento Literário (GPPELL) do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que adotam o termo em suas pesquisas e publicações nas quais o professor e pesquisador Rildon Cosson está incluído.

Para Cosson (2014a, p. 23), letramento literário é uma prática social e é de responsabilidade da escola. O aluno precisa fazer a leitura do texto, produzir sentidos e relacioná-los com os sentidos do mundo em que vive, entretanto, muitas vezes, na escola, é um processo mecânico e tem como finalidade responder às perguntas prontas do livro didático. Paulino (2001) concebe o letramento literário como:

Usamos hoje a expressão letramento literário para designar parte do letramento como um todo, fato social caracterizado por Magda Soares como inserção do sujeito no universo da escrita, através de práticas de recepção/produção dos diversos tipos de textos escritos que circulam em sociedades letradas como a nossa. Sendo um desses tipos de textos o literário, relacionado ao trabalho estético da língua, à proposta de pacto ficcional e à recepção não-pragmática, um cidadão literariamente letrado seria aquele que cultivasse e assumisse como parte de sua vida a leitura desses textos, preservando seu caráter estético, aceitando o pacto proposto e resgatando objetivos culturais em sentido mais amplo, e não objetivos funcionais ou imediatos para seu ato de ler (Paulino, 2001, p. 117-118)

Desse modo, o indivíduo letrado, na concepção literária, seria aquele que consegue vivenciar por meio do texto a dimensão estética numa perspectiva subjetiva, como também levar para vida social quando compartilha com outros suas experiências de leitura. “Porque transmite uma espécie de conhecimento, que resulta em aprendizado, como se fosse um tipo de instrução” (Candido, 2004, p. 176). A experiência com a Literatura é um convite para conhecer outros mundos, ou nosso próprio mundo com visões diferentes.

Cosson (2020, p. 172) defende que o letramento literário não começa e nem termina no contexto escolar, entretanto deve ser uma prática corriqueira e precisa ser aprimorada pela escola. Esse é um processo de apropriação da literatura, pois é parecido com o aprendizado da língua materna.

O tópico a seguir abordará a importância dessa teoria no contexto escolar, quais seus objetivos na perspectiva de formar leitores, o papel do professor, a metodologia do trabalho com o texto literário e o papel da escola e do aluno nesse processo.

2. 2 Letramento Literário no Espaço Escolar

A escola ainda procura construir um leitor ideal, ela obriga o aluno a responder às questões relacionadas a aspectos linguísticos do texto literário, responder às questões de compreensão e interpretação e de múltipla escolha que engessam o texto; e também a explorar aspectos como personagens, narrador, tempo, dentre outros aspectos. A leitura literária vai muito além, pois “nos ensina a melhor sentir, e como nos sentir, e como nossos sentidos não têm limites, ela jamais conclui, fica aberta (...)” (Compagnon, 2009, p. 51).

O professor precisa dar a oportunidade para os alunos explorarem questões relacionadas à subjetividade no trabalho com o texto literário. É necessário que se dê a oportunidade para avaliarem as obras após a leitura, de modo que depreendam aspectos que não ficaram explícitos e também participem do processo de escolha do texto literário.

Aguiar (2013, p. 160) é contundente ao destacar que o ato de ler ficção é duplamente gratificante. Primeiro, quando o leitor entra em contato com o desconhecido tem a satisfação de encontrar-se no próprio texto num processo de identificação. Segundo, em relação ao desconhecido, o leitor descobre modos alternativos de se viver. A tensão entre esses polos faz a leitura ser divertida e edificante.

O professor precisa ser um “modelo” de leitor para os seus alunos, é importante que ele tenha esse repertório literário para motivá-los a tomar o gosto pelo texto literário. Nesse sentido, Cosson (2004, p. 32) defende o professor como intermediário entre o livro e o aluno. Os livros que ele lê acabam sendo lidos também pelos seus alunos.

O incentivo à leitura e à formação de leitor é um tema o qual transita há anos no ambiente acadêmico e escolar. Essa discussão é necessária, já que esses aspectos mencionados são fundamentais para uma educação de qualidade e consequentemente implicam o desenvolvimento e a construção de um país melhor.

Entretanto, muitas escolas ainda enfrentam a falta de bibliotecas, a falta de acesso ao texto literário, paradidáticos, para fomentar o trabalho na escola, dentre outros problemas estruturais. Vale destacar a existência programas educacionais muitos importantes para fomentar o incentivo à leitura.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é um programa do Governo Federal em parceria com o Ministério da Educação e Cultura (MEC) destinado a

avaliar e disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outras incentivadoras da prática educativa nas escolas públicas de todo o país.

É essencial o contato com o texto literário nas séries iniciais, quanto mais cedo a criança desenvolver esse gosto pelos gêneros literários, mais probabilidades de ela cultivar o gosto pela leitura. Nesse sentido, muitos alunos da escola pública saem dela com muitas dificuldades de leitura e escrita, isso pode ser comprovado nas avaliações externas que são promovidas pelo Ministério da Educação (MEC). O problema pode ser relacionado à má formação do letramento por parte da escola:

(...) que decorre dos critérios definidos pela escola para avaliar e medir as habilidades de leitura e escrita: um conceito limitado, em geral insuficiente para responder às exigências das práticas sociais que envolvem a língua escrita da escola. (Soares, 2004, p. 88).

Pode parecer até clichê, porém esse discurso é unanimidade para todos os inseridos no contexto de ensino-aprendizagem. Entretanto, com o intuito de a educação chegar ao nível de excelência e se tornar referência, é preciso incentivar as práticas escolarizadas de leitura dos gêneros textuais que “são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder.” (Marcuschi, 2008, p. 161).

Nessa perspectiva, o trabalho com os gêneros textuais da esfera literária é essencial para formação de leitores. Esses textos, além de proporcionarem o deleite pela leitura, podem aguçar o senso crítico dos alunos, formar pessoas mais conscientes, humanas, dentre outras várias possibilidades.

Infelizmente, há muitas barreiras que impedem a promoção do texto literário na escola. Às vezes, o professor faz um planejamento baseado nos projetos pedagógicos da escola, porém a abordagem utilizada não condiz com a proposta de trabalho com o texto literário, ou seja, falta uma organização nesse processo. Em relação ao caráter metodológico do ensino de literatura, Aguiar e Bordini (1993) destacam que a metodologia, nessa perspectiva, deve pensar a obra e o leitor com base na interação. É importante propor meios de ação que coordenem esforços, solidarizem a participação deles. Deve-se levar em conta que o principal interessado nesse processo é o aluno e suas necessidades enquanto leitor.

Cosson (2020, p. 195) defende que o professor deve ter a consciência de selecionar textos literários significativos para os alunos, levando em conta o caráter individual e o perfil da turma, de forma a atender as especificidades desses alunos, a fim de criar uma comunidade de leitores.

Outra temática passível de discussão nesse contexto está relacionada a dois aspectos da abordagem, na sala de aula, do texto literário: o moderno e canônico. Com acesso cada vez mais democrático às novas tecnologias da informação e da comunicação, a linguagem e a tecnologia estão cada vez mais próximas. “Ler, hoje, é mais diverso do que em qualquer outra época, dado que temos à disposição mais textos, em mais composições, em muitos dispositivos e acessíveis de maneiras diferentes.” (Ribeiro, 2016, p.169).

Há hoje então uma grande possibilidade de textos, tanto modernos quanto tradicionais; o professor precisa encontrar um equilíbrio entre esses dois polos de discussão. Todorov (2009, p. 82) afirma que é preciso encorajar a leitura por todos ou meios, ou seja, inclusive aquelas as quais os críticos consideram flexíveis, desde *Os Três Mosqueteiros* até *Harry Potter*, romances populares, os quais levam milhares de jovens ao hábito da leitura. Assim, elas lhes possibilitarão fazer uma primeira imagem do mundo, permitindo que as leituras posteriores se tornem mais complexas e ao mesmo tempo sutis.

Os livros didáticos adotados na escola “costumam aconselhar, para os alunos compreenderem os textos, as sessões de perguntas e respostas e o trabalho autônomo em fichas ou exercícios” (Solé, 2014, p.51) e mesmo quando a escola dispõe de uma biblioteca com um acervo diversificado, não tem contribuído de maneira efetiva para formar leitores literários. Além do mais, a literatura, hoje em dia, compete com outras práticas artísticas que circulam na sociedade, além do advento da Internet, como séries de canais fechados, filmes e as redes sociais.

Mais uma vez vale destacar as contribuições do letramento literário na visão de Barbosa (2011, p. 25), que o concebe como a condição daquele que não é capaz apenas de conhecer e compreender gêneros literários, mas também aprender a gostar de ler literatura e o faz por escolha, pela descoberta de uma experiência de leitura distinta, associada ao prazer estético.

Outro problema que contribui para a formação do leitor literário nas escolas brasileiras do ensino fundamental está relacionado à formação docente. No ensino fundamental I, correspondente às séries de 1º ao 5º ano, os profissionais da área da pedagogia quase não possuem uma formação acadêmica voltada para a teoria e ao ensino do texto literário. Sabe-se da importância do texto literário nessas séries, pois é o primeiro contato do aluno com os textos ficcionais como forma de aguçar o imaginário de forma lúdica e encantadora. Entretanto:

[...] para muitos acadêmicos, a literatura infantil [...] não é assunto. Seu próprio tema parece desqualificá-la diante da consideração adulta. Afinal, ela é simples, efêmera, acessível e destinada a um público definido como inexperiente e imaturo. Não é, como certa vez um professor universitário me disse, 'um assunto adequado ao estudo acadêmico (Hunt, 2010, p.27).

Os argumentos do pesquisador asseveram a importância da formação docente para o trabalho com o texto literário na sala de aula. A criança precisa entrar em contato com esses gêneros desde a mais tenra idade, para que adquira mais cedo o hábito pela leitura e ele se perpetue para toda a vida.

É importante que os alunos tenham a consciência de que eles são protagonistas nesse processo de ensino da literatura, os professores possuem o papel importante na construção da aprendizagem desses jovens. Uma proposta interessante é fazer contratos com eles de forma a colaborarem participando efetivamente dessa experiência literária. Nessa mesma perspectiva, Cosson (2020, p. 192) esclarece que se o aluno se recusa a participar ativamente, ou encontra barreiras sociais, culturais e cognitivas para a sua atuação, sua formação como leitor literário não se efetivará.

Retomando as discussões sobre o papel da literatura, o seu valor está justamente em garantir a humanização, o exercício da liberdade, a construção da subjetividade, a exploração do raciocínio abstrato, porque é plurissignificativa, pode garantir a autorreflexão, promover a empatia, aprimorar o domínio da linguagem, além de proporcionar a experiência estética, dentre outros benefícios. Nessa perspectiva, vale destacar o seu poder em relação ao caráter formativo na sociedade. Faz-se necessário enfatizar:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (Todorov, 2007, p.76)

Além do caráter edificante e da formação pessoal e social, ela é fonte de conhecimento. Se todos sabem da importância da literatura para a formação do aluno, por que é tão difícil promovê-la na sociedade e principalmente na escola, uma vez que é ela a instituição responsável por essa promoção? Além dos problemas já

mencionados, falta formação teórica e metodológica para os próprios professores de língua portuguesa.

Os cursos de pós-graduação, em nível de mestrado e doutorado, por exemplo, ainda não são tão acessíveis para a grande maioria dos professores. Esses cursos contribuem para a formação continuada dos professores. O professor, durante a graduação, estuda diversas teorias relacionadas ao ensino da língua e da literatura, mas na maioria das vezes não vê sentido nelas, pois ele entra no curso na perspectiva de estudar aspectos da gramática normativa e escolas literárias.

Todavia, quando esse professor da educação básica, recém-formado, vai para sala de aula, percebe a importância de conhecer os aspectos teórico-metodológicos a fim de aprofundar seus conhecimentos na área da linguagem e da literatura. O Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS tem como objetivo garantir a formação continuada desse professor nas linhas de pesquisa: *Teoria da Linguagem e Ensino Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes*.

Esta última linha de pesquisa tem como foco estudos voltados para o ensino e aprendizagem da leitura e produção textual, práticas de letramento e panorama crítico do ensino da língua portuguesa e da literatura. O PROFLETRAS, por ser um mestrado que exige como pré-requisito que o professor esteja atuando na educação básica, forma profissionais competentes para alinhar a prática da sala de aula à teoria.

As teorias voltadas para o ensino de literatura são importantes para o ensino, uma vez que, segundo Aguiar e Bordini (1993, p.31), podem possibilitar diferentes visões do objeto de ensino, o texto literário; por meio delas, a seleção dos textos pode ser feita de uma forma que o professor se adapte melhor às necessidades dos alunos e do objetivo almejado. De modo geral, as teorias proporcionam procedimentos de abordagem com o texto de acordo com a concepção de literatura do docente.

Por fim, essa pós-graduação em nível de mestrado possibilita ao professor se reinventar na sala de aula, ser um pesquisador da própria prática, desenvolver materiais que subsidiem o trabalho docente, além de desenvolver várias competências comunicativas em diversos contextos da sociedade. Esse aspecto da formação do docente impacta diretamente no ensino e consequentemente na aprendizagem dos alunos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais defendem que:

No processo de ensino-aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino fundamental, espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania. (Brasil, 1998, p. 32)

Em resgate ao que foi pontuado no capítulo, esse processo de formação de leitores literários é um caminho longo, assim o letramento literário é um processo contínuo e precisa ser incluído durante todo o percurso escolar dos alunos. É preciso planejar metodologias, com o objetivo de o ensino da literatura não se resumir apenas em leitura mecânica ou menor com o objetivo de responder a questões de interpretação e compreensão e também não resumir o currículo do ensino de literatura a aspectos históricos ou aspectos formais de uma determinada época.

Não existe uma receita ou uma fórmula para tal prática, visto que “elas podem ajudar num determinado momento, mas depois vão ficando repetitivas e nem nós suportamos repeti-las por dois, três, quatros anos.” (Alves, 2010, p. 135). Dessa forma, a escola, o professor, todos os envolvidos no contexto da educação precisam se convencer da importância do letramento literário no processo de formação, para que os alunos se desenvolvam com sucesso.

3 LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO NA ESCOLA: um destaque para o conto

Continuando as discussões sobre o letramento literário, este capítulo tem como objetivo destacar algumas características do gênero literário conto. Com o objetivo de aprofundar melhor as discussões sobre o gênero, faz-se necessário conhecer as origens, algumas características, as principais teorias e alguns nomes que se destacam nesse gênero.

O professor, quando inicia o trabalho com um determinado gênero textual, costuma fazer uma breve descrição estrutural ou uma síntese do texto. O gênero conto é definido como um texto curto em que um narrador conta a história desenvolvida em torno de um enredo. Trata-se de um texto, comparado ao romance, curto e breve, com poucos personagens, sem muitos conflitos. Dependendo do tema, há vários tipos de conto, como de fadas, modernos, psicológicos, de humor, populares, dentre outros. Outro aspecto comum desse gênero é a estrutura dividida em: introdução, desenvolvimento, clímax e desfecho.

Sabe-se que a origem popular do conto vem tradição oral simples das sociedades antigas que se reuniam principalmente à noite para contar essas histórias. Para transformar-se no modelo conhecido hoje, foi necessário o desenvolvimento da escrita. Nádia Gotlib, em *Teoria do conto*, propõe fazer uma espécie de retrospectiva do conto enquanto gênero literário.

Gotlib (1987, p. 36) destaca que o conto não tem compromisso com o real, ou seja, essa já é uma característica da literatura. Nele realidade e ficção não possuem limites precisos. A autora destaca o caráter de indefinição do conto, isto é, ele pode trabalhar com o real como também com o ficcional.

A autora então nesse estudo vai se voltar para os chamados contistas teóricos, ou seja, aqueles que escreveram o gênero literário dentro de uma sociedade ocidental, industrializada e moderna, mais precisamente no século XIX. A estudiosa ainda vai citar alguns contistas importantes que além de escreverem, refletiram sobre a própria prática de composição do conto. A autora cita Edgar Allan Poe no seu estudo e destaca a importância da unidade de efeito:

Estaria Poe se referindo ao tipo de conto de que era mestre, ao conto de terror? Suas considerações parecem ser de ordem geral, para todo conto. Convém salientar, no entanto, que no conto de terror e no conto policial o efeito singular tem uma especial importância, pois surge dos recursos de expressividade crescente por parte do leitor ou da técnica de *suspense* perante um enigma, que é alimentado no

desenvolvimento do conto até o seu desfecho final. (Gotlib, 1987, p.37)

Uma abordagem clássica da narrativa tem como propósito provocar um efeito sobre o leitor, e a partir do desenrolar do texto o leitor precisa ler também aquilo que não ficou explícito, até culminar numa revelação: o mistério, o terror e o segredo são revelados para o leitor.

Nessa mesma direção, Guimarães e Batista (2012, p. 21) defendem o texto literário como uma obra de natureza complexa, resultado de interações, operações linguísticas e produção de sentidos. A literatura implica reconhecer, entender e fruir elementos de natureza expressiva, conotativa e poética e exige um leitor mais atento à leitura comparado a um texto de natureza com linguagem referencial ou informativa.

Vale destacar outros contistas como James Joyce, que concebeu a questão da chamada *epifania* como sendo um dos momentos especiais do conto. É uma espécie de revelação, ela pode ser encontrada nos mais insignificantes objetos ou em momentos corriqueiros dos personagens. Nesse sentido, vale destacar que:

Um dos momentos especiais [do conto] é concebido como epifania. Epifania, tal como a concebeu James Joyce, é identificada como uma espécie ou grau de apreensão do objeto que poderia ser identificada com o objetivo do conto, enquanto uma forma de representação da realidade. (Gotlib, 1987, p. 51)

Outro aspecto é colocado em evidência: a comparação entre os gêneros literários conto e romance. Gotlib (1987, p.52) cita o argentino Julio Cortázar quando faz as seguintes dicotomias “cinema/romance”; “fotografia/conto”. Assim, ambos fazem um recorte de uma realidade mais ampla, porém justamente o aspecto do efeito é mais significativo em relação ao espaço ou extensão.

Há outra comparação bem interessante feita por Cortázar. O autor compara o conto e o romance a uma luta de boxe: “(no combate entre texto apaixonante e o leitor, o romance sempre ganha por pontos, enquanto o conto deve ganhar por nocaute)” (Gotlib, 1987, p. 68). Ou seja, diferente do romance, esse precisa de um número maior de efeitos para conquistar o leitor, o conto geralmente trabalha com poucos efeitos para conquistar o leitor.

Com a chegada do século XX, o conto moderno ganhou destaque e mudaram-se as formas de escrevê-lo comparado às formas tradicionais. Piglia

(2004, p. 94), em *Teses sobre o conto*, destaca que o conto moderno abandona o final surpreendente e aquela estrutura fechada, muitas vezes trabalha a tensão de duas histórias sem revolvê-las. A história é contada de forma cada vez mais imprecisa. O conto clássico de Poe, por exemplo, narrava uma história anunciando outra; o conto moderno conta duas histórias como se fosse uma só. Ou seja, nos contos clássicos há um final muitas vezes elucidado que o leitor, ao fim da leitura, sabe do desfecho, o moderno, não, o final fica em aberto, fica por conta do não-dito:

O conto é construído para revelar artificialmente algo que estava oculto. Reproduz sempre a busca renovada de uma experiência única que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta. 'A visão instantânea que nos faz descobrir o desconhecido, não numa remota *terra incógnita*, mas no próprio coração do imediato', diz Rimbaud. Essa ilusão profana converteu-se na forma do conto. (Piglia, 2004 a, p. 94)

Para o teórico a ideia do gênero literário conto, na perspectiva clássica, narra duas histórias, uma história visível e um relato secreto, ou seja, aquilo que não ficou claro e gera inquietação nos leitores, mas a qualquer momento da narrativa pode vir à tona. Já na perspectiva moderna do conto (Piglia, 2004, p. 95), os autores abandonam o final surpreendente e a estrutura fechada, às vezes, o final da narrativa fica em aberto e as perguntas ficam sem respostas para o leitor.

Piglia (2004, p. 96) traz uma teoria muito interessante para fazer alusão ao conto moderno que é a *Teoria do Iceberg*, do escritor norte-americano Ernest Hemingway. Quando se depara com um iceberg, vê-se apenas uma ponta sobre a superfície da água, no entanto, a parte que fica sob a água pode ser gigantesca a ponto de obstruir a passagem. Trazendo isso para o texto, o leitor vê apenas “uma ponta do iceberg” visível no texto, mas ele esconde muitas coisas que não foram reveladas na verdade. Isso instiga o leitor a agir de forma mais reflexiva ao fazer sua análise do texto, dessa forma ficaram muitas coisas no plano do subentendido, no campo da alusão.

Não basta apenas tematizar algumas questões, o contista se vale dessa reflexão para colocar o leitor nesse jogo reflexivo. A forma de abordar o texto literário foi se reinventando ao longo da história, passou de uma concepção mais formal até as concepções mais interacionistas que levam em consideração a perspectiva do leitor nesse processo. Diante disso, é necessário destacar: “A abordagem objetiva, ou formal, da literatura se interessa pela obra; a abordagem expressiva, pelo artista;

a abordagem mimética, pelo mundo; a abordagem pragmática, enfim, pelo público, pela audiência, pelos leitores (Compagnon, 2010, p. 137).”

A leitura é uma das práticas sociais mais importantes da sociedade, pode-se dizer que ela é uma atividade complexa, pois o leitor precisa acionar aspectos cognitivos, conhecimentos de mundo, muitas vezes aspectos históricos, dentre outros. Guimarães e Batista (2012, p. 22) destacam que essa complexidade se acentua ainda mais no texto ficcional, uma vez que ele incorpora uma linguagem plena de sentidos, o aspecto estético e ausência de uma referência obrigatória.

Para Zilberman (2003, p. 24), é importante preservar as relações entre literatura e escola, pois o texto literário é fundamental em razão do seu caráter formativo. Tanto a obra de ficção, quanto a escola como instituição de ensino, possuem um papel importante de formar os indivíduos para a vida.

A obra literária reflete o que as pessoas vivem no seu dia a dia, ou seja, seus conflitos pessoais, angústias, relações interpessoais. “Ela sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente.” (Zilberman, 2003, p 25). Não há como a escola deixar o texto literário de fora das práticas cotidianas da sala de aula, dada a sua importância cultural, intelectual e formadora. Em relação às afirmações anteriores vale ressaltar:

A obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já dito, enseja logo de início expectativas quanto ao “meio” e “fim”, conduz o leitor a determinada ação emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então – e não antes disso – colocar a questão da subjetividade. (Jauss, 1994, p. 28)

Assim, a literatura pode revelar muito mais do aquilo que está explícito para o leitor; ela possibilita uma série de inferências as quais o aluno vai construir a partir da leitura minuciosa e também com a ajuda do professor. O processo de interação e a construção de sentidos do texto são importantes para consolidação daquilo que foi lido.

Após apresentar algumas características do conto como unidade de efeito, a evolução do conto como gênero literário, a próxima seção fará algumas discussões a respeito da leitura do conto como forma de promover a prática do letramento na escola.

3.1 Leitura do Conto na Escola

A leitura, como prática social, possui um destaque muito grande no contexto em que vivemos. A sociedade está cada vez mais complexa e com grandes transformações sociais, com o avanço tecnológico, a promoção do hábito da leitura fica cada vez mais distante dos jovens e a escola, como já foi destacado ao longo do trabalho, é a instituição que fica responsável por tal prática, embora não seja uma tarefa simples. Observa-se:

[...] o processo de ler é complexo. Como em outras tarefas cognitivas, como resolver problemas, trazer à mente uma informação necessária, aplicar algum conhecimento a uma situação nova, o engajamento de muitos fatores (percepção, atenção, memória) é essencial se queremos fazer sentido do texto. (Kleiman, 1983, p.13)

Desse modo, o ato de ler atravessa as fronteiras da decodificação e torna-se um processo complexo, e a escola tem o papel importante de mostrar aos alunos os caminhos para melhor compreendê-lo. Isso pode acontecer, por exemplo, ao trazer textos de qualidade para sala de aula, textos diversificados, práticas de leitura que ultrapassem o aspecto didático e a leitura com propósito somente de avaliar.

A popularização da leitura se deu por conta das transformações sociais como também econômicas. Zilberman (2012, p. 66) afirma que a difusão da leitura ganhou grande destaque por conta, além do hábito e da necessidade, da escolarização das massas urbanas e operárias a partir do século XIX na Europa.

No Brasil, a promoção de uma política educacional ficou a cargo dos projetos republicanos, ou seja, quando o século XIX estava bem avançado e o país já contava com 50 anos de independência. A autora destaca também os programas e políticas públicas voltados para a promoção do livro. Elas promovem a cultura, o acesso ao saber à população mais pobre.

De acordo com Zilberman (2012, p. 75), esperava-se que a República implementada em 1889 resolveria os problemas educacionais no Brasil, entretanto a educação pública de qualidade não teve um salto positivo. Grupos conservadores tomam a administração pública do país. O modelo tradicional de ensino elitista se mantém inacessível para muitos, porque esses representantes do poder eram do poder rural e tinham cargos garantidos na administração pública.

A popularização da leitura literária fora da escola se deu na década 1970 com explosão do mercado editorial no país, entretanto, não são todos os alunos que possuem o hábito de ler textos literários fora da escola, até mesmo por conta do acesso ao livro relacionado ao poder aquisitivo de algumas camadas da sociedade, ou seja, muitos não possuem condições financeiras para tal prática.

Zilberman (2012, p. 147) destaca também que em pouco mais de cem anos, a literatura infantil brasileira deu um salto em relação à quantidade de títulos e à variedade das obras. Além da qualidade delas, já que trazem personagens representativos para as crianças, trazem o bom humor e também personagens atuais.

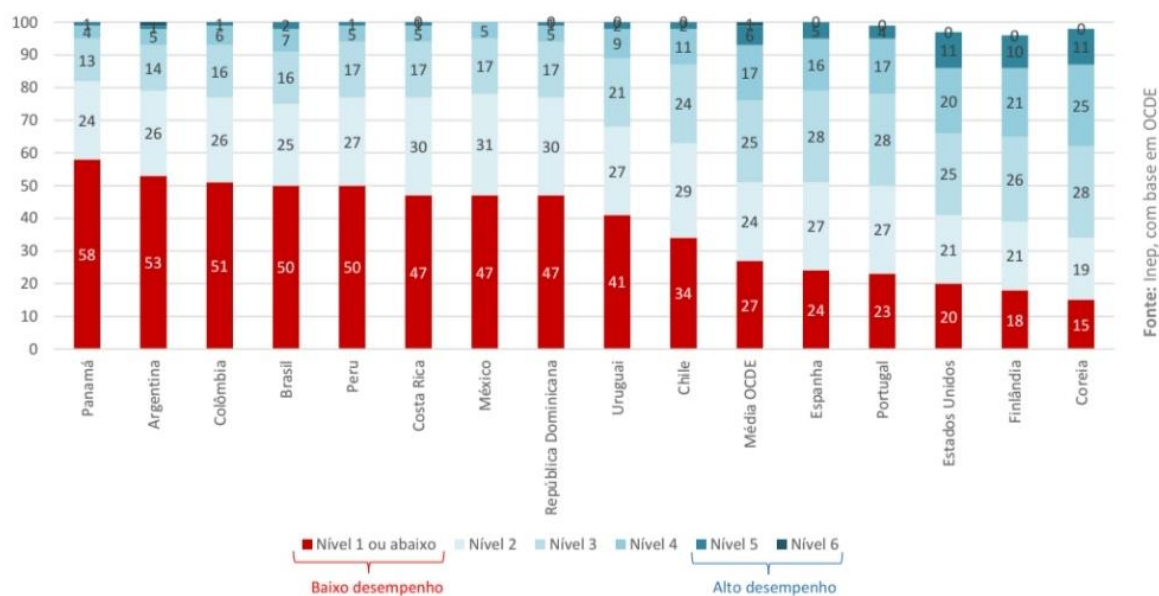
Entretanto, a popularização da leitura nas escolas brasileiras não acompanha o avanço tecnológico e as mudanças sociais que estão acontecendo. Constata-se isso, por exemplo, na escola onde a pesquisa foi feita, que não tem biblioteca para exposição dos livros, muito menos um espaço para que os alunos fiquem à vontade para desfrutar de uma boa leitura.

Nessa direção, Zilberman (2012, p.130) afirma que o letramento literário só se efetiva quando acontece a relação entre o objeto, o livro, e o ambiente ficcional que se expressa nos gêneros literários aos quais as pessoas têm acesso, seja pela própria leitura ou como ouvinte.

Um dos estudos mais importantes sobre educação no mundo, o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes PISA (Programme for International Student Assessment), faz um comparativo internacional entre 81 países nas áreas de ciências, leitura e matemática, com estudantes na faixa etária de 15 anos. Essa prova é feita a cada três anos e no ano de 2022 foi divulgado o último resultado.

O Brasil encontra-se na 52ª posição do ranking em leitura entre os países que foram avaliados. Ele fica na lista dos 30 pior classificados, seu desempenho é parecido com o desempenho do Peru, Costa Rica e Colômbia. O gráfico abaixo mostra os resultados da prova feita pelos brasileiros no aspecto relacionado à leitura:

Gráfico 3. Desempenho do Brasil em leitura



PISA 2022 | RESULTADOS

Fonte: Pisa 2022

Observa-se no gráfico que no Brasil, localizado na quarta coluna da esquerda para direita, cerca de 50% dos jovens encontram-se no nível 1 de fluência em leitura, isso significa que os alunos brasileiros não possuem o nível básico de leitura, não conseguem interpretar textos; metade desses alunos não desenvolveram competências linguísticas e cognitivas, que incluem a decodificação elementar, conhecimento de palavras e estruturas linguísticas e significados do texto que acionam o conhecimento de mundo do leitor.

O exame PISA não mede somente o que aluno aprendeu durante o período escolar, mas sim como esse aluno consegue utilizar esse conhecimento em diferentes situações corriqueiras, em diversos contextos sociais. Esses resultados são reflexos de um país em que a leitura não faz parte do dia a dia das pessoas.

Na própria escola, os alunos veem a leitura como algo entediante, uma prática meramente avaliadora ou mesmo como forma de punição. Isso é resultado da concepção de leitura que professores têm nas suas práticas pedagógicas na sala de aula. Kleiman (2022, p. 23) afirma que a leitura praticada se sustenta no entendimento limitado e incoerente de ensino da língua, tanto dentro quanto fora do contexto escolar.

A relação dos alunos com o texto só é possível ser construída mediante o auxílio do professor, ele deve orientá-los, questioná-los, levantar hipóteses antes da leitura, por exemplo, compartilhar ideias com a turma, etc. Esses aspectos contribuem para os alunos evoluírem como leitores competentes e críticos.

O professor que busca auxílio teórico e metodológico para promover o hábito da leitura no ensino fundamental pode encontrar suporte teórico e prático no livro *Como criar círculos de leitura na sala de aula*, de Rildo Cosson. Trata-se de um guia valioso para o professor mostrar para os alunos como ler o texto literário a fim compreender seus sentidos; esse trabalho é feito de forma coletiva, reflexiva e que possa formar novos leitores. O autor divide a prática do círculo de leitura em três grandes momentos: modelagem, prática e avaliação. A tabela a seguir mostra com mais detalhes esses três procedimentos:

Tabela 2: Planejamento do círculo de leitura

MODELAGEM	PRÁTICA	AVALIAÇÃO
A atividade é essencialmente centrada no professor, que apresenta o círculo de leitura e prepara os alunos para participarem produtivamente.	A atividade passa a ser dos alunos que leem o livro todo ou um trecho em casa, preparam questões e debatem a obra em grupos na sala de aula, cabendo ao professor apenas o acompanhamento atento das discussões dos alunos nos grupos.	Professor e alunos compartilham a responsabilidade de verificar o rendimento e avançar na consolidação do círculo de leitura como atividade formativa, seja por meio da observação da discussão e da análise das anotações, no caso do professor; seja por meio de formulário de autoavaliação e avaliação oral coletiva, no caso dos alunos.

Fonte: Cosson (2021 p.35-36)

O autor destaca ainda que embora sejam etapas diferentes em relação à abordagem da leitura do texto literário, é importante deixar claro: as etapas *da modelagem*, *da prática* e *da avaliação* não precisam ser trabalhadas de forma isolada, elas podem acontecer de forma misturada ao longo do processo e de sua

evolução. Essa proposta do círculo de leitura pode ser uma estratégia riquíssima para promover o ensino da leitura literária na escola.

Observa-se no quadro que é essencial o planejamento e a preparação tanto do professor quanto dos alunos para a leitura do texto. O professor pode optar por ler o texto completo, dependendo da extensão dele, ou pode recomendar aos alunos que façam a leitura prévia em casa. Ele pode acompanhar os trabalhos de leitura com os alunos fazendo as discussões, anotações das obras, como também fazer avaliação oral.

Vale trazer para a discussão um fato que ainda é comum na educação básica, muitas vezes o professor do ensino fundamental aborda a prática da leitura no contexto escolar e há críticas, tanto na escola como na família: o professor de Português está enrolando aula por não estar naquela aula expositiva de sempre.

Para evitar esse tipo de atitude no âmbito escolar, deve-se conscientizar a comunidade do caráter social que a leitura possui, ela não é importante somente para a formação de leitores; conforme (Kleiman, 2022, p. 13), a leitura perpassa o aspecto da decodificação, atravessa outros textos, outras leituras, ou seja, a leitura coloca em ação sistemas de valores, crenças e atitudes que são refletidas no grupo social em que fomos criados.

Zilberman (2012, p. 108) assevera que a leitura só implica aprendizagem quando o leitor dialoga e se posiciona perante o texto. Quando também a subjetividade do leitor é levada em consideração, ou seja, quando ele perde e ganha identidade no diálogo com o texto.

Retomando as discussões sobre a importância do texto literário, como forma de promover a leitura, faz-se necessário resgatar a principal função do letramento literário; segundo Cosson (2014, p. 16), trata-se de uma concepção maior de uso da escrita e vai além das práticas escolares usuais, a leitura do texto literário deve ser abordada numa perspectiva de humanizar os alunos contribuindo para formação e desenvolvimento deles. O autor ainda destaca que o letramento literário como prática social é responsabilidade da escola.

Ainda sobre o trabalho da leitura do texto literário, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) afirma que esses textos devem ser abordados na aula de Língua Portuguesa, pois são importantes para formação intelectual e literária, segundo o documento:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (Brasil, 2010, p. 89).

A Base Nacional Comum Curricular dá importância ao caráter estético não só do texto literário, mas também de outras formas artísticas como a pintura, a música, o cinema, teatro, dentre outras possibilidades. Esses valores estéticos estão diretamente relacionados a sensações e emoções as quais a arte pode despertar nos indivíduos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) destacam a função que o gênero literário possui, segundo o texto: “A literatura mantém uma relação indireta com o real, ou seja, o plano do real pode ser apropriado e transgredido pelo imaginário como uma instância formulada pela mediação dos signos verbais.” (Brasil, 1998, p. 29). O documento defende ainda que esses textos formam leitores “capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.” (Brasil, 1998, p. 27).

Retomando as discussões sobre a importância do texto literário, muitas vezes, a escola o traz como se ele fosse uma receita pronta para os problemas de leitura e escrita dos alunos, ou mesmo como forma de avaliar o aluno no fim de cada bimestre.

O papel da escola é dar direcionamento para o aluno explorar o texto literário de maneira adequada, ou seja, para que busque aquilo que está além da leitura superficial do texto. “Os livros, como os fatos, jamais falam por si mesmos. O que nos fazem falar são os mecanismos de interpretação que usamos, e grande parte deles são apreendidos na escola.” (Cosson, 2014, p. 26)

Outrossim, um problema muito recorrente nas escolas, principalmente públicas, é o fato de achar que a leitura toma muito tempo da carga horária da grade curricular. Na maioria das vezes, a escola defende que a leitura não precisa ser trabalhada de forma corriqueira; quando a aborda, o faz sob a perspectiva de projetos de leitura sem uma sistematização e sem uma progressão temporal, ela se resume a datas específicas como, por exemplo, as datas em que se comemora o dia do livro.

Não basta apenas ler e não produzir sentido, a leitura precisa ser feita de maneira que o leitor possa extrair do texto as informações implícitas e, para isso, o trabalho com o texto literário precisa ser constante na escola. O ato de ler, conforme Cosson (2009, p. 27), abre uma porta entre o mundo do leitor e o mundo do outro. O sentido do texto só é completado nessa relação. O bom leitor é aquele que consegue fazer a relação daquilo que leu com as vivências do mundo, a leitura é ainda um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo, “(...) o ato de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário.” (Cosson, 2009, p. 27).

Em vista disso, uma possibilidade de trabalhar a leitura em sala de aula e consequentemente promover o letramento literário é sistematizar o estudo do gênero textual conto, por ser uma narrativa curta que prende o leitor e apresenta uma variedade bem ampla. “Na verdade, se comparada à novela e ao romance, a narrativa curta condensa e potencia no seu espaço todas as possibilidades da ficção” (Bosi, 1994, p.9). O gênero romance também cumpre o papel de formar leitores, mas para o contexto do ensino fundamental necessitaria de um aluno-leitor mais experiente, sem falar no tempo que levaria para abordá-lo.

O fato de o conto ser uma narrativa breve não implica ser um texto com menos valor comparado ao romance. “O conto não só consegue abraçar a temática toda do romance, como põe em jogo os princípios de composição que regem a escrita moderna em busca do texto sintético e do convívio de tons, gêneros e significados.” (Bosi, 1994, p.7). Não significa dizer que é um texto incompleto, ele só não permite uma descrição detalhada e minuciosa do enredo, mas comporta personagens, enredo, tempo, espaço, dentre outras características da tipologia narrativa.

Assim, existe uma variedade desses textos: os contos de fadas são corriqueiramente trabalhados nas séries iniciais, os contos maravilhosos, contemporâneos, o conto de suspense e terror, que é objeto de análise deste trabalho, dentre outros tipos. Ainda segundo o crítico literário, quanto à temática:

(...) o conto tem exercido, ainda e sempre, o papel de lugar privilegiado em que se dizem situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo. Repito a palavra-chave: situações. Se o romance é traçado de evento, o conto tende a cumprir-se na visada intensa de uma situação real, real ou imaginária, para a qual convergem signos de pessoas e de ações e um discurso que os amarra. (Bosi, 1994, p.8)

Por conseguinte, a prática de leitura do texto literário na sala de aula deve privilegiar os textos com os quais alunos sentem afinidade, ou seja, aqueles que despertam o interesse deles e prendem sua atenção e que possam criar expectativas para saber como se desenrolará a trama. Nesse sentido, Cosson (2009, p. 34) afirma: “O letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não. É essa atualidade que gera a facilidade e o interesse de leitura dos alunos”. Muitas vezes o professor impõe a leitura de livros os quais não chamam a atenção dos estudantes e isso acaba prejudicando a formação de leitores do texto literário.

3.2 As narrativas de terror e algumas considerações

As narrativas de terror e mistério despertam o medo, sentimento inerente ao homem, como também o fascínio por esse tipo de narrativa em leitores do mundo todo, além de tratar da temática da morte, algo que causa muita inquietação e que todos um dia irão enfrentar.

O autor estadunidense Edgar Allan Poe é considerado por muitos e pela crítica o precursor desse tipo de narrativa na literatura. O escritor nasceu em Boston em 1809 e morreu em Baltimore em 1849; sua narrativa está intimamente ligada ao grotesco, ao irracional, ao suspense, ao sobrenatural e ao mistério que deixa o leitor preso à história querendo saber como se dará o desfecho dela.

Pedro Eiras, escritor português e professor de Literatura Portuguesa na Universidade de Porto, no ensaio “*Para que servem as histórias que metem medo*¹?”, faz um estudo acerca dessa temática e o porquê dos acontecimentos assustadores causarem tanto fascínio e inquietação no público leitor. Nessas narrativas as respostas serão reveladas ao longo do texto ou até mesmo ficarão sem repostas dependendo da trama.

Segundo (Lovecraft, 2008 apud Pereira; Prochno, 2018, p. 59) considera Edgar Allan Poe como um escritor de narrativas de terror por excelência, o autor também é um dos responsáveis pela formação da literatura norte-americana que era vinculada à literatura da língua inglesa. Por sua obsessão e pela exploração do

¹ Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12526.pdf>. Acesso: 30 de julho 2024.

desconhecido referente à alma humana, esses dois aspectos deram-lhe uma grande notoriedade, com isso Poe ficou consagrado como um dos “escritores malditos” da literatura universal. O autor inspirou vários outros escritores que têm como pano de fundo nas suas obras temáticas como a ficção científica, poesia simbolista, o romance policial moderno e psicológico.

Muitas vezes esse tipo de texto traz casas mal assombradas, a morte como pano de fundo, feitiços, magia negra, pessoas decapitadas, dentre uma série de acontecimentos que causam repulsa nos leitores. Além de abordar o terror psicológico que prende o leitor na trama.

Se esse tipo de história causa tanta repulsa e tensão, por que os leitores ficam presos a essas narrativas? Eiras (2010, p. 284) afirma que “a curiosidade que nos cabe, a nós, leitores, é mais insustentável do que o medo. Só este desequilíbrio de forças e desejos, de resto, torna o conto legível: porque nós somos a rapariga que abre a porta proibida. Ler é uma experiência do medo.”

Nessa mesma direção Beghini (2010 apud Silva, 2012, p. 60) assevera que o conto de terror é um gênero riquíssimo, pois mostra ao leitor o que não é muito comum nas narrativas, embora esteja presente em todas as pessoas. Todo ser humano, desde a mais tenra idade, possui vários medos e os alimenta a cada dia, seja por desconhecer algo e permanecer na ignorância ou até mesmo por vivenciar experiências traumáticas, seja por meio do medo alheio, seja pelo senso-comum.

O medo é uma das principais sensações que o leitor tem ao ler livros de autores como Edgar Allan Poe, Stephen King ou Howard Phillips Lovecraft, por exemplo, pois é uma descarga muito grande que causa impacto físico-emocional nos leitores. Nesse sentido, as mensagens que o texto de terror transmite aos adeptos desse tipo de narrativa, sejam essas mensagens explícitas ou implícitas, ficarão gravadas irremediavelmente na memória, fazendo-os muitas vezes até sonhar com acontecimentos macabros e sobrenaturais (Beghini, 2010 apud Silva, 2012).

Segundo Bezarias (2024, p. 78), o terror é uma sensação causada por algo ou alguém, ou mesmo um evento não ocorrido ou não encontrado, a proximidade desse contato ou encontro permeia a narrativa, domina a mente dos personagens, ou seja, é a possibilidade de algo assustador ou horrível acontecer ou surgir que causa o terror. Nesse sentido, o terror se confunde com o medo ou é bem próximo dele, sentimento inerente à humanidade, desse modo:

O horror é eminentemente físico, sensorial, carnal; o medo ou terror, seu precursor, eminentemente psicológico, mental, emocional. O horror é visceral – esse termo tende ao literal, neste caso – por lembrar as origens biológicas e os limites corporais (biológicos) de nossa espécie e de nossa percepção e compreensão do mundo; sendo seres cuja estrutura biológica e mental nos dá um entendimento limitado do Universo, quando algo além desse entendimento surge, a incompreensão descamba para o medo e deste para o horror. As narrativas e imagens de horror lembram-nos que somos carne e que em nossa origem éramos seres apavorados perante o Universo; o horror retoma esse pavor. (Bezarias, 2024, p. 81)

Em suma, o autor faz esta distinção entre os termos terror e horror, que muitas vezes são tidos como sinônimos; entretanto, pela discussão não são tão parecidos assim, enquanto o horror é algo físico e carnal, conforme as considerações do autor, o medo está relacionado ao emocional, ao psicológico.

4 METODOLOGIA

A tarefa de executar a pesquisa para elaboração da dissertação talvez seja um dos momentos mais complexos, mais importantes, do mestrado ou mesmo de qualquer outra pós-graduação. Isso se dá porque requer um olhar cuidadoso e apurado do pesquisador, é importante ter atenção desde a escolha e o planejamento do processo metodológico. Essa parte do trabalho requer um estudo minucioso de todo o processo e de todo o material coletado durante a pesquisa no campo escolhido, até a análise dos resultados.

A escolha de uma metodologia adequada durante a realização de uma pesquisa é um dos processos mais importantes para que se tenham resultados satisfatórios. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 43), pesquisa científica é a realização de um estudo planejado e a sua finalidade é descobrir respostas para as questões mediante a aplicação do método científico.

Este capítulo tem como propósito descrever as etapas da metodologia empregadas para o desenvolvimento do trabalho de mestrado. Nesse sentido, a divisão dá-se em duas subseções na seguinte ordem: a primeira detalha o campo e os sujeitos da pesquisa, ou seja, a descrição do local e o perfil dos alunos participantes. Conhecer esses aspectos da pesquisa é importante, pois dá a possibilidade de conhecer mais a fundo tanto os macros e micros problemas e dá a oportunidade de o professor fazer intervenções e contribuir para o sucesso do trabalho.

A segunda subseção mostra a caracterização da pesquisa, descreve o estudo em relação à abordagem que melhor se encaixa no trabalho, os objetivos, como também mostra os instrumentos e procedimentos utilizados para coletar os dados que foram analisados durante todo o processo de pesquisa.

Vale destacar a importância de se fazer a caracterização e o mapeamento do local da pesquisa, como também dos sujeitos participantes dela, isso contribui para que seja um processo consistente, pois esses dados contribuem para o sucesso do trabalho e ajuda nas possíveis intervenções pedagógicas dos problemas encontrados. Na seção a seguir, encontram-se os dados devidamente descritos do local em que foi feita a pesquisa e da turma do ensino fundamental em que as oficinas de leitura dos contos de terror foram compartilhadas e discutidas, com o objetivo de promover o letramento literário.

4. 1 Caracterização da pesquisa: abordagem, objetivos e procedimentos

A pesquisa científica tem uma grande importância no meio social atualmente. Cabe a ela investigar a realidade e procurar respostas ou tentar entender ou mesmo solucionar algum problema que cerca o meio onde se vive, todavia ela nunca está acabada, ou seja, as respostas nunca estarão dadas como encerradas. Segundo Gil (2002, 17), a pesquisa científica pode ser entendida como o procedimento racional ou sistemático que tem como finalidade proporcionar respostas aos problemas que são propostos.

O autor considera a pesquisa feita quando não se tem informações suficientes para responder ao problema ou quando as informações que estão disponíveis encontram-se em estado de desordem e não podem ser adequadamente relacionadas ao problema.

A presente pesquisa foi realizada com uma abordagem do tipo quantitativo-qualitativa. Em primeiro lugar foram levantados alguns dados sobre o hábito de leitura do texto literário dos alunos, foi levantado também se eles gostam da temática do terror; em seguida, procurou-se entender como promover o letramento literário, com o objetivo de desenvolvê-lo para que essa prática e os efeitos dela contribuam para a formação leitora desses alunos.

Essas abordagens de pesquisa caracteriza-se ainda, segundo Souza e Kerbauy (2017, p. 44), por serem complementares e estarem inter-relacionadas, enquanto uma se debruça nos aspectos da quantidade, a outra está relacionada à qualidade, aspectos esses que estão lado a lado na pesquisa.

Os dados numéricos levantados, de natureza quantitativa, foram importantes para conhecer a realidade dos alunos e o seu contato com o texto literário. Logo em seguida, serviram para interpretar a natureza do fenômeno pesquisado e produzir novas informações sobre ele.

De natureza aplicada, ela pretende debruçar-se em um problema específico e pontual. Para Assis (2009, p. 19), esse tipo de abordagem interessa-se pela aplicação, utilização e consequências práticas do conhecimento. O conhecimento científico é utilizado para resolver os mais variados problemas individuais ou coletivos. É o caso dos conhecimentos na área do letramento literário que serão aplicados na sala de aula dos alunos do (7º) sétimo ano do ensino fundamental.

Aprofundando os conceitos de Prodanov e Freitas (2013, p. 51), esse tipo de pesquisa tem ainda como objetivo gerar conhecimentos para aplicação prática dirigida à solução de problemas específicos. No caso da pesquisa em destaque, o trabalho com a leitura do texto que, em tese, deveria ser corriqueiro e frequente na maioria das escolas públicas do ensino fundamental nas séries finais.

Em relação aos procedimentos técnicos, como trabalho é composto por dados fornecidos por pessoas, a pesquisa caracteriza-se como de campo. De acordo com Gil (2002, p. 83), essa abordagem desenvolve-se por meio da observação direta das atividades do grupo estudado. O trabalho é feito de forma pessoal, pois enfatiza a importância do pesquisador ter contato direto com o fenômeno que será estudado, exige mais tempo para a observação e o pesquisador passa a maior parte da pesquisa no local de estudo.

Em relação aos objetivos, classifica-se como descritiva e exploratória, já que, para compreender o papel do letramento literário em contos de terror, faz-se necessário descrevê-lo e identificar os fatores que determinam e contribuem para esse fenômeno. De acordo com Gil (2002, p. 41), a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema a ser investigado, por isso foram levantadas informações sobre o objeto de estudo. O aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições são também um dos objetivos importantes desse tipo de pesquisa.

Quanto ao caráter descritivo da pesquisa, esse tipo de abordagem tem como objetivo descrever, analisar e identificar características de determinados fenômeno ou processo. Nessa perspectiva, Gil (2002, p. 42) assevera que a pesquisa descritiva e a pesquisa exploratória é realizada por pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São ainda as mais solicitadas por organizações educacionais.

Quanto aos procedimentos, esta pesquisa se classifica como bibliográfica, já que foi feita primeiramente uma investigação das discussões teóricas já existentes sobre o letramento, letramento literário e a formação do leitor e as contribuições dessas teorias para o desenvolvimento das múltiplas competências dos alunos na educação básica.

A pesquisa bibliográfica caracteriza-se por ser desenvolvida com base em material já elaborado, ela é constituída principalmente por livros e artigos científicos (Gil, 2002, p. 44). Ampliando os conceitos, pesquisa bibliográfica, é aquela

elaborada a partir de material publicado, como livros, revistas, etc. É importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observe as possíveis incoerências ou contradições que o material possa apresentar. O aporte teórico elencado a partir desse tipo de pesquisa é necessário para que o professor desenvolva um trabalho direcionado para o processo de letramento literário.

Em suma, foi esse material que serviu de base para todas as reflexões utilizadas para abordar o texto literário na sala de aula sobre a perspectiva do letramento literário. Os pressupostos teóricos utilizados a partir da pesquisa bibliográfica escolhida foram reesponsáveis por criar algumas estratégias e guiar o professor, principal mediador e agente da leitura do texto literário.

4. 2 Campo e sujeitos da pesquisa

A pesquisa que contribuiu para a realização deste trabalho foi feita numa escola da zona rural do município de Esperantina no Piauí. O município fica ao norte do estado, cerca de 180 km da capital, Teresina. A cidade é uma das mais desenvolvidas da chamada “Região dos Cocais”, onde prevalece, sobretudo, o comércio em geral; em termos de educação ainda não há um polo de centro educacional superior público, como a Universidade Estadual do Piauí- UESPI ou a Universidade Federal do Piauí-UFPI, os alunos que concluem a educação básica, na grande maioria, precisam se deslocar para outros centros urbanos como a capital Teresina ou mesmo à cidade de Parnaíba, que oferecem cursos de nível superior público.

A escola possuía, no momento da pesquisa, um quadro de funcionários bem grande e diversificado, já que recebe uma quantidade significativa de alunos. Isso acontece porque algumas escolas das regiões próximas a ela foram fechadas, por não haver alunos suficientes para formar turmas. Nesse sentido, a gestão municipal opta por oferecer transporte público para deslocar essas crianças e adolescentes para a escola em destaque na pesquisa.

O quadro de funcionários é composto por um número de 75 funcionários assim elencados: 1 diretora administrativa do ensino fundamental regular, 1 diretor da Educação de Jovens e Adultos, 1 uma diretora adjunta, 2 coordenadores pedagógicos, 2 secretárias que cuidam da parte administrativa, 25 professores que se dividem entre ciclo de alfabetização, ensino fundamental I e II, 10 assistentes de

serviços gerais, 06 motoristas, 06 monitores que cuidam dos alunos enquanto fazem o trajeto no ônibus escolar e 06 vigias.

Tabela 3: Quantidade de turmas e alunos

ANO	TURMAS	
	MANHÃ	TARDE
1º ANO	29	-
2º ANO	31	-
3º ANO	25	-
4º ANO	19	20
5º ANO	16	17
6º ANO	20	20
7º ANO	27	27
8º ANO	25	19
9º ANO	20	21

Fonte: Tabela elaborada com base na formação de turmas da escola

As comunidades atendidas pela escola possuem uma economia baseada na agricultura familiar, os pais desses alunos vivem também da criação de animais para subsistência, muitos desses pais de família quando não conseguem trabalho no

centro urbano do município, precisam viajar para outros estados do país para trabalhar por temporadas de um ano, por exemplo, já que emprego com carteira assinada é mais difícil na região, muitos deles não concluíram o ensino médio. Essa falta de escolaridade os obriga a trabalhar na construção civil ou mesmo com linha de transmissão de energia elétrica.

A maioria dos alunos, devido à condição socioeconômica, enfrenta dificuldades para frequentar a escola ou mesmo não possuem grandes incentivos ou não são motivados por parte da família, talvez pelo fato de não haver ainda em mente a consciência do poder transformador da escola, tanto em relação ao letramento como forma de transformação social quanto de perspectiva de uma vida melhor.

Os sujeitos que participaram da pesquisa foram 26 (vinte e seis) alunos matriculados regularmente no 7º (sétimo) ano do ensino fundamental turno da tarde. A turma é dividida em 20 (vinte) alunos do sexo masculino e 06(seis) alunos do sexo feminino. A faixa etária deles varia entre 12 (doze) e 13 (treze) anos. Desse total de alunos, apenas 2 (dois) não são alfabetizados, isso se deve ao fato de possuírem problemas que os impedem de avançarem na aprendizagem.

Os demais alunos alfabetizados possuem ainda certa dificuldade com relação à leitura e à escrita, esses problemas estão relacionados ao fato de que eles cursaram o 4º (quarto) e 5º (quinto) na modalidade remota durante o período da pandemia da covid 19. Outro aspecto que também contribui para má formação deles é a questão socioeconômica, muitos são alunos de baixa renda, os pais ainda têm a velha concepção de que a escola é a única responsável pela aprendizagem formal, esse fato é constatado quando os alunos levam o dever de casa e a maioria não faz.

Vale destacar ainda que o fato de a escola receber uma quantidade significativa de alunos destoia da realidade vivida, pois não possui um ambiente compatível para o público que precisa dela, assim, a estrutura física está muito aquém de uma escola que ofereça estrutura com qualidade para os alunos, mas todos os profissionais envolvidos exercerem um trabalho de qualidade.

4.2.1 Caracterizações da pesquisa

Com o objetivo de chegar aos resultados do trabalho proposto que é o papel do letramento literário na formação do leitor, para melhor detalhar a metodologia utilizada, esta subseção foi separada em quatro diferentes tópicos os quais estão ordenados da seguinte forma: a caracterização da pesquisa em relação à abordagem, em relação aos objetivos e aos procedimentos. Na subseção também serão detalhados o *corpus* que servirá de base para o trabalho; os instrumentos de coleta dos dados e os procedimentos para a coleta e análise desses dados.

4. 2. 2 Apresentação do corpus da pesquisa

Esta subseção tem como objetivo apresentar o *corpus* que serviu como base para coletar os dados que serviram de análise para a presente pesquisa. Dentre eles estão o questionário sobre o perfil do leitor (apêndice A) e as anotações que resultaram da participação dos alunos do 7º (sétimo ano do ensino fundamental) nas cinco oficinas que aconteceram na sala de aula.

Essas oficinas foram aplicadas com o foco no letramento literário e a formação do leitor. Dentre os materiais escolhidos está O livro *O fantasma de Canterville*, do escritor irlandês Oscar Wilde, nele há uma série de contos como *O príncipe feliz*, *O rouxinol e a rosa*, *O gigante egoísta*, *O amigo dedicado*, *O rojão extraordinário* e o conto *O fantasma de Canterville*. Esses livros vieram por meio de recursos do Plano Nacional do Livro Didático-PNLD para serem trabalhados em um projeto intitulado de *Sacola Viajante* da Secretaria de Educação do Município, entretanto eles estavam jogados em uma sala dentro das sacolas que seriam destinadas aos alunos fazerem a leitura em casa.

Outro livro que serviu de *corpus* para a pesquisa foi *O escaravelho de ouro e outras histórias*, do escritor estadunidense Edgar Allan Poe. O conto *A máscara da morte escarlata*, que está incluso na obra, foi escolhido para a leitura e discussão. Os contos *A pata do macaco*, do escritor britânico William Wymark Jacob, e *O que a lua traz consigo*, do também estadunidense Howard Phillips Lovecraft, foram escolhidos também.

Os contos selecionados para o trabalho com as oficinas na sala de aula apresentam um panorama que melhor representam as narrativas de terror, desse modo, levam o leitor a mergulhar no texto; cria-se uma atmosfera de medo e suspense, incita a imaginação dos alunos, causa estranheza, mistério, dentre outras

sensações. É importante destacar que “O gênero conto, como as demais narrativas ficcionais, apresenta uma sequência narrativa de ações imaginárias como se fossem reais, envolvendo personagens em um determinado tempo e em um determinado espaço” (Castilhos e Muller 2007, p. 3). Isso chama atenção dos leitores e faz com que eles se sintam envolvidos com a trama, dessa forma o prazer pela leitura se torna algo corriqueiro. Os contos são narrativas que podem conter também lições moralizantes, ou seja, fazem com que o leitor reflita por meio do susto sobre determinadas condutas individuais que não são aceitáveis na sociedade.

As observações feitas durante todo o processo de aplicação e interação das oficinas de letramento literário proporcionaram um diagnóstico sobre a proposta da pesquisa e foram muito importantes para a construção desse trabalho, associados às leituras desses contos. Os debates, as atividades respondidas, as participações individuais e coletivas dos alunos foram essenciais para desenvolver o protagonismo deles tanto na sala de aula, como nos diversos contextos em que eles estão inseridos.

4.2.3 Instrumento de coleta de dados

Esta subseção tem como objetivo descrever de que forma foram coletadas as informações que serviram de análise para o presente estudo. Primeiramente, foi utilizada a técnica do questionário, **apêndice A**; essa técnica, segundo Gil (2002, p. 116), consiste em um conjunto de questões que são respondidas pelos participantes da pesquisa, ela caracteriza-se ainda por possibilitar a obtenção de dados a partir do ponto de vista do entrevistado.

O questionário “constitui o meio mais rápido e barato de obtenção de informações, além de não exigir treinamento pessoal e garantir o anonimato” (Gil, 2002, p. 115). Ele foi feito para conhecer um pouco o perfil dos alunos do 7º ano em relação ao hábito de leitura, se gostam de textos ficcionais do campo literário ou mesmo se gostam da temática que é abordada no trabalho, o terror. Esse questionário se constituiu de perguntas abertas, fechadas, de múltipla escolha e questões para eles marcarem “sim” ou “não”.

As perguntas foram respondidas em sala de aula; foi entregue uma cópia para cada participante, em seguida, o professor tirou algumas dúvidas que os alunos tinham sobre as perguntas; depois, eles entregaram. A opção por responder o

questionário em sala de deveu ao fato de que eles sempre levam atividade para casa e a maioria se esquece de responder ou não traz na aula seguinte, dentre outros problemas.

Vale destacar ainda que os alunos não demonstraram, no primeiro momento da pesquisa, resistência em participar dela, pelo contrário, mostraram-se bastante empolgados. Outro ponto: foi esclarecido a eles que sua identidade seria preservada nessa atividade e durante todas as tarefas que serviriam de material para o trabalho, Gil (2002, p. 118) assevera que a análise do material obtido deve preservar a face dos participantes, eles devem ficar no anonimato, pois isso corresponde a uma importante obrigação moral de quem faz pesquisa.

Outro meio utilizado para coletar o material utilizado na análise dos dados pelo professor-pesquisador, durante todo o processo da pesquisa, foi diário de bordo. Nele foi possível registrar todas as etapas relevantes da pesquisa, de modo que foi registrada a participação dos alunos, como eles recebiam cada fase das atividades propostas, o resultado das oficinas de letramento literário.

O professor, que é indispensável nesse processo, participa como observador do trabalho de pesquisa. Essa técnica é conhecida como *observação participante*; de acordo com Neto (2001), ela permite que o pesquisador tenha contato direto com o fenômeno a ser observado, com os atores sociais envolvidos, a fim de obter informações sobre a realidade em que se encontram.

Essa técnica se diferencia do questionário, por exemplo, uma vez que ela tem a importância de captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por perguntas. Isso acontece porque o pesquisador está inserido na realidade do campo pesquisado e com os participantes.

O outro instrumento de coleta de dados foi a elaboração de oficinas de leitura, principalmente voltadas para o conto *O fantasma de Canterville*. Como se trata de um conto mais extenso, ele é dividido em 7 (sete) capítulos, foram necessárias mais hora-aulas para poder explorá-lo de uma maneira mais produtiva.

A ideia de trabalhar com as oficinas para explorar o texto literário de forma sistematizada está ancorada nas ideias de Cosson (2009, p. 48) que propõe que essa abordagem ajuda o aluno a construir o conhecimento na prática. Ela também se faz presente na alternância entre as habilidades de leitura e escrita, uma vez que a maioria das atividades propostas de leitura do texto literário precisa existir um registro escrito. Elas também são importantes, segundo o autor, porque abordam o

caráter lúdico e a criatividade; nessa perspectiva, os alunos se mostram mais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, as oficinas em grupo se mostram mais proveitosas, porque dão a possibilidade de tirar dúvidas com os colegas que têm maior afinidade com a leitura, eles conseguem compreender melhor aquilo que leem e conseguem compartilhar com mais interação com os membros do grupo.

4.2.4 Procedimentos para coleta de dados

Antes de iniciar as atividades na sala de aula para coletar os dados para a presente pesquisa, o professor-pesquisador entrou em contato com a direção da escola. Ela ficou a par de tudo que ocorreria e foi explicado, de uma forma bem detalhada, qual era o objetivo do trabalho, não só para os alunos e para a referida escola, mas também para outros professores que têm a literatura como base para o ensino da língua portuguesa.

Assim que a direção da escola autorizou o início da pesquisa e assinou o termo de permissão para a realização dos trabalhos, foram iniciadas as atividades com a turma do 7º ano (sétimo) do ensino fundamental, turno tarde. Dia 05/08/2024 foi a data em que oficialmente começaram os procedimentos de coleta de dados juntamente com o professor da turma e os participantes; e no dia 09/09/2024 foram encerradas as atividades com os alunos.

O primeiro contato com a turma foi para esclarecer detalhadamente como aconteceriam as atividades focadas no texto literário, o objetivo da pesquisa, as atividades propostas, os grupos que se formariam para compartilhar conhecimento, a metodologia e os pontos positivos, como também os benefícios para o ensino-aprendizagem desta proposta que é o letramento literário.

Além de tudo isso, na primeira aula, os alunos levaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCL), documento registrado no **Anexo A** da pesquisa, para que os pais ou mesmo algum responsável pelos alunos pudessem assiná-lo e os discentes trouxessem na aula seguinte.

O trabalho com metodologias diferentes, ou seja, aquelas que fogem da rotina do livro didático ou mesmo das aulas expositivas de copiar no quadro, por exemplo, contribuem para uma melhor interação dos alunos no contexto da sala de aula. As oficinas que o professor aplicou na sala de aula foram elaboradas a partir da

proposta de “A sequência básica do letramento literário na escola” (Cosson 2009, p. 51).

Essa sequência básica de letramento literário é constituída por 4 (quatro) passos, divididos nas seguintes etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Essa sequência foi escolhida, visto que ela visa a promover a aprendizagem dos alunos do ensino fundamental de forma significativa por meio do letramento literário. A tabela abaixo detalha o passo a passo como as oficinas foram organizadas:

Tabela 4: Detalhamento das oficinas

ETAPAS	OFICINAS
APRESENTAÇÃO	<p>PRIMEIRO ENCONTRO: Nesse encontro foi apresentada a pesquisa, a importância dela não só para o professor, como também para os alunos. Foi lido o Termo de Livre Consentimento para tirar as dúvidas sobre o trabalho de pesquisa. Também foram respondidas às questões do Apêndice A.</p>
MOTIVAÇÃO	<p>Oficina I: Motivando os alunos para a leitura de contos de terror</p> <p>SEGUNDO ENCONTRO: Nesse encontro a turma foi dividida em grupos, o professor falou um pouco sobre o medo e solicitou para os grupos escreverem um pequeno texto sobre as impressões deles sobre o medo. Ao final dessa discussão, eles socializaram entre si os textos.</p>
	Oficina II: Conhecendo os contos de

<p>FORMAÇÃO DOS CONHECIMENTOS SOBRE O CONTO DE TEROR</p>	<p>terror</p> <p>TERCEIRO ENCONTRO: Nesse encontro o professor reproduziu um slide sobre o gênero textual conto, com destaque para o conto de terror. Foram apresentadas algumas características do gênero e foram discutidos: os principais autores, a origem, dentre outras características.</p> <p>QUARTO ENCONTRO: estrutura do conto de terror. Os alunos fizeram a leitura do conto O que a lua traz de H. P. Lovecraft, em seguida, foi feita uma discussão em torno do conto.</p>
<p>INTRODUÇÃO</p>	<p>Oficina III: O fantasma de Canterville e outras histórias-Oscar Wilde</p> <p>QUINTO ENCONTRO: apresentação da obra O fantasma de Canterville e outras histórias de Oscar Wilder.</p>
<p>LEITURA</p>	<p>Oficina IV: Letramento literário e os contos de terror</p> <p>6º, 7º, 8º e 9º encontros foram feitas as leituras dos contos: “O fantasma de Canterville e outras histórias”, “A máscara da morte escarlata”, “E a pata do macaco”. Alguns contos foram lidos na sala de aula de forma coletiva e outros foram feitas leituras prévias em casa. As leituras foram feitas de forma a atrair a atenção dos alunos, com comentários dos alunos sobre a leitura,</p>

	esclarecimento de dúvidas sobre a leitura, se as expectativas que eles tiveram no início da leitura dos textos foram alcançadas.
INTERPRETAÇÃO	<p>Oficina V: Superação do terror</p> <p>Nesses encontros foram compartilhados e ampliados os sentidos construídos pela leitura dos textos. Essas atividades foram registradas em forma de resenha, debates sobre a leitura, “Em busca de solução” foi proposto aos alunos desvendarem o que a personagem Virgínia, do conto O fantasma de Canterville, viveu nos momentos que passou presa com o fantasma, dentre outras atividades. Foram coletados relatos dos alunos sobre o que eles acharam das oficinas, o que deveria ser diferente nas próximas atividades com o texto literário.</p>

Fonte: Elaborado pelo professor da turma com base na Sequência Básica de Cosson (2009)

As atividades desenvolvidas na sala de aula, em forma de oficinas, foram feitas de modo a explorar o texto literário na íntegra e estimular o contato dos alunos com a literatura. Abordar metodologias diferenciadas que fujam das aulas monótonas do livro didático, já que elas possibilitam maior interação dos alunos, já que elas são mais eficazes e interativas.

O número necessário de hora-aulas para desenvolver cada oficina variou de acordo com a temática de cada uma e de acordo com a complexidade das atividades planejadas para cada momento. Todos os objetivos propostos por essas atividades foram formulados a fim de desenvolver as competências literárias e a formação do leitor, que são pontos basilares para a promoção do letramento literário.

Com organização e o embasamento teórico da Sequência Básica, essas oficinas possibilitaram a leitura minuciosa dos textos e, em seguida, discuti-los de forma atrativa e dinâmica. Percebe-se que a promoção da literatura na escola deve partir da motivação dos alunos, o professor precisa conhecer o perfil da turma, levar em conta a idade, as temáticas pelas quais eles se interessam e tenham curiosidade. Dessa forma o letramento literário será efetivado na prática e contribuirá com uma das suas principais funções, que é formar leitores.

Após a coleta dos dados em sala de aula, realizou-se a análise desses dados coletados por meio de material escrito pelos alunos, anotações do professor e observação do professor durante as atividades. O próximo capítulo tem como finalidade descrever todo esse material e trazer a interpretação dele de acordo com a proposta teórica do letramento literário.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Esta seção tem como objetivo fazer a análise e a interpretação dos dados coletados durante o processo de execução das oficinas. Esse é um dos momentos mais relevantes da pesquisa acadêmica. O momento em que o pesquisador faz a análise dos dados envolve diversos procedimentos.

Segundo Gil (2002, p. 133), esses procedimentos envolvem a codificação das respostas, tabulação dos dados e cálculos estatísticos. O autor afirma ainda que após a análise dos dados, pode ocorrer a interpretação deles, ou seja, o pesquisador vai estabelecer a ligação entre os resultados obtidos com outros resultados que já são conhecidos de teorias sobre o assunto estudado ou estudos realizados anteriormente.

Com o objetivo de estimular a leitura literária com os alunos do 7º ano, com foco no letramento literário, foi feito um questionário para conhecer o perfil desses alunos como leitores. Dessa forma, a primeira subseção consiste em saber com que frequência os alunos leem, a relação deles com o texto literário, saber também se a temática do terror desperta curiosidade neles, dentre outras perguntas que foram feitas no questionário.

A segunda subseção desse capítulo destina-se à análise e à interpretação dos dados do trabalho de observação que consistiu nas oficinas voltadas para o letramento literário com a leitura dos contos de terror. Foram registrados os momentos de socialização, a interpretação desses contos que foi o momento em que os alunos socializaram tanto individualmente quanto coletivamente de forma oral e escrita.

A fim de preservar a identidade dos participantes da pesquisa, ou seja, para manter a confidencialidade e a privacidade e a imagem deles, foram criados códigos alfanuméricos. Os vinte seis (26) foram identificados com os números de 1 a 26 e as letras F de feminino representando as alunas e M de masculino representando os alunos.

5.1 O perfil do Leitor

Esta seção tem como finalidade conhecer o perfil dos alunos do 7º ano que participaram do trabalho de pesquisa. Conhecer essas características é importante para que o trabalho com o letramento literário seja mais efetivo e proveitoso, uma vez que o aluno é o protagonista nesse processo de formação do leitor literário.

De acordo com Cosson (2020, p. 191), o papel ativo e colaborativo do aluno é importante, ele é o principal agente nesse processo pedagógico. Tanto em relação a ele executar as atividades programadas pelo professor, como também trazer as vivências formativas da escola para o seu processo individual de letramento literário.

Nessa perspectiva, a sociedade sabe do papel da escola para formação do aluno em diferentes contextos do conhecimento, cabe a ela oferecer condições necessárias para essa formação se concretizar. Entretanto, a escola deve e precisa convencer esses alunos **de** que a atuação, a colaboração e a participação deles são de suma importância. Cabe ressaltar:

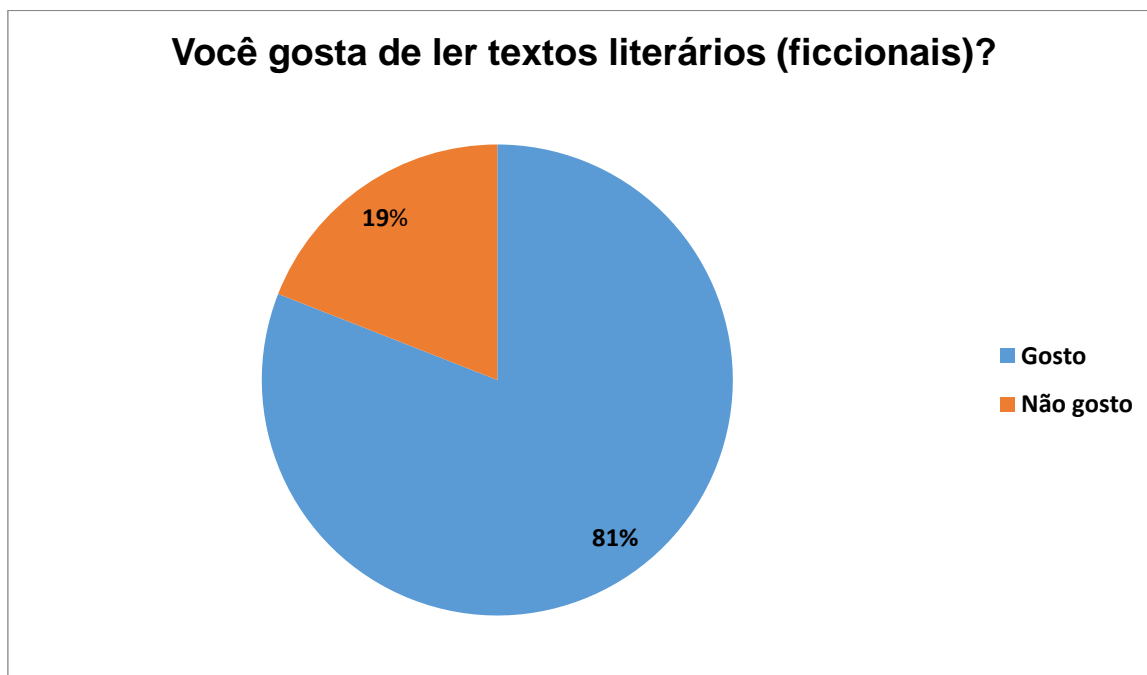
(...) a experiência literária não funciona como exercício ou tarefa que se faz para aprender alguma coisa, nem opera como conceitos a serem aplicados a situações futuras. Ao contrário, tal como a vida, ela só acontece no momento em que é efetivada, logo não pode ser simulada, nem exercitada em abstrato. Disso resulta que se o aluno se recusar a atuar ativamente ou encontra barreiras sociais, culturais e cognitivas para sua atuação, a formação do leitor literário, que é em grande parte autoformação, simplesmente não se efetivará. (Cosson, 2020, p.192)

As afirmações do autor são relevantes na medida em que é importante considerar vários aspectos como: o perfil do aluno, a formação do professor, a escola, a sociedade, ou seja, todos esses fatores são importantes para a concretização do letramento literário.

Nessa primeira etapa, foram analisadas as informações dadas pelos alunos no questionário elaborado pelo professor. Embora a turma seja composta por 26 (vinte e seis) alunos, apenas 21 (vinte e um) devolveram a atividade proposta respondida. O questionário foi elaborado com 9 (nove) questões e serão analisadas na mesma sequência que são apresentadas. Essas questões são referentes à preferência dos alunos quanto à questão da leitura literária, esse questionário foi importante para conhecer o repertório de leitura desses estudantes e consequentemente estimular e expandir a proposta do letramento literário.

A primeira questão proposta, conforme consta no questionário do **apêndice A**, aos alunos foi: **Você gosta de ler textos literários (ficcionais)?** Essa pergunta foi elaborada com o intuito de conhecer o perfil dos alunos e principalmente saber qual o posicionamento deles em relação à leitura. O resultado referente a essa pergunta consta no gráfico abaixo.

Gráfico 4. Resposta dos alunos à primeira pergunta



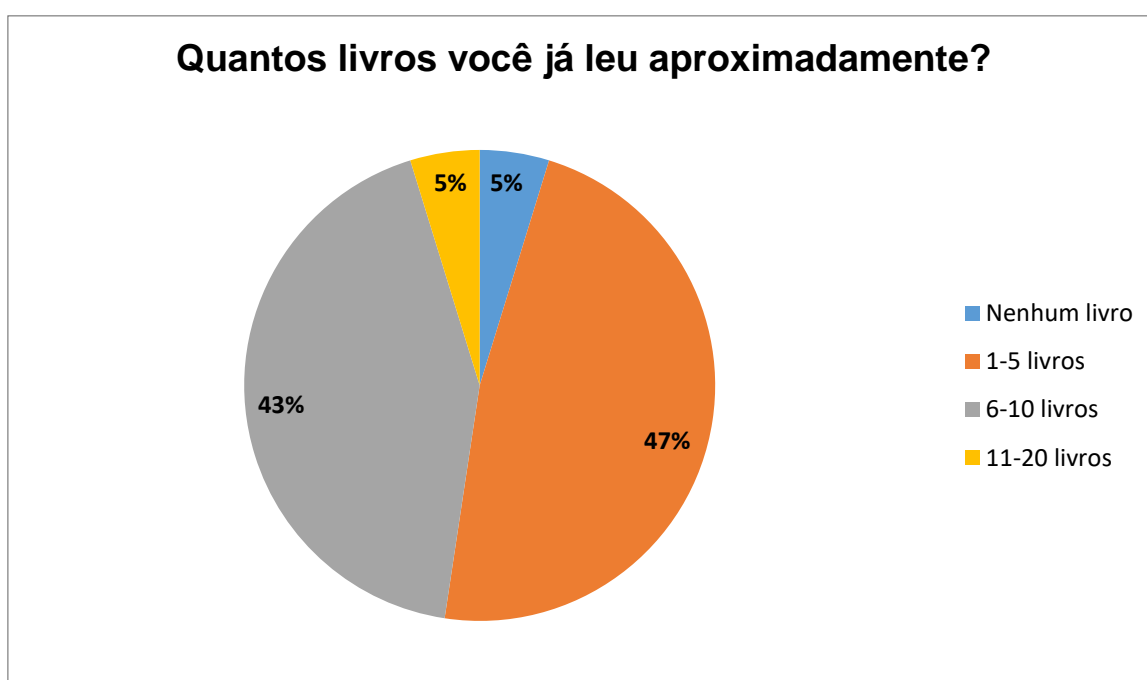
Fonte: Elaborado pelo professor-pesquisador

Do total de 21 alunos, 17 (dezessete) responderam que gostam de leitura literária, esse valor corresponde a 81% da turma; por outro lado, 4 (quatro) alunos responderam que não gostam, esse valor corresponde a 19% dos alunos. Foi proposto que eles marcassem a alternativa e, se fosse possível, justificassem.

A grande maioria apenas marcou as questões. Alguns justificaram que gostam de ler, pois a leitura ajuda nos estudos, contribui para passar o tempo, quando eles estão no tédio e também adquirir novos conhecimentos, outros afirmaram que a leitura literária ajuda você conhecer novos lugares. Em relação aos que não gostam de ler, as justificativas dos alunos apresentada foi que ler é muito chato, alguns afirmaram que sentem sono quando estão lendo, só leem porque o professor propõe nas aulas ou nas verificações da aprendizagem e também afirmaram que preferem o telefone celular, para ficar nas redes sociais, à leitura.

A segunda questão proposta foi a seguinte: **“Quantos livros você já leu aproximadamente?”**. A pergunta trouxe quatro alternativas de múltipla escolha a questão nesta ordem: a) nenhum, b) 1 a 5 livros, c) 6 a 10 livros e d) 11 a 20 livros. Dez (10) alunos (47%) responderam que já leram entre 1 a 5 livros, nove (9) alunos (43%) responderam que já leram em torno de 6 a 10 livros, um (1) aluno respondeu que leu 11-20 livros e 1 (aluno) respondeu que leu nenhum livro, conforme aparece no gráfico abaixo:

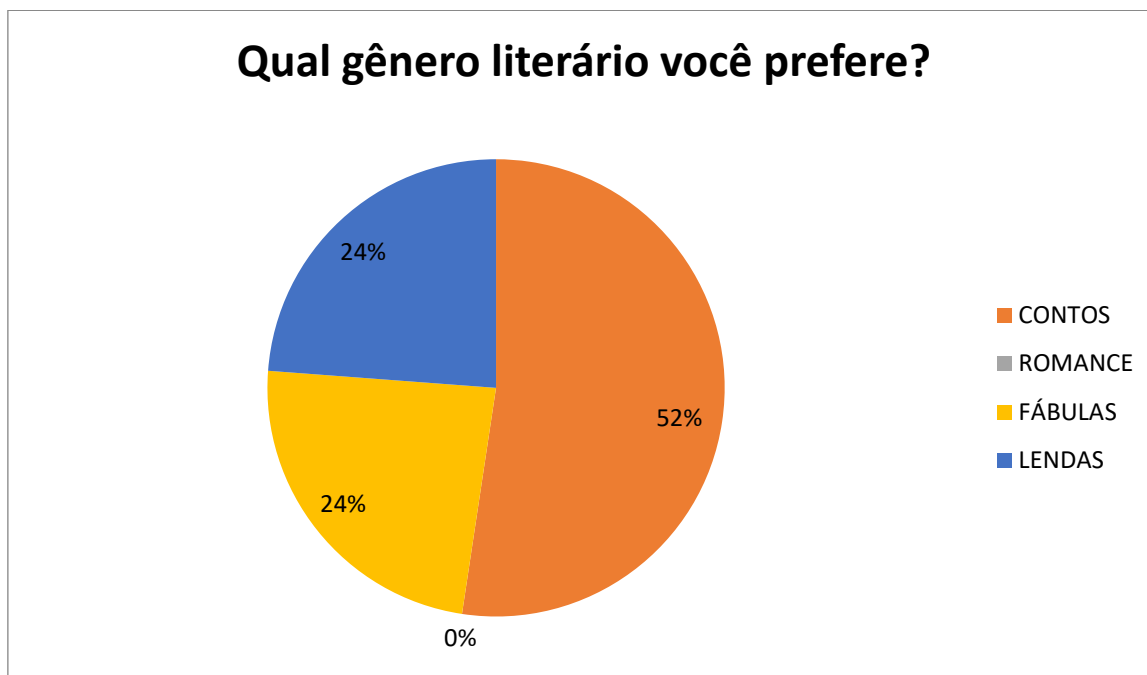
Gráfico 5. Resposta dos alunos à segunda pergunta



Fonte: Elaborado pelo professor-pesquisador

Esse resultado é considerado não muito satisfatório, visto que o professor esclareceu que essa pergunta foi em relação à quantidade de livros que os alunos leram durante a sua vida escolar até o 7º ano do ensino fundamental que é a série em que eles estão no momento. Foi indagado aos alunos se já fizeram a leitura de algum livro no ano de 2024, todavia a maioria afirmou que não leram. Vale trazer a informação de que a definição de leitor, segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, é aquele que leu pelo menos 1 livro nos últimos três meses.

A terceira pergunta do questionário procurou identificar que gênero literário eles mais gostam, foi feita a seguinte indagação: **Qual gênero literário você mais prefere?**. O gráfico abaixo mostra os gêneros literários mais citados pelos alunos.

Gráfico 6. Resposta dos alunos à terceira pergunta

Fonte: Elaborado pelo professor-pesquisador

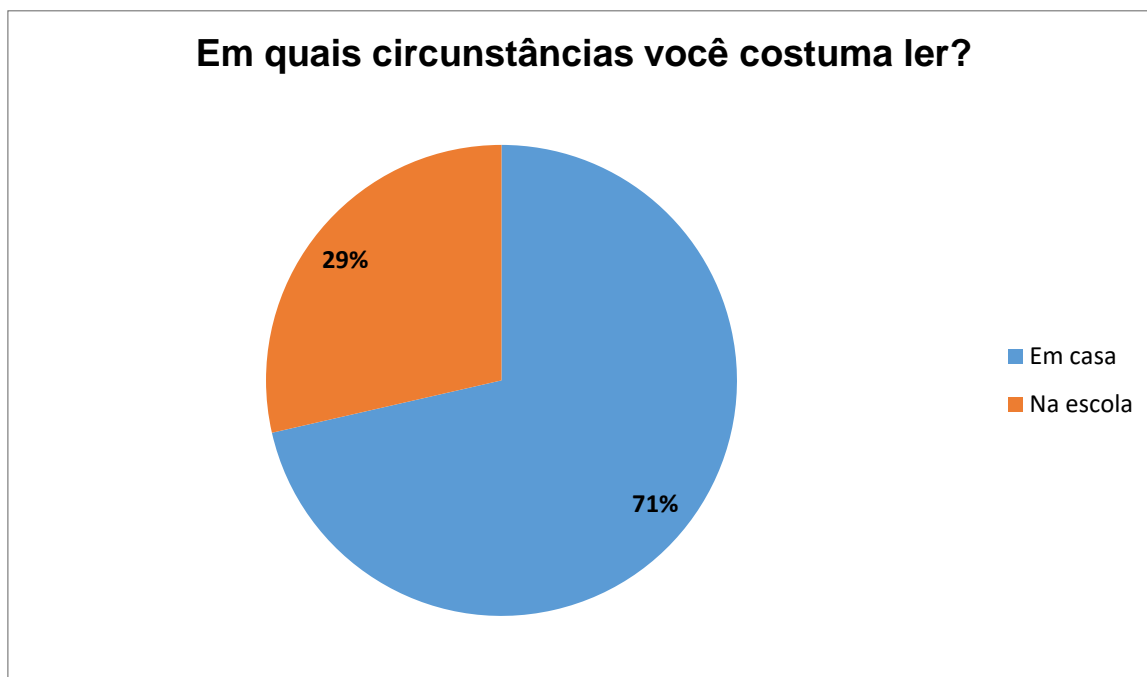
Dos 21 (vinte e um) alunos que responderam à questão de número (três), 11 (onze) alunos, cerca de 52%, afirmaram que preferem o gênero literário conto, enquanto cinco alunos (5), cerca de 24%, preferem o gênero lenda e cinco (5), cerca de 24%, preferem as fábulas. Alguns justificaram ainda que gostam desses dois últimos gêneros citados porque a professora que lecionou nas séries do ensino fundamental do 4º (quarto) e do 5º (quinto) ano trabalhava na sala de aula muitas lendas e fábulas.

É importante destacar a preferência da maior parte dos alunos pelo gênero textual conto, isso indica que o conto pode ser um gênero favorável para abordar a leitura do texto na perspectiva do letramento literário e também explorar textos os quais sejam atrativos, aqueles que são da preferência dos alunos do sétimo ano. Dessa forma, vale resgatar o que foi dito anteriormente, o ensino de literatura deve contemplar as preferências e aptidões de leituras dos alunos, para que no segundo momento a experiência de leitura literária deles seja expandida.

Os alunos relataram que conhecem mais os contos maravilhosos, eles citaram alguns clássicos da literatura universal como: A Cinderela, A Branca de Neve, A Rapunzel, a Princesa e o Sapo. Foi questionado a eles se leram esses

textos na íntegra, alguns afirmaram que sim, outros afirmaram que tiveram contato por meio de filmes, animações ou no formato de quadrinhos. A pergunta de número 4 (quatro) tinha como objetivo saber em quais circunstâncias os alunos preferem ler, o gráfico abaixo mostra o resultado:

Gráfico 7. Resposta dos alunos à quarta pergunta



Fonte: Elaborado pelo professor-pesquisador

O gráfico mostra que dos 21 alunos que responderam a essa pergunta, 15 alunos (quinze) responderam que costumam ler em casa, isso representa um total de 71 % das respostas. Por outro lado, 6 alunos (seis) afirmaram que fazem a leitura em casa, isso representa 29% das repostas.

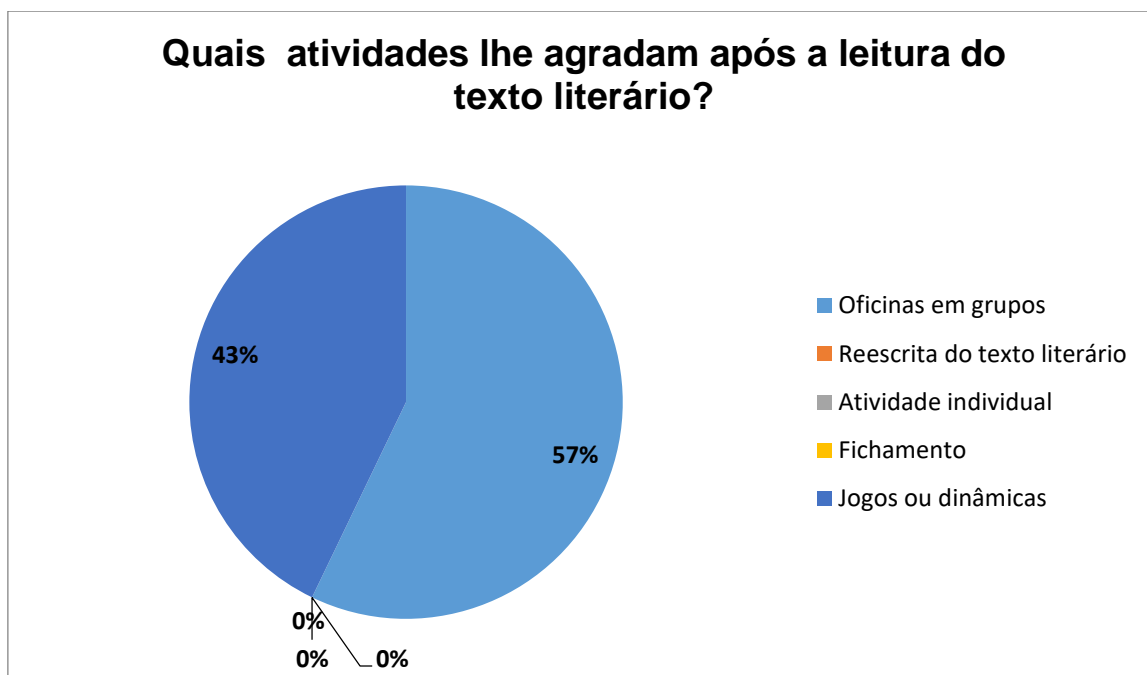
Alguns alunos socializaram que sentem dificuldade em ler em casa, visto que têm acesso à internet e acabam se dispersando da leitura e são atraídos a mexer no telefone celular. Outros relataram que preferem quando o professor faz a leitura dos textos de forma coletiva na sala, pois conseguem entender e compreender melhor o texto. Cosson (2020, p. 192) defende que o papel da escola é garantir um ambiente próprio e condições necessárias para o ensino de literatura. Entretanto, a falta de incentivo à leitura é algo que está dentro do próprio contexto escolar, nenhum aluno citou a biblioteca como possível local em que preferem fazer leitura.

É importante destacar também que foi indagado aos alunos o motivo de eles não gostarem de fazer leitura na sala, alguns afirmaram que sentem vergonha de falar em público, eles têm medo de errar e os colegas rirem. Foi possível observar pelas respostas dadas pelos alunos ao questionário que o trabalho com o texto literário, em forma de oficinas, pode ajudar os alunos a perderem a vergonha de falar em público e expor suas ideias em público.

Isso vai contribuir para que o protagonismo estudantil, um tema presente atualmente, se desenvolva, como também as competências linguísticas e as competências comunicativas tanto orais quanto escritas que são importantes na vida em sociedade.

Após a leitura da obra, é importante fazer a discussão coletiva dessas leituras. Isso é uma forma de os alunos perceberem a leitura como interação, é troca de experiência entre a turma e não um processo passivo. Rouxel (2013, p. 167) destaca a importância de o leitor dominar o texto, assim, ele deixa de ser um objeto em si e passa a estimular o pensamento. A cultura literária é muito problemática de ser definida, a autora defende que ela está relacionada com a natureza do corpus, com a sua função na vida dos sujeitos, e por último, o modo o qual é estruturado. Ela é ativa, pois cobra do leitor um engajamento e o estimula a pensar, aguça a curiosidade, dentre outros benefícios.

A questão de número cinco (5) tinha como objetivo saber quais livros os alunos já leram. Foi feita a seguinte indagação: **Quais livros que você já leu e de que mais gostou?** Essa pergunta não foi de múltipla escolha, ou seja, os alunos deveriam responder a ela de forma discursiva. Os que confirmaram ter lido algum livro citaram uma lista não muito grande de obras, dentre elas os clássicos maravilhosos e outros livros populares. “Alguns citaram: “A Branca de Neve”, “Cinderela”, “A Princesa e o Sapo”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Diário de um banana”, “A gaiola, de Adriana Falcão”, “Suzy e as águas-vivas, de Ali Benjamin”. Todos os livros citados pelos alunos são dos programas que buscam fomentar a leitura na escola como o PNLD. Alguns citaram como livros que leram o próprio livro didático de Língua Portuguesa, o de Ciências, História e a própria Bíblia Sagrada como livros já lidos.

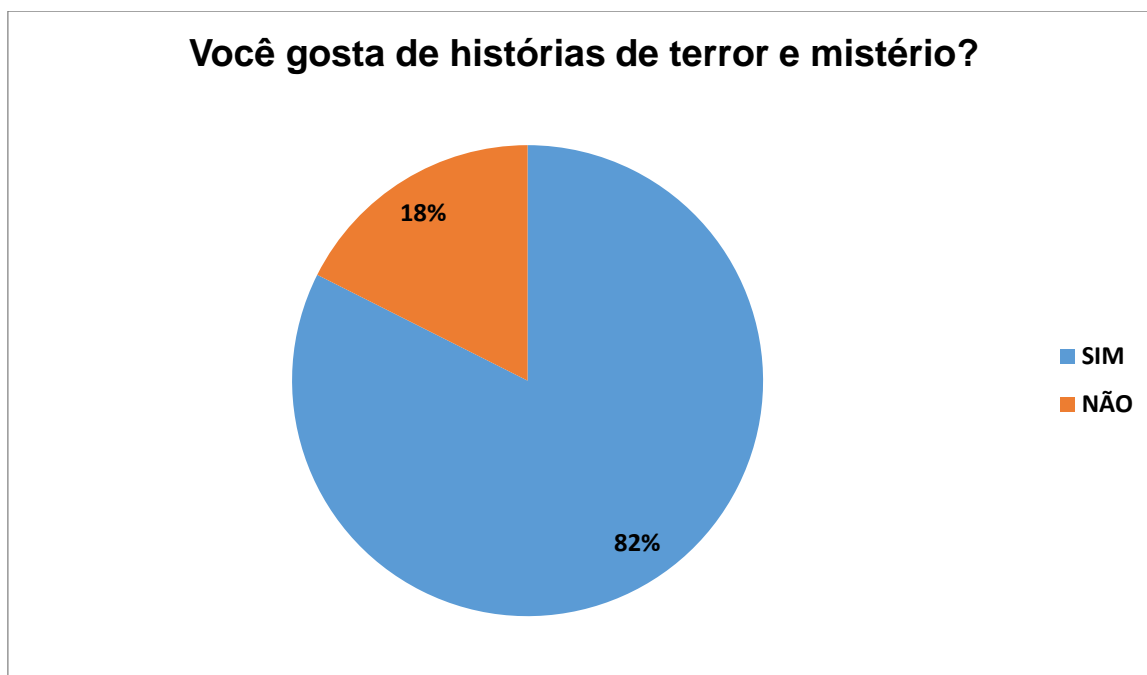
Gráfico 8. Resposta dos alunos à sexta pergunta

Fonte: Elaborado pelo professor-pesquisador

A questão de número seis (6) foi proposta como forma de descobrir de que forma os alunos preferem fazer a discussão do texto após a leitura. Foi feita a seguinte indagação para eles: **Quais atividades lhe agradam após a leitura do texto literário?** O gráfico acima mostra o resultado das respostas dos alunos à pergunta. Ao analisar esses dados 12 (doze), alunos responderam que preferem as oficinas em grupo, esse número representa 54% da turma, 9 (nove) alunos responderam que preferem jogos ou dinâmicas. Nenhum aluno respondeu ao fichamento, à reescrita do texto literário, à atividade individual de interpretação.

Observa-se pelas respostas dadas pelos alunos que eles não gostam de atividades de interpretação que se aproximam do livro didático, no dia a dia, o professor percebe essa desmotivação quando esse tipo de atividade é proposta aos alunos. Por outro lado, eles se mostram mais empolgados quando são realizados trabalhos em grupo, ou seja, é interessante desenvolver atividades que tenham a interação como pano de fundo.

A questão de número sete (7) fez a seguinte indagação: **Você gosta de histórias de terror e mistério?** O resultado para essa pergunta permitiu a elaboração do gráfico abaixo:

Gráfico 9. Resposta dos alunos à sétima pergunta

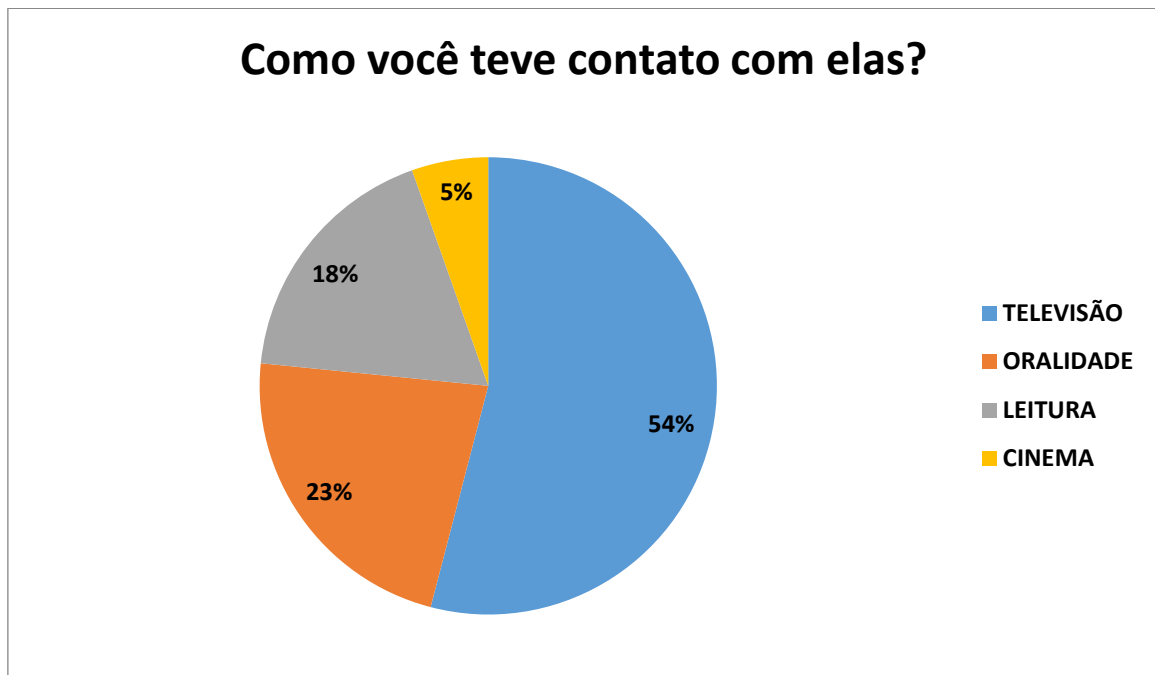
Fonte: Elaborado pelo professor-pesquisador

Para esse questionamento, 17 (dezessete) alunos responderam que gostam, 82% da turma, em contrapartida, 4 (quatro) alunos responderam que não gostam dessa temática, cerca de 18% dos alunos, porque sentem medo, à noite não conseguem dormir, pois essas histórias trazem fantasmas, falam de mortos, pessoas mutiladas, dentre outras respostas.

A pergunta de número oito (8) teve como propósito saber como os alunos tiveram o primeiro contato com as histórias de medo e terror. Em primeiro lugar, 12 (doze) alunos afirmaram que foi por meio da televisão, 54% da turma, em segundo, 5 (cinco) alunos, cerca de 23%, responderam que tiveram contato por meio da tradição oral, como a região onde os alunos moram é rural, é muito comum os parentes contatarem histórias que supostamente aconteceram com algum parente ou conhecido que já viu fantasma ou assombrações.

A terceira alternativa foi por meio da leitura de histórias de terror, 4(quatro) alunos afirmaram que tiveram contato com a temática por meio da leitura de narrativas relacionadas ao gênero, essa alternativa representa cerca de 18% da turma. Em relação à última alternativa que foi por meio do cinema, nenhum aluno citou essa modalidade como primeiro contato com o terror. O gráfico abaixo mostra as respostas dos alunos à questão.

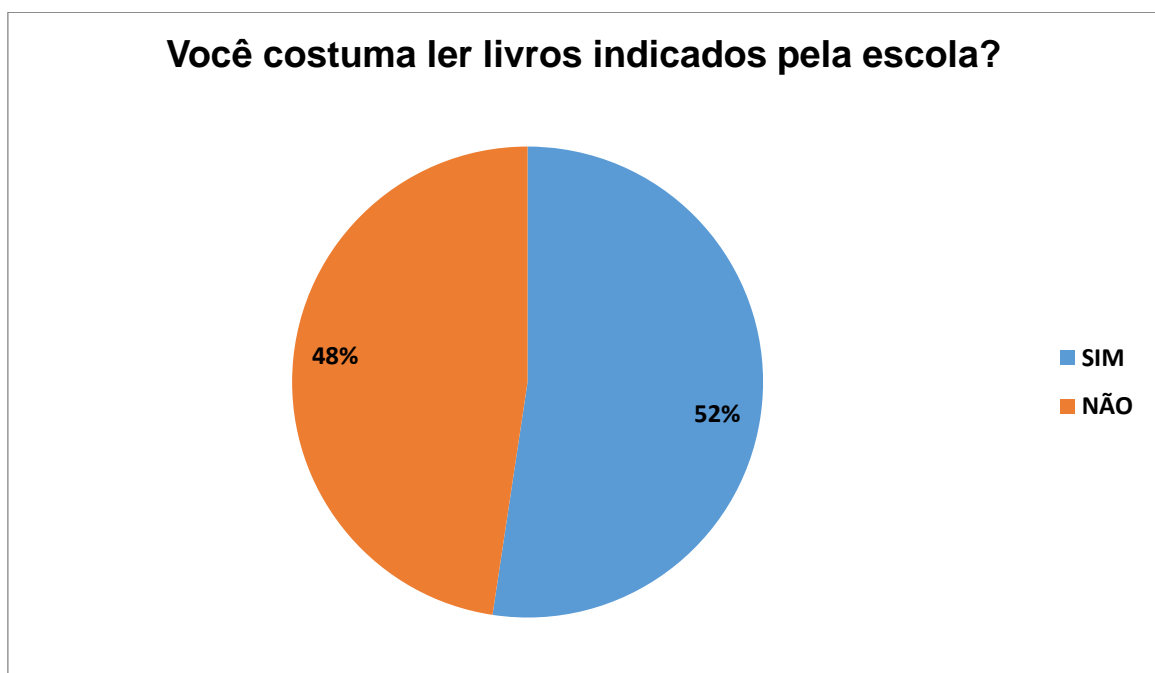
Gráfico 10. Resposta dos alunos à oitava pergunta



Fonte: Elaborado pelo professor-pesquisador

A questão de número 9(nove) trouxe a seguinte indagação: **Você costuma ler livros indicados pela escola?** Esse questionamento gerou o seguinte gráfico:

Gráfico 11. Resposta dos alunos à nona pergunta



Fonte: Elaborado pelo professor-pesquisador

Analisando os dados, o resultado para essa pergunta aparece praticamente empatado, pouco mais da metade dos alunos fazem as leituras recomendadas pela escola, 11 participantes afirmaram que sim, cerca de 52%; por outro lado, 10 alunos afirmaram que não fazem as leituras recomendadas pela escola. Alguns afirmaram que preferem ler na escola a ler em casa.

Alguns afirmaram que em casa sentem preguiça de fazer leituras, pois eles ficam a maior parte do tempo no celular navegando nas redes sociais, divertindo-se nos jogos online; eles citaram o *free fire*, as meninas relataram que às vezes não sobra tempo para ler, porque ajudam nos afazeres de casa. Houve relatos de alunos lendo quando é véspera das avaliações para não ficar em recuperação.

Observa-se que vários fatores estão contribuindo para que a leitura não seja uma prática constante na vida desses estudantes e contribuindo também para o fracasso da formação de leitores. Além dos fatores como a falta de estrutura na escola, um acervo variado de livros literários, a má-formação dos professores, o contato desde cedo dos alunos com a leitura são alguns fatores que impedem a promoção do letramento literário.

Por meio do questionário e da vivência na sala de aula, foi possível constatar que os alunos ainda apresentam algumas dificuldades com a prática de leitura em voz alta, dificuldade de compreensão, interpretação dos textos, dificuldade em relação à escrita. As oficinas que foram aplicadas, detalhadas, analisadas na próxima seção do trabalho, têm como propósito não só promover o letramento literário, como também desenvolver habilidades de leitura para que eles se desenvolvam socialmente e criticamente.

5.2 Análise dos Dados das Oficinas

Durante a execução das oficinas, foram aplicadas estratégias e atividades as quais pudessem envolver os alunos durante o processo da pesquisa. Em resgate ao que foi pontuado anteriormente, as oficinas foram inspiradas na Sequência Básica de Cosson (2009) que é organizada em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A primeira oficina “Motivando os alunos para a leitura de contos de terror” foi realizada na sala de aula com intuito de motivá-los e prepará-los para a leitura dos

contos. A turma foi dividida em grupos, dessa forma os alunos participam mais ativamente das atividades selecionadas pelo professor e não se sentem envergonhados de socializarem com os colegas.

O professor propôs que os grupos respondessem aos seguintes questionamentos: “O que é o medo para você?”; “Você sente medo de algo?”. A atividade foi realizada durante duas horas da aula de Língua Portuguesa e conseguiu atingir o objetivo que era esperado. Os membros dos grupos escolheram algumas respostas para socializarem, a seguir, serão detalhadas algumas delas.

O primeiro grupo afirmou que o medo é algo paralisante e causa frio na barriga, eles afirmaram ainda sobre o medo da morte e de fantasmas. O segundo grupo de alunos sente nervosismo por causa do medo e chegam a ficar trêmulos. Eles afirmaram também que sentem medo quando assistem a filmes de terror e quando ficam sozinhos em casa à noite.

O terceiro grupo mostrou respostas parecidas com os demais grupos: afirmaram que o medo os deixa sem reação e temem a morte deles e das pessoas das quais eles gostam. O quarto grupo: “O medo é um sentimento que faz parte do ser humano, então é normal senti-lo em algumas ocasiões.”.

A atividade proposta nesta primeira oficina foi bem aceita pelos alunos e conseguiu atingir o objetivo inicialmente proposto que era motivá-los para as leituras dos contos que têm como pano de fundo a temática do medo e do terror. O feedback da turma foi positivo e a aula foi mais prazerosa, sem as cobranças das aulas expositivas.

Na segunda oficina intitulada “Conhecendo os contos de terror”, o professor fez uma abordagem discursiva para os alunos. Foi exibida uma apresentação em forma de slides sobre a estrutura do conto, a origem, as principais características do gênero e os autores que foram utilizados durante as oficinas de leitura. Foi realizada a leitura coletiva do conto “O que a lua traz” de H. P. Lovecraft, em seguida, foi feita uma discussão em torno do conto como também foram observadas as características vistas na apresentação sobre o gênero. Esta oficina teve duração de três aulas, isso equivale a 3 horas de duração.

A terceira oficina intitulada “*Letramento literário e os contos de terror*” foi dedicada a apresentar a obra que seria explorada com mais ênfase durante a pesquisa na turma. Foram entregues alguns exemplares do livro para alguns alunos,

já que não havia livros suficientes para todos. Esta oficina teve a duração de 1 hora equivalente a uma aula da carga horária semanal.

A quarta oficina intitulada “*Letramento literário e os contos de terror*” teve como objetivo realizar a leitura literária dos contos de terror que seriam mais bem explorados durante a pesquisa. O primeiro conto lido para a turma foi o *Fantasma de Canterville*. Como esse texto possui uma extensão maior, foi necessário um prazo mais extenso para fazer a leitura. Os capítulos I e II foram lidos durante 2 aulas, os capítulos III e IV foram lidos em mais 2 aulas e os capítulos V, VI e VII em mais 2 aulas.

Durante e após a leitura, o professor promoveu uma discussão coletiva com a turma acerca de elementos explícitos e implícitos do texto. Essa atividade foi realizada oralmente, as indagações foram feitas de forma que todos os alunos participassem e qualquer um deles poderia responder às questões feitas.

A quinta oficina intitulada “*Superação do terror*” foi elaborada com base na quarta etapa da sequência básica que é a interpretação. De acordo com Cosson, “As atividades de interpretação, como entendemos aqui, devem ter como princípio a externalização da leitura, isto é, seu registro.” (2009, p. 66).

Esse momento foi importante porque permitiu a socialização de suas impressões do texto lido e foi essencial ao professor para coletar informações importantes para esta parte do trabalho. A primeira atividade proposta para atingir esses objetivos foi um quiz do Wordwall² com perguntas e repostas acerca da obra.

Essa primeira atividade teve como objetivo lembrar alguns pontos do conto lido e constatar se os alunos estavam prestando atenção nas leituras que foram realizadas. Foi necessário usar um notebook e um aparelho para projetar as imagens. Antes de começar essa atividade, o professor explicou a dinâmica do jogo. As perguntas foram registradas abaixo:

² Disponível em: <https://wordwall.net/pt/resource/5343970/o-fantasma-de-canterville-de-oscar-wilde> Acesso: 07 de dezembro 2024.

Tabela 5: Quiz sobre o conto

1-Qual era a nacionalidade do Sr Hiram Otis?	A. Inglês	B. Americano	C. Belga	D. Canadense
2- Profissionalmente mister Otis era um?	A. Industrial	B. Comerciante	C. Ministro	D. Vendedor ambulante
3-O fantasma começou a aparecer em?	A. 1584	B. 1964	C. 1654	D. 1774
4-Quando a família Otis se mudou para Canterville, esta era composta por?	A. Mister Otis, sua esposa e quatro filhos.	B. Mister Otis, sua esposa e dois filhos.	C. Mister Otis e três filhos.	D. Mister Otis e sua esposa.
5- A senhora Otis descobriu no soalho uma mancha de tom?	A. Negro	B. Vermelho escuro	C. Esverdeado	D. Vermelho
6- Os misteriosos habitantes da casa de Canterville eram sempre visto?	A. No casamento do seu filho mais velho.	B. No falecimento das pessoas da família.	C. Na época de abertura da caça.	D. Nas ruas da vila.
7-Mister Otis não ligou para	A. Tinham sido	B. Tinham ficado reumáticas,	C. Tinham morrido de	D. Tinham fugido para

a existência de criaturas sobrenaturais, dizendo que se elas existissem no seu país, já há muito tempo?	apanhadas e expostas e expostas como atração.	devido á humidade.	tédio com a falta de novidade.	um sítio seguro.
8- Quando o fantasma entrou no quarto das vítimas?	A. Ouviu um ressoar e não avanço u	B. Viu que não estava lá ninguém.	C. Entrou e esconde u-se.	D. Foi atingind o pelo um jarro de água.
9- Virgínia faltou ao chá e Mister Otis achava que ela estava atrasada, pois andava?	A. Colhendo flores.	B. No mercado.	C. Passeando.	D. Regando flores.
10- Na lápide do jazigo do fantasma	A. "Aqui jaz um velho fantasm a."	B. "Descansa em paz."	C. "Adeus para sempre."	D. "Os versos existent es."

Essa dinâmica com o quiz conseguiu também atingir os objetivos, os alunos se mostraram bastante empolgados e envolvidos para responder às perguntas acima. Alguns relatos dos alunos foram importantes para registrar o entusiasmo: A1M "Essa pergunta sobre a nacionalidade é mole!"; A9M "Essa eu respondo sem errar!"; A5F "Professor, na próxima aula traga outro Quiz?!"; "Professor, eu gosto quando a aula é assim com jogos."

A turma acertou praticamente todas as perguntas propostas, isso demonstrou que eles estavam atentos à leitura do conto e as atividades lúdicas e interativas são muito importantes para envolvê-los durante as aulas. Cosson (2009, p. 56) defende que as atividades lúdicas como essa podem ajudar a aprofundar a leitura e o entendimento da obra literária.

Na segunda parte da oficina, a turma foi dividida em grupos. O professor explicou como seria executado esse momento do trabalho que consistiu em responder oralmente a algumas perguntas elaboradas com base no texto. As perguntas foram feitas com elementos implícitos e explícitos do conto.

Elas poderiam ser respondidas oralmente por qualquer aluno. Foi explicado também que se aluno errasse a pergunta, daria o direito de resposta a outro grupo. O professor deixou claro que eles deveriam respeitar o turno de fala do colega, não ficar rindo ou fazendo piadas caso alguém erasse a pergunta, dentre outras regras, seriam levadas em consideração para participar dessa dinâmica. Para esse momento, foram feitas as perguntas abaixo:

- A família Otis tinha medo de fantasma?
- O que acontece com o tempo quando a família do Senhor Otis está perto de chegar à sua nova residência, o castelo, em Londres?
- O que foi oferecido para o fantasma quando ele andava pela casa arrastando as correntes barulhentas?
- Você sentiu medo com a leitura da história?
- O fantasma conseguiu realmente executar o plano de assombrar os membros da família?
- Qual das personagens que sentiu pena do fantasma? Por que você acha que isso aconteceu?
- Qual o motivo da indignação do fantasma? Em sua opinião, qual membro da família o deixava mais assim?
- Em sua opinião, o fantasma estava pagando por algo que fez?

Em resposta à primeira questão, A2M disse: “Os novos moradores não ficaram com medo de morar na mansão, porque o Senhor Otis em nenhum momento disse que sentia medo”. O professor perguntou se todos concordavam com a resposta

dada. A aluna A3F disse: “Em minha opinião, o Senhor não sentia medo, tanto que ele disse que compraria a mansão e o fantasma!”.

Ao segundo questionamento sobre o que aconteceu de diferente quando a família está próximo da nova casa, o aluno A5M falou: “O tempo ficou diferente nessa parte da história!”. O professor pediu para o aluno ser mais claro. “O céu ficou cheio de nuvens e o silêncio tomou conta do lugar.” O professor explicou que essa atmosfera descrita pelo aluno é típica das narrativas as quais têm o medo como plano de fundo, isso é feito para prender o leitor na trama e envolvê-lo na narrativa.

Em resposta à terceira pergunta, o aluno A4M disse: “o morador da casa ofereceu um óleo lubrificante para o fantasma colocar nas correntes, porque ele tava arrastando elas e incomodando os moradores”. O professor explicou aos alunos que Oscar Wilde faz uma crítica aos Estados Unidos em relação ao poder e ao capitalismo, conforme se pode perceber na fala do patriarca da casa: “-Venho de um país onde se adquire tudo com dinheiro”.

Como a quarta pergunta possui um cunho mais pessoal, quem quisesse se posicionar, poderia. A seguir algumas falas dos alunos: “A8F: No início, eu senti medo, mas depois achei a história engraçada!”; “A5M: Eu não senti medo, fiquei com pena do fantasma, porque ele sofria há mais de 300 anos!”; “A2F: Essa história parece mais de humor do que terror, esse fantasma é muito atrapalhado!”.

O aluno A6M apresentou como resposta à quinta questão: “O fantasma de Canterville não conseguiu em nenhum momento aterrorizar os novos moradores. Eles não tinham medo de assombração”. A questão de número seis foi respondida pelo aluno AF4: “A personagem que sentiu pena do fantasma foi a Virginia, eu acho que ela é uma moça boa, tanto que ela nunca prejudicou o fantasma e até sentia pena dele!”

A questão de número sete foi em relação à indignação do fantasma, o aluno AF1 afirmou que: “Ele tava chateado pelo fato de não conseguir assustar os moradores da casa, antes ele amedrontava todos e agora não conseguia fazer mais isso”. O aluno AF8 complementou: “O fantasma no final da história tava meio depressivo também, tanto que ele sumiu e passou um bom tempo sem aparecer. A única utilidade dele era assustar as pessoas e nem isso ele conseguia mais!”

A última questão indagou os alunos o porquê de o fantasma andar vagando pela casa, destaca-se a resposta do aluno AM11: “Ele tava pagando por ter

assassinado a sua mulher”. O aluno AM 9 complementou: “Ele matou a mulher sem motivos. Disse que ela não engomava a roupa direito e não sabia cozinhar!”

O professor percebeu que, no início desta aula, os alunos estavam meio envergonhados para responder às perguntas propostas. Contudo, eles foram se soltando à medida que os primeiros colegas foram participando da aula. No final, estavam bastante curiosos com o debate proposto. O objetivo dessa parte da pesquisa foi atingido, foram necessárias duas aulas com duração total de duas horas para realização desta oficina.

O professor agradeceu a participação da turma e avisou que na próxima aula os alunos seriam convidados a desvendar um mistério que não ficou explícito no conto: O que a personagem Virgínia viveu nos momentos em que passou com o fantasma após eles atravessarem uma parede da casa?

A oficina intitulada “Em busca de solução” teve como finalidade deduzir o que aconteceu durante o tempo o qual Virgínia passou com o fantasma, pois o narrador não deixou explícito, nem mesmo a filha do Senhor Otis revelou ao seu amado, Cecil, quando ele a indagou. Para a realização desta atividade, a turma foi dividida em quatro grupos. Foi solicitado o seguinte questionamento para o grupo:

- O que Virgínia fez para que o fantasma conseguisse a sua redenção durante o tempo que passaram juntos?

Para Aguiar (2013, p.155), ler não é somente decifrar códigos, o processo de leitura pressupõe participação ativa do leitor, ou seja, ele interfere na construção de sentidos, preenche vazios textuais de acordo com suas experiências de leitura e de vida. E isso acontece porque o texto fornece pistas e ele pode ser lido sob diversas perspectivas, dependendo do leitor. Cada um traz para a leitura sua bagagem existencial e social a partir do horizonte de experiências e atribui significados às indicações dadas pelo texto.

Já que neste dia havia duas aulas de língua portuguesa, o professor sugeriu um tempo, em torno de trinta a quarenta minutos, para os grupos discutirem sobre a pergunta sugerida para a oficina.

O aluno AM1 representou o primeiro grupo iniciando a reflexão sobre o caso: “Nós achamos que a Virgínia desempenhou um papel importante na história, porque ela conseguiu conversar com o fantasma para que ele fosse perdoado pelas coisas

ruins. Nós achamos que ela pode ser um anjo disfarçado”. A aluna AF6 representante do segundo grupo fez considerações parecidas com o primeiro grupo: “Nós imaginamos que é um anjo disfarçado”. (pausa) “A gente percebe porque o fantasma roubou as tintas dela e ela não ficou chateada, ficou com pena dele quando ele pediu ajuda e disse que não dormia faz trezentos anos”.

O aluno AM8 defendeu as ideias do grupo três, ele afirmou que: “Todos na casa acharam uma maneira de infernizar o fantasma, somente a Virgínia teve pena dele!”. O grupo ressaltou um fato que chamou a atenção da turma. Eles socializaram que o nome da personagem lembra a palavra virgem e isso pode ter uma ligação com o papel dela na história. O professor comentou que os capítulos que sucederam o desfecho tiveram um tom de comoção e fizeram com que o leitor sentisse piedade do fantasma. Esse é o papel também do letramento literário, ou seja, envolver os leitores na trama, aguçar as percepções do leitor, porque a linguagem literária é “uma experiência singular de linguagem, por ser uma construção simbólica feita somente de palavras, a experiência literária é extremamente libertária e humanizadora.” (Cosson, 2020, p.179).

O quarto grupo, representado pela aluna AF5, relatou que a personagem Virgínia quase não apareceu no início do conto, entretanto ela foi uma das protagonistas do enredo. Ela falou: “A Virgínia é a única personagem que sentiu pena do fantasma, tanto que ela o ajudou a partir para o mundo dos mortos”. O aluno AM3 complementou: “Nós achamos que a Virgínia pediu para Deus perdoar o fantasma, porque ela era uma pessoa boa e Ele ia ajudá-lo na sua salvação.”.

Foi perceptível a interação dos alunos nessa oficina. Os membros de cada equipe escolhidos para se posicionar foram os mais desinibidos durante as aulas. É importante destacar que houve uma melhor aceitação dos alunos nesta dinâmica, em relação à atividade anterior, pois anteriormente alguns estavam desinteressados e dispersos.

Pouco a pouco, as oficinas foram envolvendo os alunos, isso foi comprovado quando eles indagavam ao professor o que seria proposto nas próximas oficinas de letramento literário. Essa expectativa e esse interesse deles impulsionaram a prosseguir com a pesquisa e acreditar que um trabalho didático planejado pode contribuir para formação de leitores a partir da construção de sentido dos textos literários entre alunos e professor.

A próxima aula foi reservada para fazer a leitura do conto *A Pata do Macaco* de William Wymark Jacobs. A sala foi organizada em círculo, o professor solicitou aos alunos quem se candidataria para fazer a leitura. Apenas dois se mostraram entusiasmados para fazê-la com a ajuda do professor. Diferentemente do conto anterior, o texto proposto aos alunos foi lido em uma aula. O professor elaborou algumas perguntas, fez pequenas bolas de papel com elas e colocou em um pote para que eles tirassem e respondessem em forma de sorteio.

As perguntas que constavam nas bolinhas de papel eram estas:

- 1- No conto lido há um objeto que concede três desejos a quem estiver em posse dele. Você conhece outra história ou narrativa que lembra essa que foi lida?
- 2- Você teria coragem de aceitar esse talismã encantado? Por quê?
- 3- O espaço onde ocorre a história contribui para o suspense e o terror?
- 4- Em sua opinião, a curiosidade pode ser perigosa em algumas situações? O conto dá um exemplo disso?
- 5- Há um elemento da natureza que sempre aparece na narrativa quando algo ruim acontece ou está próximo de acontecer. Qual é esse elemento?
- 6- Você acha que o destino controla a vida das pessoas? No conto, os personagens tentam interferir nele, qual a consequência disso?
- 7- Você acha que há algum personagem que não é confiável no conto lido? Por quê?
- 8- Você acredita que o filho do senhor White, Herbert, sofreu as consequências de não acreditar na maldição?
- 9- Em sua opinião, as batidas à porta da família White, à noite, eram realmente do filho deles ou poderia ser outra pessoa?
- 10- Você acha que o Sr. White sentiu medo de abrir a porta, por quê?

Como nesta data havia duas aulas, conseguimos tempo necessário para explorar a leitura do conto e a discussão sobre ele. Os alunos afirmaram que gostaram da leitura desta narrativa, uma vez que ela trouxe a temática do terror mais visível. Porém, nem todos quiseram participar respondendo às perguntas.

O professor deu início à dinâmica com as perguntas. O aluno A1M se prontificou para dar início à atividade. Ele retirou do pote a pergunta de número **três**

que era em relação ao espaço na narrativa, se ele contribui para o terror no conto: “Eu acho que sim, porque eles moram em um lugar afastado, lamacento e longe de tudo, um dos personagens fala que é o pior para se morar”.

Em seguida, foi sorteada **primeira** questão que foi respondida pelo aluno A15F: “Eu acho que é a história do Aladim e da lâmpada mágica, já assisti o desenho na televisão!” “Só que os desejos são atendidos e as pessoas não se dão mal do jeito do conto”. O professor explicou para os alunos que muitas histórias são inspiradas em outras narrativas, dessa forma, foi um momento oportuno para explicar a questão da intertextualidade. A aluna A1F escolheu a questão **nove** que perguntava quem estava batendo à porta na casa da família. Ela respondeu: “acho que ele, Herbert, voltou na forma de morto-vivo, por isso o pai dele não abriu a porta e fez o último pedido pra pessoa que estivesse batendo na porta fosse embora”. O autor do conto não deixa claro quem estava realmente lá fora, os alunos ficaram intrigados com essa questão, isso ficou perceptível no embate entre eles na sala. Alguns alunos não acreditaram que poderia ser Herbert.

O aluno A11M selecionou a pergunta de número **dez**. Ela complementa a pergunta anterior. “Eu acho que o pai do Herbert ficou com medo de ser a alma do filho e ele já tinha morrido faz uns dez dias!”. Complementou: “ele morreu tipo esmagado ou cortado, não recordo, mas tava irreconhecível, só dava pra conhecer pela roupa que ele usava”. As colocações da aluna foram bem pertinentes em relação ao implícito no conto. A questão de número **sete** foi respondida pela aluna A11F: “eu acredito que o Sargento Morris que sabia do encantamento da pata do macaco e mesmo assim apresentou o objeto para a família.”.

A questão de número **seis** questiona sobre o destino na vida das pessoas e as consequências para quem tenta interferir nele. O aluno A16M disse: “eu acredito que todo mundo tem um destino para cumprir na vida e tentar mudar isso pode ser perigoso, a gente às vezes pode se dar mal, como aconteceu com o personagem que morreu”. O texto lido, dentre outras possibilidades, faz essa crítica ao ser humano por tentar interferir na ordem natural das coisas. O professor guiou os alunos a voltarem ao texto no trecho que faz alusão ao destino: “- *Possui um encantamento, que lhe foi posto por um velho faquir – explicou o major – um homem velho. Queria mostrar que o destino segue a vida dos homens e que aqueles que interferem com ele o fazem para o seu próprio mal.*” (JACOBS, 2005, p.15).

Em seguida, o aluno A5M selecionou a questão de número **cinco** que pergunta sobre um elemento da natureza que está sempre presente na obra. A aluna disse que é o vento. “Ele aparece na história sempre muito frio, naquela parte em que a criatura, supostamente a múmia do Herbert, aparece no conto.”

A questão de número **dois** foi selecionada pela aluna A9F que afirmou: “eu até queria um amuleto como a pata do macaco, mas ao mesmo tempo não queria por causa da desgraça que ela traz ao realizar os pedidos”. O professor direcionou a mesma pergunta à turma e as respostas foram parecidas com a resposta da colega. Todos queriam ter desejos realizados, porém a forma como ocorre na narrativa faz os alunos perderem a vontade.

A questão de número **quatro** diz respeito à curiosidade e como ela pode ser perigosa em algumas situações. A aluna AF1 queria responder novamente: “no caso do texto a curiosidade pode ser um perigo sim, a família foi alertada das consequências que os desejos realizados pelo artefato poderiam trazer e mesmo assim não ouviram os conselhos.” “Eles foram gananciosos e acabaram perdendo o filho”.

A questão de número oito não foi respondida pelos alunos. Eles relataram que não sabiam respondê-la. O professor guiou os alunos à leitura de algumas passagens do conto como essas: “— *Se a história a respeito da mão de macaco não for mais verdadeira do que as outras que ele nos esteve contando.*” [...] “— *Bem, não vejo dinheiro... e aposto que nunca o verei— atalhou o moço.*”. “*Espero que encontre o dinheiro amarrado em um grande maço, no meio da cama, — gracejou Herbert, ao curvar-se para lhe dar boa noite — e qualquer coisa terrível agachada em cima do guarda-roupa, espiando-o, enquanto o senhor se apossa da fortuna mal ganha.*” (JACOBS, 2005, p. 16).

Após voltar ao texto e fazer a leitura dessas passagens, a turma percebeu que Herbert estava descrente da capacidade da pata do macaco conceder desejos. Às vezes, ele chega a zombar como se fosse um mau presságio e ele não fosse realmente ver o dinheiro que a família pediu como primeiro pedido, pois o jovem estaria morto.

Essas questões levantadas a partir da leitura dos contos possibilitaram não só a interação da turma, mas também a oportunidade de compartilhar a experiência e as sensações dos personagens envolvidos no enredo. Em resgate ao que foi

pontuado, o texto literário é importante, uma vez que traz em si o efeito estético. Segundo Iser (1996, p.16), o texto deve ser analisado sob a relação dialética entre o texto, leitor e a interação entre ambos. A leitura faz com que o leitor acione atividades imaginativas e perceptivas. O texto literário precisa ser trabalhado na escola levando em conta essa interação, ao mesmo tempo, afastá-lo daquelas propostas enfadonhas que visam aos testes avaliativos no final das leituras.

As discussões dos textos lidos foram bem proveitosas, pois fugiram das aulas expositivas e exercícios tirados do livro didáticos e copiados para o caderno. Alguns alunos não participaram, talvez pela vergonha, outros estavam dispersos durante as atividades, entretanto teve um saldo positivo no geral.

A análise dos dados coletados nas oficinas serviu como suporte para a reflexão e elaboração da próxima etapa da pesquisa que é a Proposta de Intervenção que consiste em uma série de atividades inspiradas nos contos de terror para serem aplicados em sala de aula.

6 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A Proposta de Intervenção do Mestrado Profissional em Letras (PROLETRAS) tem como finalidade ajudar os professores da educação básica a amenizar, ou mesmo, superar o problema proposto durante a pesquisa. A maioria das atividades aplicadas na sala de aula com os alunos do sétimo ano foi bem proveitosa.

A sequência didática proposta a seguir foi pensada para uma turma de pouco mais de vinte alunos, levando em consideração que o contexto escolar é uma escola pública. Vale destacar também que esse modelo não é algo pronto e acabado que não possa ser adaptado ao contexto específico que cada sala de aula possui. O professor que se interessar pela proposta tem a liberdade de aplicá-la da forma que achar necessário.

OFICINA I – CONTEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO CONTO DE TERROR

CONTEÚDO	OBJETIVOS	ATIVIDADES	RECURSOS
<ul style="list-style-type: none"> Gênero textual conto de terror. 	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver o interesse dos alunos pelo gênero conto de terror; Oferecer elementos para os alunos contextualizarem o gênero que é o foco das oficinas; Mobilizar conhecimentos prévios dos alunos sobre os contos de terror. 	<ul style="list-style-type: none"> Participação oral no debate entre professor e alunos; Elaboração de um questionário acerca da temática, por exemplo: O que é o medo para você? 	<ul style="list-style-type: none"> Quadro de acrílico; Pincel; Xerox; Pincel; Datashow; Notebook.

SUGESTÃO DE COMO EXECUTAR A OFICINA

- O professor pode fazer uma pequena exposição em forma de slide para descrever a estrutura do conto: Situação Inicial, Conflito, Desenvolvimento, Clímax e Desfecho;
- Fazer a leitura de um conto que não seja tão extenso para que os alunos percebam as características citadas. Sugestão de leitura: **O que a lua traz consigo** de Howard Phillips Lovecraft;
- Solicitar que os alunos formem grupos para responder à pergunta proposta sobre o que é o medo para eles.

O professor pode sugerir que alguns alunos façam a leitura do conto. Como o texto possui algumas palavras estranhas para os alunos, o professor pode fazer um mapeamento delas e mostrar alguns sinônimos a eles. Após a leitura, ele pode explorar algumas perguntas oralmente com a turma:

1. Por que o protagonista odeia a lua?
2. Cite exemplos de coisas que, no conto, são revelados pela luz da lua.
3. O que desperta ainda mais horror no protagonista na parte final do conto?
4. Como o protagonista foge daquilo que lhe despertou horror na parte final do conto?

OFICINA II- LEITURA DO CONTO O FANTASMA DE CANTERVILLE

CONTEÚDO	OBJETIVOS	ATIVIDADES	RECURSOS
<ul style="list-style-type: none"> • Leitura do conto “O fantasma de Canterville e outras histórias.”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Praticar a leitura literária do conto de terror; • Socializar com os alunos os conhecimentos prévios acerca da leitura realizada; 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura coletiva guiada pelo professor; • Leitura prévia individual em casa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Livro paradidático; • Quadro de acrílico; • Pincel; • Data show; • Notebook.

	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a história e a estrutura dos contos de terror; • Compreender e interpretá-los com base em informações explícitas e implícitas; • Autoavaliar o processo da aprendizagem durante as oficinas. 		
--	---	--	--

PROCEDIMENTOS:

- O professor pode fazer um pequeno debate com os alunos, instigando-os sobre o que eles imaginam o que vai se desenrolar no conto.
- Iniciar a leitura coletiva do conto, cada capítulo pode ser lido em aproximadamente uma aula de sessenta minutos. Como o texto é dividido em sete capítulos, a leitura dele pode ser feita em aproximadamente quatro aulas;
- Fazer uma pequena explicação, se possível, das características geopolíticas da época: o embate entre o velho e o novo mundo. De um lado, a Europa tradicional, a nobreza inglesa, ligação com o passado e a arte. Do outro, os Estados Unidos capitalista, materialista, cético, industrializado. Essas características vão ajudar os alunos compreender a crítica que o autor faz na obra;
- Durante a leitura, provocá-los quando aparecer palavras que eles não conheçam e instigá-los a inferir o significado pelo contexto;

- Após o término da leitura, confirmar se as hipóteses inicialmente levantadas se confirmaram, por exemplo, a história é realmente assustadora?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE 1 (QUIZ):

Como forma de resgatar algumas informações do conto e fazer uma avaliação da aprendizagem durante a leitura do texto, o professor pode selecionar algumas informações do conto *O fantasma de Canterville*, por meio de um *quiz* interativo, disponível em: <https://wordwall.net/pt/resource/5343970/o-fantasma-de-canterville-de-oscar-wilde>

SUGESTÃO DE ATIVIDADE 2 (QUESTÕES):

A seguir, há algumas possibilidades de questões para encaminhar a interpretação do conto lido coletivamente. O professor pode escolher, no diálogo com a turma, a forma como os alunos vão responder a elas, por exemplo, em duplas, grupo, individualmente, oralmente ou escrita.

- 1º. A família Otis tinha medo de fantasmas?
- 2º. O que aconteceu com o tempo quando a família do Senhor Otis está perto de chegar à sua nova residência, o castelo, em Londres?
- 3º. O que foi oferecido para o fantasma quando ele andava pela casa arrastando as correntes barulhentas?
- 4º. Você sentiu medo durante a leitura da história?
- 5º. O fantasma conseguiu realmente executar o plano de assombrar os membros da família?
- 6º. Qual das personagens que sentiu pena do fantasma? Por que você acha que isso aconteceu?
- 7º. Qual o motivo da indignação do fantasma? Em sua opinião, qual membro da família o deixava mais assim?
- 8º. Em sua opinião, o fantasma estava pagando por algo que fez?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE 3 (EM BUSCA DE SOLUÇÃO)

O professor pode elaborar um problema ou extrair do próprio conto alguma situação que não tenha ficado clara durante a leitura. Esse tipo de atividade pode ser feita em duplas para que os alunos se sintam motivados para realizá-la, assim é uma oportunidade de trocar ideias, de socialização e uma oportunidade de eles discutirem as possibilidades de solução. No conto *O fantasma de Canterville*, a personagem Virgínia sumiu e todos estavam desesperados com isso. Na verdade, ela atravessara uma parede com o fantasma, entretanto, nos capítulos finais, ela aparece e o fantasma consegue dormir o sono da eternidade e, após trezentos anos, ele deixa de vagar no castelo. O próprio marido a indaga sobre esse tempo em que passou sumida, porém ela não fala, nem mesmo o narrador deixa isso claro.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE 4 (PRODUÇÃO TEXTUAL)

Após a leitura do conto “*O fantasma de Canterville*”, de Oscar Wilde, você produzirá uma resenha, ou seja, uma análise interpretativa da obra em que o aluno expõe as impressões pessoais sobre o conto. A resenha poderá ser socializada na turma ou exposta no mural da escola. O objetivo dela é despertar a vontade de outros colegas a lerem o conto. É importante que você destaque os aspectos positivos e negativos, caso haja algum.

Veja abaixo um quadro com as características do texto que você produzirá:

GÊNERO TEXTUAL	PÚBLICO DA RESENHA	FINALIDADE DO TEXTO	SUPORTE	LINGUAGEM UTILIZADA
RESENHA CRÍTICA	A ESCOLA NO GERAL OU AS PESSOAS FORA DELA.	APRESENTAR O CONTO LIDO E FAZER UMA APRECIÇÃO POSITIVA OU NEGATIVA DELE.	MURAL DA ESCOLA, REDES SOCIAIS, ETC.	NORMA-PADRÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES IMPORTANTES PARA O SEU TEXTO:

- Fazer uma apresentação da obra: título, autor, ano da publicação;
- Apresentar a estrutura e divisão (partes, capítulos, seções);
- Você gostou da obra, por quê? Se não gostou, justificar os motivos;
- Quais as emoções geradas após a leitura;
- Resumo do enredo;
- Como se trata de um texto argumentativo é importante não só um breve resumo, mas também argumentos que sustentem sua opinião;
- Escrever o texto obedecendo às normas gramaticais da língua.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE 5 (QUESTÕES)

As questões abaixo são referentes ao conto *A pata do macaco*, de William Wymark Jacobs em 1902. O professor pode fazer uma espécie de sorteio com elas. Por exemplo: recorta as questões em forma de tirinhas e faz pequenas bolinhas e coloca em uma caixinha. Essa estratégia instiga os alunos a participar da dinâmica. O professor pode elaborar outras perguntas ou pode utilizar estas:

1. No conto lido, há um objeto que concede três desejos a quem estiver em posse dele. Você conhece outra história ou narrativa que lembra essa que foi lida?
2. Você teria coragem de aceitar esse talismã encantado? Por quê?
3. O espaço onde ocorre a história contribui para o suspense e o terror?
4. Em sua opinião, a curiosidade pode ser perigosa em algumas situações? O conto dá um exemplo disso?
5. Há um elemento da natureza que sempre aparece na narrativa quando algo ruim acontece ou está próximo de acontecer. Qual é esse elemento?
6. Você acha que o destino controla a vida das pessoas? No conto, os personagens tentam interferir nele, qual a consequência disso?
7. Você acha que há algum personagem que não é confiável no conto lido? Por quê?

8. Você acredita que o filho do senhor White, Herbert, sofreu as consequências de não acreditar na maldição?
9. Em sua opinião, as batidas à porta da família White, à noite, eram realmente do filho deles ou poderia ser outra pessoa?
10. Você acha que o Sr. White sentiu medo de abrir a porta, por quê?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE 6 (MUDANDO A HISTÓRIA)

Essa atividade consiste em mudar, geralmente, o final da narrativa. No conto *A pata do macaco*, o pai de Herbert não teve a coragem de abrir a porta quando havia uma criatura estava tentando entrar na casa, por mais que a mãe do rapaz implorasse para que o senhor White o fizesse. O professor pode solicitar aos alunos que reescrevam a parte final com o desfecho diferente, caso a família do rapaz mude de ideia e abra a porta, qual seria a consequência dessa atitude? Será Herbert que voltou do mundo dos mortos ou seria outra criatura? Fica a critério dos alunos usarem a criatividade.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE 7 (PRODUÇÃO DE CONTO DE TERROR)

Orientações: o professor pode pedir aos alunos para fazerem esta atividade em duplas. É necessário que a proposta de produção textual fique bem clara. Nessa etapa, espera-se que os alunos já tenham um conhecimento sobre os elementos básicos da narrativa, pois eles já tiveram a oportunidade de fazer a leitura crítica e reflexiva de vários contos de terror. Oriente os alunos a seguirem todas as etapas de produção (planejamento do texto, produção, revisão e reescrita). As produções literárias podem ser expostas nas feiras-literárias que acontecem na escola.

PROPOSTA

O conto é um gênero literário ficcional, ele geralmente é mais curto, comparado ao romance, com isso, é necessário que o enredo seja objetivo, dessa forma, não deve haver muitos eventos, personagens e espaço e tempo reduzidos. Nessa perspectiva, o professor vai guiá-los na produção textual de um conto de terror. A seguir, você verá algumas características relacionadas à estrutura as quais

podemos encontrar no gênero e essas características ajudarão na elaboração do seu texto:

SITUAÇÃO INICIAL: início do conto, aqui há a apresentação dos personagens, espaço, tempo da narrativa. Você pode apresentar o conflito/problema enfrentado na narrativa.

CONFLITO: o equilíbrio passa para o desequilíbrio, assim, algo inesperado acontece com o personagem.

DESENVOLVIMENTO: é o centro da narrativa, nessa parte a história vai se desenrolar com as ações dos personagens tentando solucionar o conflito. Ele pode ser resolvido com ajuda de outros personagens, como se trata de um conto de terror, você pode abusar de fatos fantásticos, surreais, magias para solucionar o conflito.

CLÍMAX: é o ponto de mais tensão, nesse momento, algo surpreendente vai acontecer e causar o maior suspense, medo e aflição nos personagens.

DESFECHO: é o encerramento da história, pode ou não ter um final feliz, assim, o problema enfrentado pelo personagem pode ser ou não solucionado.

Depois de apresentados a estrutura clássica que compõe o conto, veja abaixo uma síntese dos elementos que são essências para a construção do seu texto:

TEMPO: o tempo de uma narrativa está relacionado ao desenrolar das ações narradas. Ele está dividido em duas categorias:

Cronológico, que se relaciona à época em que se passa a narrativa e à passagem temporal de horas, dias, meses e anos, por exemplo. O tempo **psicológico**, que se relaciona ao universo interno dos personagens, ao tempo interior no qual estão os pensamentos, as ideias, emoções, as percepções que se tem do mundo das vivências.

ESPAÇO: o lugar em que os personagens realizam suas ações dentro da história narrada.

NARRADOR: a voz que você vai criar para contar a história que você criará. O narrador pode ser em **primeira pessoa** (ele conta a história e participa dela, também conhecido como narrador personagem); e **narrador observador** (ele não participa da história, apenas relata os fatos narrados, ou seja, conhece toda a história).

IMPORTANTE
Lembre-se das características peculiares do conto de terror, eles têm sua temática relacionada à fantasia e à ficção. Seu objetivo é despertar no leitor sensações de medo e horror, referentes à morte, à loucura, etc. Os personagens são, em geral, assombrados por fantasmas, monstros e outros seres sobrenaturais.

ORIENTAÇÃO PARA OS ALUNOS:

1. Escreva o texto em primeira pessoa ou em terceira pessoa;
2. Organize seu texto seguindo a estrutura de uma narrativa: situação inicial, conflito, clímax e desfecho;
3. Use uma linguagem simples, respeitando a variedade linguística das personagens;
4. Faça uso de expressões que marcam a passagem do texto, como por exemplo: —horas depois..., —Há dias, etc;
5. Atente-se para o predomínio do tempo verbal; se a história acontece no presente ou no pretérito/passado;
6. Faça uso do discurso direto ou indireto dependendo do foco narrativo e atente-se para a pontuação;
7. Utilize a descrição quando houver a necessidade de retratar o ambiente e caracterizar os personagens;
8. Organize seu texto em parágrafos e verifique se as partes do enredo estão interligadas, tanto no que se refere às ideias do texto, quanto ao uso dos conectivos que ligam essas partes;
9. Crie um título que faça referência à nova versão;
10. Evite repetições: use pronomes e sinônimos.

ORIENTAÇÃO PARA O PROFESSOR:

Faça as correções dos textos, seguindo as mesmas normas as quais você solicitou aos alunos. O professor precisa acompanhar todas as etapas de produção, ajudando os alunos nesse processo. Após a correção minuciosa feita pelo professor, solicite que eles façam a reescrita necessária. Faça desse momento algo prazeroso sem impor a produção dos contos.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE 8 (FEIRA LITERÁRIA)

A feira literária pode ser um evento organizado para fazer as exposições dos contos de terror produzidos pelos alunos. Pode ser uma atividade organizada para própria turma que realizou as produções ou entre as turmas da escola. O evento pode ser também uma oportunidade de divulgar os textos produzidos na escola durante o ano.

Vale destacar que a proposta de intervenção apresentada é uma sugestão de trabalho com contos de terror na perspectiva do letramento literário. O objetivo dessa sequência de atividades é ajudar outros professores que acreditam na formação de leitores tendo como eixo central o letramento literário. Portanto, os professores têm a liberdade de fazer adequações respeitando à realidade da turma.

VEJA ABAIXO SUGESTÃO DE LIVROS, FILMES E SITES PARA SE APROFUNDAR NA TEMÁTICA DE TERROR:

- Frankenstein, de Mary Shelley, contado por Ruy Castro (São Paulo: Companhia das Letras, 1994);
- Assista ao filme a Saga do monstro (2006), de Gin Kenen;
- O estranho mundo de Jack. Direção de Henry Selick, 1993 (73 min.);
- Coraline e o mundo secreto. Direção de Henry Selick, 2009 (100 min.);
- O escaravelho de ouro, de Edgar Allan Poe. 6. Ed. São Paulo: Ática, 2019;
- O homem de areia, de Ernest Theodor Amadeus Hoffmann. In: CALVINO, Italo (Org.). Contos fantásticos do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2014;

- A queda da casa de Usher, de Edgar Allan Poe. São Paulo: Farol Literário, 2014;
- Um estudo em vermelho, de Sir Arthur Conan Doyle, São Paulo: FTD, 2006;
- A tumba: e outras histórias, de Howard Phillips Lovecraft. São Paulo: L&PM, 2007.
- O castelo de Otranto, de Horace Walpole. São Paulo: Escotilha, 2019.
- O gênio do crime, de João Carlos Marinho. São Paulo: Global, 2009;
- O mistério dos 5 estrelas, de Marcos Rey. São Paulo: Ática, 2002.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho, acredita-se que ele contribuiu para discussão e apresentação do gênero conto de terror como proposta de iniciação dos alunos como possíveis leitores literários. O trabalho propôs ainda, principalmente, ancorar-se nos postulados do letramento literário que visa ao processo de escolarização da literatura.

A trajetória escolhida para a realização desta pesquisa passou por diversas etapas desde a escolha do referencial teórico utilizado, até execução das oficinas com os alunos na sala de aula. Todo esse processo foi importante para a escolha do produto final da dissertação, a proposta de intervenção, esta sequência didática pode contribuir para a divulgação do texto literário na escola, para participação e interação dos alunos e consequentemente a formação de possíveis leitores.

Para concretização da pesquisa, foram utilizados os aportes teóricos e metodológicos sobre letramento literário que precisou ser estudado, aprofundando para dar embasamento nas leituras dos contos de terror e, em seguida, serem socializados com a turma e o professor. Pesquisadores como Cosson (2014), Cosson (2020); Soares (2004), Soares (2020), Kleiman (2008); Zilberman (2003), Solé (1996); Todorov (2012), Candido (2004) foram consultados para embasar teorias relacionadas ao ensino de literatura, à formação de leitores literários, dentre outros assuntos que sustentaram este trabalho dissertativo de conclusão de mestrado.

O trabalho com as oficinas de letramento literário com os contos de terror, na sala de aula, deu a oportunidade aos alunos de interagir de forma mais ativa sem a cobrança de uma aula expositiva em que o foco é aprender conteúdos. Diante de histórias que provocavam medo, mistério e suspense, eles puderam assumir o papel de externalizar com a turma aquilo que acharam relevante durante todo esse percurso da pesquisa.

É importante destacar também que, no início do processo de execução da pesquisa, os alunos se mostraram indiferentes à proposta apresentada pelo professor. Contudo, com o passar das aulas, notou-se também um aumento gradual do interesse deles pelas atividades que se sucederam. Isso implica afirmar que a proposta foi conquistando a atenção deles. Cabe salientar que uma pequena minoria não se sentiu atraída pelas oficinas, mas isso não trouxe prejuízo para a turma e

nem para a execução da pesquisa, no geral, houve mais pontos positivos do que negativos.

Espera-se que esta proposta de intervenção ofereça contribuições positivas a outros profissionais da educação básica e promova a formação de leitores literários.

Diante disso, a hipótese da pesquisa de que a leitura de contos de terror pode despertar o interesse dos alunos pela leitura literária se confirmou, pois o professor observou nos alunos uma postura ativa diante das leituras. A experiência da leitura dos contos constituiu uma experiência proveitosa e significativa que possibilitará aos alunos um novo olhar sobre a leitura e ela possa influenciá-los na sua subjetividade. Essa experiência também reflete na prática do professor, dessa forma o trabalho na sala de aula precisa sempre se reinventar para ser ter melhoras significativas no ensino e aprendizagem dos alunos.

Os alunos tiveram suas identidades preservadas e foram protegidos de todo e qualquer constrangimento e risco a que pudessem ser expostos. Isso foi essencial para ganhar a confiança e consequentemente a participação deles no processo, essa condição foi deixada bem explícita no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Encerra-se este trabalho de dissertação acreditando que o processo de letramento literário é uma construção indispensável para formação de leitores na escola. As informações coletadas na pesquisa ofereceram importantes contribuições para a discussão, conquanto os debates sobre o tema não se encerram aqui e a pretensão da pesquisa não é essa. Na condição de professor da educação básica, esses dois anos de mestrado, entre as disciplinas teóricas e a pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso, foram essenciais não só para a minha formação acadêmica, mas também para abrir novos horizontes sobre a formação de leitores por meio do texto literário.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, V. T. O saldo da leitura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia; JOVER-FALEIROS, Rita. **Leitura de literatura na escola**. . São Paulo: Parábola, 2013.
- ALVES, J. H. P. Literatura na Escola: Formando Leitores de Poesia. In: LIMA, Maria (2009) Auxiliadora Ferreira; COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da & FILHO, Francisco Alves. (Org.) **Reflexões linguísticas e literárias aplicadas ao ensino**. Teresina: EDUFPI, 2010.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Tradução e notas de Ana Maria Valente. 2 Ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008.
- ASSIS, Maria Cristina de . Metodologia do trabalho científico. In: Evangelina Maria B. de Faria; Ana Cristina S. Aldrigue. (Org.). **Linguagens: usos e reflexões**. 3 Ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2009. Disponível em: http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/metodologia_do_trabalho_cientifico_1360073105.pdf. Acesso: 21 mai. 2024.
- BARBOSA, Begma Tavares. **Letramento literário: sobre a formação do leitor jovem**. Educação em Foco, 16 (1).
- BEZARIAS, Caio Alexandre. Sangue, morte e medo: a força a persistência do horror na literatura e nas artes. In: Literatura de entretenimento. **Revista da USP**. São Paulo: nº 140. p. 75-88, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/223179/203421>. Acesso em 15 abr. 2024.
- BORDINI, M. G.; AGUIAR, V. T. **Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BOSSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix: 1994.
- BOTELHO, Patricia Ferreira; VARGAS, Diego da Silva. Inferências e atividades de leitura: cognição e metacognição em sala de aula. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 63, n. 00, p. e021005, 2021. DOI: 10.20396/cel.v63i00.8660188. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8660188>. Acesso em: 11 abr. 2024.
- BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. Conselho Nacional de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, 1998.
- BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. Conselho Nacional de Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo Técnico do Ideb**, Brasília, 2021.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas. Cidades, 2004.

CASTILHOS, D. C.; MULLER, L. F.. **Ensino de gêneros textuais**: uma proposta com o gênero “contos de terror e mistério”. In: Anais do 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais - SIGET, Tubarão, 2007.

CASTRO, Caio. O ENSINO DO GÊNERO CONTO DE TERROR: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 10, n. 3, 2020. DOI: 10.30681/ecs.v10i3.3941. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/recs/article/view/8682>. Acesso em: 31 mar. 2024.

COMPAGNON, Antoine, 1950-. **Literatura para quê?** / Antoine Compagnon ; tradução de. Laura Taddei Brandini,. -. Belo Horizonte Editora UFMG, 2009.

COMPAGNON, Antoine. **Demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad.: Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo. Contexto, 2021.

COSSON, Rildo; SOUZA, Renata Junqueira. **Letramento literário**: uma proposta para a sala de aula, 2013. Disponível em: www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf. Acesso em: 13/04/2024.

COSSON, Rildon. **Paradigmas do ensino de Literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

Disponível: <https://pt.scribd.com/document/258755123/BARBOSA-Begma-Tavares-Letramento-literario-sobre-a-formacao-escolar-do-leitor-jovem-pdf> Acesso: 23. Mar. 2024.

Eiras, P. (2010). Para que servem as histórias que metem medo? In E. Morujão, & Z. Santos (Coords.), **Literatura culta e popular em Portugal e no Brasil: Homenagem a Arnaldo Saraiva**. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10410.pdf>. Acesso: 11 abr. 2024.

FAILLA, Zoara (org). Retratos da leitura no Brasil 5.Ed. Rio de Janeiro, Sextante, 2019. Disponível em: https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf. Acesso: 23. Mar. 2024.

FRITZEN, C. (Org.); MULLER, Fernanda (Org.). **Ensino de literatura na escola**: reflexões práticas de letramento literário. 1ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1987.

GUIMARÃES, Alexandre Huady; BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Língua e literatura: Machado de Assis na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GUIMARÃES, Thelma Carvalho. **Linguística II**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2014.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. **Relatório Brasil no PISA 2022: versão preliminar**. Brasília, DF, 2022. Disponível em: https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2022/pisa_2022_brazil_prt.pdf. Acesso: 10 abril 2024.

JACOBS, W. W. “A mão do macaco” In: MANGUEL, Alberto (Org.). **Contos de horror do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.14-24.

JOBIM, José Luís. O ensino de Literatura. In: LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira; COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da & FILHO, Francisco Alves. (Org.) **Reflexões linguísticas e literárias aplicadas ao ensino**. Teresina: EDUFPI, 2010.

KLEIMAN, Angela B. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 17º ed. São Paulo: Pontes Editores, 2022.

KLEIMAN, Angela B. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas: Ponte, 1983.

KLEIMAN, Angela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: KLEIMAN, Angela B. (org). Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social de leitura e escrita. 10. Ed. Campinas: São Paulo: Mercado das Letras, 2008.

LAJOLO, M. **Literatura: leitores & leitura**. São Paulo: Moderna.

LIMA, A. J. R. A Teoria da Literatura, a Crítica Literária, a Psicopedagogia: instrumentos do professor na construção do letramento literário. In: LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira; COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da & FILHO, Francisco Alves. (Org.) **Reflexões linguísticas e literárias aplicadas ao ensino**. Teresina: EDUFPI, 2010.

Lovecraft, H. P. (2008). **O horror sobrenatural em literatura**. São Paulo: Iluminuras.

MAFRA, G. M; SEMECHECHEM, J. A.; MELLO, C. J. A. Conceitos de letramento na Base Nacional Comum Curricular do ensino fundamental. **Revista da Abralin**, v. 2, n 2, p. 406-430, 2002. Disponível em:

<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2113>. Acesso em: 05 mar. 2024.

NASCIMENTO, Jania Maria do; SILVA, Rosana Rodrigues da. Os círculos de leitura e a construção de sentidos da obra literária. **Revista de Educação do Vale do Arinos - RELVA**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 104–118, 2023. DOI: 10.30681/relva.v10i2.11578. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/11578>. Acesso em: 5 abr. 2024.

Neto, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, Elisa. Leitura e escrita hoje. In: SATO, Denise Tamaê Borges; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; SANTOS, Ricardo de Castro Ribeiro (orgs.). **Ler, escrever, agir e transformar**: uma introdução aos novos estudos do letramento. Recife: Pipa Comunicação, 2016.

ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo DE Moura (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROUXEL, Annie. A apropriação singular das obras e da cultura literária. Tradução de Amaury C. Moraes. In: ROUXEL, Annie et. al. (orgs.) **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

SOARES, M. Alfalettar: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

Soares, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

SOUZA, K. R.; KERBAUY, M. T. M. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 21–44, 2017. DOI: 10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v31n61a2017-p21a44. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/29099>. Acesso em: 21 abr. 2024.

STREET, B. V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TEZI, Sylvia B. **A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados**. In: KLEIMAN, Angela B. (org). Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social de leitura e escrita. 10. Ed. Campinas: São Paulo: Mercado das Letras, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: 2009.

WILDER, Oscar. **O fantasma de Canterville e outros contos**. Trad. Thalita Uba. São Paulo: Principis, 2020.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino de literatura livro eletrônico**. Curitiba: Ibpex, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOBRE LEITURA LITERÁRIA

Este questionário possui o objetivo de conhecer os hábitos da leitura literária e outras particularidades sobre a relação de vocês (alunos) como a temática do terror. Deixando claro que é importante que você responda às questões com sinceridade, visto que ele será fonte de investigação para a pesquisa sobre letramento literário com a qual o professor está desenvolvendo com vocês.

Nome: _____

Idade: _____

1- Você gosta de ler textos literários (ficcionais)?

2- Quantos livros você leu aproximadamente?

☐ Nenhum

☐ 1-5

☐ 6-10

☐ 11-20

3- Qual gênero literário você prefere?

☐ Crônica

☐ Conto

☐ Romance

☐ Novela

4- Em quais circunstâncias você costuma ler?

☐ Em casa

☐ Na escola

5- Quais livros você já leu e que mais gostou?

6- Quais atividades lhe agradam após a leitura do texto literário?

☐ Oficinas em grupos

☐Atividade de interpretação individual

☐Reescrita do texto literário

☐Fichamento

☐Jogos ou dinâmicas

7- Você gosta de história de terror e mistério?

☐Sim

☐Não

8- Como você teve contato com elas?

☐Oralmente

☐Televisão

☐Leitura

☐Cinema

9- Você costuma ler os textos literários indicados pela escola?

☐Sim

☐Não

ANEXO A - DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

LETRAMENTO LITERÁRIO COM ALUNOS 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO A PARTIR DA LEITURA DE CONTOS DE TERROR

Eu, Antônio Sérgio Amorim, portador do CPF: 046.353.203-16 e RG: 3160.632, comprometo-me a anexar os resultados da pesquisa na Plataforma Brasil, garantindo o sigilo relativo às propriedades intelectuais e patentes industriais.



ANTÔNIO SÉRGIO AMORIM SANTOS

Esperantina, 01 de setembro de 2024.

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

O(A) menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa **“LETRAMENTO LITERÁRIO COM ALUNOS 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO A PARTIR DA LEITURA DE CONTOS DE TERROR”**, cujo objetivo é promover o letramento literário que é a escolarização e a promoção da literatura na escola, a fim de formar leitores, numa turma de 7º ano do Ensino Fundamental.

O motivo que nos leva a pesquisar esse assunto é a importância que a leitura literária tem na formação do ser humano. Para essa pesquisa, os(as) alunos(as) deverão participar de oficinas de leitura a serem desenvolvidas em sala de aula.

Para participar desta pesquisa, o(a) menor sob sua responsabilidade não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes da pesquisa, ele(a) tem assegurado o direito à indenização. Ele(a) será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou não da pesquisa. Você, como responsável pelo(a) menor, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele(a) a qualquer momento. A participação do(a) menor é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma como é atendido(a). O pesquisador irá tratar a identidade do(a) menor com padrões profissionais de sigilo, pois o(a) menor não será identificado em nenhuma publicação.

Toda investigação realizada por meio de pesquisa envolvendo seres humanos, independente de sua natureza, implica alguns riscos. No caso específico deste estudo, podemos apontar três principais: Constrangimento, Saída da rotina e Trauma. Poderá haver constrangimento na revelação de dados pessoais e/ou relativos ao conhecimento dos alunos. Para evitar esse risco, os participantes terão sua identidade mantida em sigilo. A saída da rotina poderá ocorrer, pois na realização das oficinas poderá haver desmotivação ou resistência por parte dos alunos. Para evitar esse possível risco, as oficinas serão realizadas nos horários e dias das aulas de Língua Portuguesa conforme o calendário escolar, além disso, para o aluno, ou grupo de alunos, que preferir não participar das oficinas, serão planejadas atividades escritas sobre conteúdos já ministrados para realização em

sala de aula com acompanhamento da professora que dará apoio tanto aos participantes das oficinas como aos demais. E por fim a participação em uma pesquisa, se negativa, poderá causar traumas psíquicos aos envolvidos. Para evitar esse risco, assegura-se o cuidado pedagógico com a escolha do instrumento de coleta de dados e o respeito ao ritmo de aprendizagem dos sujeitos.

Esta pesquisa tem o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, um colegiado responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A função do CEP está baseada nas diretrizes éticas brasileiras (Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, e complementares), segundo a qual toda pesquisa envolvendo seres humanos deverá ser submetida à apreciação de um CEP. As atribuições do CEP são de papel consultivo e educativo, visando contribuir para a qualidade das pesquisas, bem como a valorização do pesquisador, que recebe o reconhecimento de que sua proposta é eticamente adequada.

Ressaltamos, ainda, que os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada, sendo que o nome e/ou o material que indique a participação do(a) menor não serão liberados sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos e, após esse tempo, serão destruídos.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável, na escola em que a pesquisa será realizada, e a outra ficará com você.

Desde já, agradecemos a sua colaboração!

Eu, _____,
portador do RG _____, responsável pelo (a)
menor: _____, declaro que concordo que ele (a)
participe desta pesquisa e que fui informado(a) de que, a qualquer momento,
poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do(a) menor sob minha
responsabilidade de participar da pesquisa. Declaro, ainda, que recebi uma via
original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que me foi dada a
oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Esperantina, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do (a) responsável

Nome do pesquisador: ANTÔNIO SÉRGIO AMORIM SANTOS
Instituição: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
Cel.: 86-3-99576-2727
E-mail: asergioamorims@aluno.uespi.br

ANEXO C - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: LETRAMENTO LITERÁRIO COM ALUNOS 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: um estudo a partir da leitura de contos de terror

Pesquisador Responsável: Antônio Sérgio Amorim Santos

Pesquisador Orientador: Dr. Luciano Ferreira da Silva

Instituição: Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

Eu, professor Antônio Sérgio Amorim Santos, convido você a participar do estudo **LETRAMENTO LITERÁRIO COM ALUNOS 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: um estudo a partir da leitura de contos de terror**

. Informamos que seu pai/mãe ou responsável legal permitiu a sua participação. Pretendemos saber se você consegue fazer a leitura e solicialização e interpretação de contos com o restante da turma.

Gostaria muito de contar com você, mas você não é obrigado a participar e não tem problema se desistir.

A pesquisa será feita na nossa escola mesmo, onde você fará uma atividade de marcar a alternativa correta. Todas esas atividades serão em forma de oficinas de leitura que estão feitas em aproximadamente 5 aulas, ou seja, uma semana. Para isso, será usado/a uma atividade fotocopiada, lápis e borracha, ele é considerado (a) seguro (a), não haverá riscos mínimos/previsíveis.

Caso aconteça algo errado, você, seus pais ou responsáveis poderá (ão) me procurar na própria escola ou entrar em contato pelo grupo da turma no WhatsApp. A sua participação é importante para que a gente possa ver como vocês desenvolvem na leitura e conseqüentemente na aprendizagem. E assim ajudar outros jovens e professores da educação como acontece a apropriação da escrita. As suas informações ficarão sob sigilo, ou seja, ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão publicados, quando o professor apresentar o trabalho e for aprovada, mas sem identificar dados pessoais, vídeos, imagens e áudios de gravações de você.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Plataforma Brasil com o número 7.250.216 um órgão que protege o bem-estar, a dignidade, a segurança e garante os direitos dos participantes de pesquisas.

Nome do(a) participante: _____

Assinatura: _____ **Local e data:** _____

Declaração do pesquisador

Declaro que obtive de forma apropriada, esclarecida e voluntária o Consentimento Livre deste participante para a participação neste estudo. Entreguei uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e a última assinada por mim ao participante e declaro que me comprometo a cumprir todos os termos aqui descritos.

Nome do (a) Pesquisador Responsável: Antônio Sérgio Amorim Santos

Assinatura: _____

Local e data: _____

Assinatura: _____

Local/data: _____

ANEXO D – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO
PARÁ - CESUPA

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: LETRAMENTO LITERÁRIO COM ALUNOS 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO A PARTIR DA LEITURA DE CONTOS DE TERROR

Pesquisador: ANTONIO SERGIO AMORIM SANTOS

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 84502924.2.0000.5169

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.349.719

Apresentação do Projeto:

O levantamento dos dados será constituído por questionários, fichas de leitura, rodas de leitura para socializar os textos lidos e sequência básica, de Rildo Cosson, anotações das observações da leitura dos contos selecionados com a finalidade de identificar as mudanças e transformações da prática da leitura literária na escola. Servirá como apoio para a pesquisa os contos de Edgar Allan Poe, Lygia Fagundes Telles, dentre outros autores que abordam a temática.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo primário dessa pesquisa é analisar como a leitura de contos de terror pode contribuir com o letramento literário com vista a desenvolver o gosto pela leitura em alunos do 7º ano do ensino fundamental contribuindo, dessa forma, para o letramento literário que é o processo de escolarização da literatura e a formação do leitor.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

As oficinas serão realizadas nos horários e dias das aulas de Língua Portuguesa conforme o calendário escolar de forma que não fique cansativo para os alunos. O pesquisador terá o cuidado pedagógico com a escolha do instrumento de coleta e o respeito ao ritmo de aprendizagem dos sujeitos. Lembrando que todo material coletado será destruído após cinco

Endereço: Av. Almirante Barroso n.3775

Bairro: Souza

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)4009-9100

CEP: 66.613-903

E-mail: cep@cesupa.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO PARÁ - CESUPA



Continuação do Parecer: 7.349.719

anos da realização da pesquisa e a identidade será preservada, já que serão utilizados códigos alfanuméricos (Exemplo: M1, H2) para se referir aos participantes. VALE LEMBRAR QUE OS ALUNOS FARÃO LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS, TEXTOS ESSES QUE SÃO ABORDADOS DESDE A PRÉ-ESCOLA, POR ISSO NÃO HÁ RISCOS NENHUM

Benefícios:

A realização da pesquisa é relevante porque promoverá a construção de saberes indispensáveis na formação do leitor literário ainda no ensino fundamental. Outro benefício que a pesquisa trará é a possibilidade de socialização dos alunos na sala de aula, o trabalho com a oralidade e perda da vergonha de falar em público.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e carece de maiores reflexões acerca dos riscos da pesquisa. Porém, as correções realizadas já permitem início da coleta de dados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados adequadamente.

Recomendações:

1. Para qualquer pesquisa com seres humanos, os pesquisadores, independente da área de estudo, precisam tomar posse das Resoluções que regem as pesquisas no Brasil. O pesquisador responsável menciona que sua pesquisa "NÃO TEM RISCO NENHUM". Portanto, sugerimos as leituras das Resoluções 466/12 e 14874/2024, para domínio dos termos empregados e conceitos de ética em pesquisa com seres humanos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

1. Ainda é necessária reflexão e escrita dos riscos da pesquisa e de como o pesquisador irá minimizá-los. Porém, as correções feitas já permitem início da coleta de dados por parte do pesquisador responsável.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	10/12/2024		Aceito

Endereço: Av. Almirante Barroso n.3775

Bairro: Souza

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)4009-9100

CEP: 66.613-903

E-mail: cep@cesupa.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO PARÁ - CESUPA



Continuação do Parecer: 7.349.719

Básicas do Projeto	OJETO_2411562.pdf	11:33:05		Aceito
Outros	QuestIOnARIO3.docx	10/12/2024 11:29:39	ANTONIO SERGIO AMORIM SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PREPROJETO.docx	10/12/2024 11:27:27	ANTONIO SERGIO AMORIM SANTOS	Aceito
Outros	questionario02.docx	10/12/2024 11:24:41	ANTONIO SERGIO AMORIM SANTOS	Aceito
Outros	questionario.docx	10/12/2024 11:24:20	ANTONIO SERGIO AMORIM SANTOS	Aceito
Outros	TALE.docx	10/12/2024 11:24:01	ANTONIO SERGIO AMORIM SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	03/12/2024 11:30:56	ANTONIO SERGIO AMORIM SANTOS	Aceito
Outros	ATIVIDADECOLETADEADOS.docx	02/12/2024 21:35:48	ANTONIO SERGIO AMORIM SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	folharostoPDF.pdf	06/11/2024 10:58:53	ANTONIO SERGIO AMORIM SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELEM, 29 de Janeiro de 2025

Assinado por:
Celice Cordeiro de Souza
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Almirante Barroso n.3775

Bairro: Souza

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)4009-9100

CEP: 66.613-903

E-mail: cep@cesupa.br